

AS LÓGICAS ESPACIAIS E A SELETIVIDADE SOCIOESPACIAL DO SISTEMA BANCÁRIO EM LONDRINA – PR

TAMIRES EUGENIA BARBOSA



**PRESIDENTE PRUDENTE
2020**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Presidente Prudente

As lógicas espaciais e a seletividade socioespacial do sistema bancário em Londrina – PR

TAMIRES EUGENIA BARBOSA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Tecnologia /UNESP - Campus de Presidente Prudente – SP.

Pesquisa orientada por Maria Encarnação Beltrão Sposito

Presidente Prudente

2020

Ficha Catalográfica

B238l	Barbosa, Tamires Eugenia As lógicas espaciais e a seletividade socioespacial do sistema bancário em Londrina – PR / Tamires Eugenia Barbosa. -- Presidente Prudente, 2020 141 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente Orientadora: Maria Encarnação Beltrão Sposito 1. Lógicas espaciais. 2. Setor bancário. 3. Seletividade socioespacial. 4. Cidades médias. 5. Londrina. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

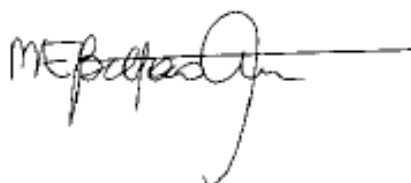
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: As lógicas espaciais e a seletividade socioespacial do sistema bancário: o processo de reestruturação da cidade de Londrina – PR.

AUTORA: TAMIRES EUGENIA BARBOSA

ORIENTADORA: MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em GEOGRAFIA, área:
Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr. ARTHUR MAGON WHITACKER
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr WILLIAM RIBEIRO DA SILVA
Departamento de Geografia / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Presidente Prudente, 08 de julho de 2020

Ao meu pai Luiz e minha mãe Silza;

Aos meus irmãos Rafael, Júlia e Luiz Guilherme;

À minha tia Derly e ao Fabrício;

Pessoas que me inspiram.

A todos aqueles que gostariam de ter a oportunidade do acesso à educação.

Agradecimentos

Às forças divinas por permitirem que de alguma forma eu chegasse até aqui.

À minha família.

Às minhas amigas e amigos: Agda, Fabiana, Mariana Rodrigues, Elines, Guilherme, Fredi, Alex Sander; pelo incentivo, apoio e companhia, inclusive nos momentos mais delicados e desafiadores.

À mes chers français, François Moriconi et Cathy Chatel. La gratitude que je ressens pour vous est inexplicable.

Merci Cathy, pour l'opportunité d'entrer dans votre maison et Geopolis et de rencontrer des gens merveilleux.

François, merci beaucoup, pour tant de conversations, de câlins, d'aide, d'enseignement. Vous m'avez aidé à rendre cela possible.

Je vous aime tous les deux!

Às minhas amigas Janaína e Keila, por tornarem essa mudança de ciclo um pouco mais leve, foi um presente muito grande essa reaproximação.

À minha querida orientadora Maria Encarnação, mais conhecida como Carminha. Obrigada por permanecer junto a mim durante esses quase 7 anos de orientação. Obrigada por toda ajuda que você me deu, que vai muito além de encontros teóricos. Sou grata por cada conselho e abraço!

A todas as entrevistadas e entrevistados, que prontamente aceitaram contribuir com essa dissertação.

A todos os professores e professoras da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp de Presidente Prudente que contribuíram para minha formação. Obrigada pela dedicação e empenho no ensino e pesquisa. Um agradecimento especial aos que contribuíram para a evolução desse trabalho.

À oportunidade de estudar integralmente no ensino público, na universidade pública, que, deveria ser de acesso universal. Ela transforma vidas (para melhor, é claro), transformou a minha.

Sem tudo e todos que foram citados a conclusão dessa etapa seria, com certeza, muito mais difícil.

É proibido chorar sem aprender,
Levantar-se um dia sem saber o que fazer
Ter medo de suas lembranças.

É proibido não rir dos problemas
Não lutar pelo que se quer,
Abandonar tudo por medo,

Não transformar sonhos em realidade.
É proibido não demonstrar amor
Fazer com que alguém pague por tuas dúvidas e mau-humor.
É proibido deixar os amigos

Não tentar compreender o que viveram juntos
Chamá-los somente quando necessita deles.
É proibido não ser você mesmo diante das pessoas,
Fingir que elas não te importam,

Ser gentil só para que se lembrem de você,
Esquecer aqueles que gostam de você.
É proibido não fazer as coisas por si mesmo,
[...]

Ter medo da vida e de seus compromissos,

Não viver cada dia como se fosse um último suspiro.
É proibido sentir saudades de alguém sem se alegrar,

Esquecer seus olhos, seu sorriso, só porque seus caminhos se encontraram,
Esquecer seu passado e pagá-lo com seu presente.
É proibido não tentar compreender as pessoas,
Pensar que as vidas deles valem mais que a sua,

Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte.
É proibido não criar sua história,
Deixar de dar graças a Deus por sua vida,

Não ter um momento para quem necessita de você,
Não compreender que o que a vida te dá, também te tira.
É proibido não buscar a felicidade,

Não viver sua vida com uma atitude positiva,
Não pensar que podemos ser melhores,
Não sentir que sem você este mundo não seria igual.

Alfredo Cuervo Barrero

[...] Concluiremos pedindo licença para dizer duas palavras que exprimem nosso entusiasmo pela geografia.

Haverá setor do conhecimento mais fortemente motivador que o nosso?

A geografia está entre os primeiros interesses do homem culto porque é a mais abrangente e singular das ciências. Associa fatos heterogêneos e diacrônicos e é a única comprometida, ao mesmo tempo, com a sociedade e a natureza. Seus limites são os da inteligência humana e seus horizontes, infinitos.

Professor José Bueno Conti

Resumo

Nessa dissertação analisamos a lógica de implantação de unidades de organizações bancárias em Londrina, cidade média do Paraná, com o objetivo de avaliar como essa lógica espacial favorece ou não o acesso da população a determinados setores da cidade.

Para elaborar essa análise, foram estudados os processos de tendência de localização histórica desse setor, consultando fontes que revelaram desde o local de instalação do primeiro empreendimento bancário até a localização dos Agências e Postos de Atendimento Bancário (PAB) e Postos de Atendimento Bancário Eletrônico (PAE).

Buscamos entender a disposição espacial das unidades bancárias pela perspectiva dos usuários desses serviços, sobretudo aqueles que têm menor acesso a eles. Por meio dos dados coletados e das entrevistas com cidadãos, foi possível constatar a seletividade espacial que se expressa pela localização dos serviços bancários, levando a distribuição pouco equitativa do acesso a eles pelos moradores e frequentadores da cidade. Constatou-se, ainda, que a lógica espacial dos ramos de serviços bancários articula-se à lógica mais geral de produção do espaço urbano na cidade. Apresentamos nossas análises destacando, sobretudo, os setores e eixos de Londrina onde esses empreendimentos estão e onde poderiam ou deveriam estar.

Palavras-Chave: Lógicas espaciais. Setor bancário. Seletividade socioespacial. Cidades médias. Londrina.

Abstract

In this dissertation, we analyze the logic of implanting banking branches in Londrina, a city in Paraná, and also how this spatial logic benefits or not the population's access to certain sectors of the city.

To elaborate this analysis, the trend processes of historical locations of this sector were studied, by consulting sources that revealed from the place of installation of the first banking enterprise to the location of Branches and Banking Service Points (PAB) and Electronic Banking Service Points (PAE).

We seek to understand the spatial arrangement of banking branches from the perspective of users of these services, especially those who have less access to them. Through the data collected and the interviews with city dwellers it was possible to verify the spatial selectivity that is expressed by the location of the banking services, leading to an unequal distribution of access to them by the residents and regulars of the city. It was possible to verify that the spatial logic of the branches of banking services is linked to the more general logic of production of urban space in the city. We present our analyses highlighting, above all, the sectors and axes of Londrina where these enterprises are and where they could or should be.

Keywords: Spatial logics. Banking sector. Socio-spatial selectivity. Medium city. Londrina

Résumé

Dans cette thèse, nous avons analysé la logique d'implantation d'unités bancaires à Londrina, ville de Paraná et aussi comment cette logique spatiale préférée ou non dans l'accès à la population des secteurs de la ville.

Pour élaborer cette analyse, les processus tendanciels de localisation historique de ce secteur ont été étudiés, en consultant des sources qui ont révélé depuis le lieu d'installation de la première entreprise bancaire jusqu'à l'emplacement des succursales et des points de services bancaires (PAB) et des points de services bancaires électroniques (PAE).

Nous cherchons à comprendre l'agencement spatial des unités bancaires du point de vue des utilisateurs de ces services, en particulier ceux qui y ont moins accès. Grâce aux données collectées et aux entretiens avec les citoyens, il a été possible de vérifier la sélectivité spatiale qui s'exprime par la localisation des services bancaires, conduisant à une répartition inégale de l'accès à ceux-ci par les résidents et les habitués de la ville. Il a été possible de vérifier que la logique spatiale des branches des services bancaires est liée à la logique plus générale de production de l'espace urbain dans la ville. Nous présentons nos analyses en mettant surtout en évidence les secteurs et axes de Londrina où se trouvent ces entreprises et où elles pourraient ou devraient être.

Mots-clés: Logiques spatiales. Secteur bancaire. Sélectivité socio-spatiale. Villes moyennes. Londrina

Lista de Figuras

Figura 1 - Exemplo da página de busca dos Postos de Atendimento Bancário e Posto de Atendimento Bancário Eletrônico	29
Figura 2 - Exemplo da página de busca dos Postos de Atendimento Bancário Eletrônico da Rede 24Horas	29
Figura 3 - Exemplo de quadro dos endereços de todas as agências de Londrina	30
Figura 4 - Exemplo de quadro dos endereços de todos os Postos de Atendimento Bancário e Postos de Atendimento Bancário Eletrônico de Londrina	31
Figura 5 - Londrina. Detalhe do Mappa Parcial, 1939	57
Figura 6 - Planta da Cidade de Londrina, 1932.	76
Figura 7 - Londrina. PR 538, Avenida Madre Leônia Milito e Avenida Ayrton Senna da Silva, 2020.	107

Lista de Mapas

Mapa 1- Estado do Paraná: Mesorregiões 2020	60
Mapa 2- Estado do Paraná - Mesorregião Norte Central Paranaense. 2020	61
Mapa 3 - Londrina. Eixo e áreas de centralidade, 2020.	72
Mapa 4- Londrina. Principais vias, 2020.	90
Mapa 5- Londrina. Agências Bancárias, 2019.	92
Mapa 6- Londrina. Postos de Atendimento Bancário Eletrônico- Rede 24Horas (2019).....	94
Mapa 7 - Londrina. Postos de Atendimento Bancário Eletrônico e Postos de Atendimento Bancário (2019)	96
Mapa 8 – Londrina. Chefes de Família com rendimento até dois salários mínimos. 2010.	125
Mapa 9 – Londrina. Chefes de Família com rendimento superior a 20 salários mínimos 2010.....	126
Mapa 10 – Londrina. Densidade Demográfica, 2010.	130
Mapa 11 - Londrina. Fluxo de deslocamento dos entrevistados para acessar serviços bancários.....	131

Lista de Quadros

Quadro 1 - Londrina. Perfil dos cidadãos entrevistados.....	34
Quadro 2 – Brasil, Região Sudeste. Agências bancárias. 2008 a 2016.	40
Quadro 3 - Brasil, Região Sul. Agências bancárias. 2008 a 2016.	41

Quadro 4 – Brasil, Região Nordeste. Número de agências bancárias. (2008 a 2016).....	42
Quadro 5- Brasil, Região Centro-Oeste. Número de agências bancárias. 2008 a 2016.....	43
Quadro 6 – Brasil, Região Norte. Número de agências bancárias. 2008 a 2016	46
Quadro 7 - Londrina. População Urbana e População Rural.....	57
Quadro 8 – Brasil. População Urbana e População Rural	58
Quadro 9 Região Sul - Região de Influência das Cidades	59

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Brasil. Número de agências por regiões. 2008	47
Gráfico 2- Brasil. Número de agências por regiões. 2016	47

Lista de Fotografias

Fotografia 1: Londrina. Caixa Econômica Federal, 1936.	66
Fotografia 2- Londrina. Antiga localização da Caixa Econômica Federal do Paraná Avenida Rio de Janeiro esquina com Benjamin Constant, 2019.	66
Fotografia 3 - Londrina. Antiga localização da Caixa Econômica Federal do Paraná Avenida Rio de Janeiro esquina com Benjamin Constant, 2019.	67
Fotografia 4 - Londrina. Banco Noroeste (sem data)	68
Fotografia 5 - Londrina. Primeira agência do Banco do Brasil, 1940.	69
Fotografia 6 - Londrina. Praça Willie Davids, década de 1960.	77
Fotografia 7- Londrina. Rua Minas Gerais, década de 1960.	77
Fotografia 8- Londrina. Mansão na Avenida Higienópolis cruzamento com Rua Tupi, década de 1940	97
Fotografia 9 – Avenida Higienópolis. Construção da casa da família Garcia, sem data.	98
Fotografia 10 – Londrina. Avenida Higienópolis Casa da família Garcia (década de 1940)	98
Fotografia 11- Londrina. Avenida Higienópolis. Casa da família Garcia como sede do Banco Francês e Brasil, 1996.....	99
Fotografia 12 – Londrina. Avenida Higienópolis- Banco Santander Select, 2018.	100
Fotografia 13 –Londrina. Avenida Higienópolis- Banco Safra e Banco Santander, 2018.	101
Fotografia 14 – Londrina. Avenida Higienópolis- Banco Itaú Personnalité, 2018.....	101
Fotografia 15 – Avenida Higienópolis Caixa Econômica Federal, 2018.	102
Fotografia 16 - Londrina. Avenida Tiradentes. Banco do Brasil S.A, 2019.	102
Fotografia 17- Londrina. Avenida Tiradentes. Banco Santander S.A., 2019.....	103
Fotografia 18 – Londrina. Shopping Com-Tour. Caixa da Rede 24Horas, 2019.....	103

Fotografia 19 – Londrina. Avenida Madre Leônia Milito. Agência do Banco Bradesco S.A. 2019.....	106
Fotografia 20 – Londrina. Avenida Madre Leônia Milito, Caixa Econômica Federal. 2019.....	106
Fotografia 21 – Londrina. Av. Madre Leônia Milito. Banco do Brasil Estilo, 2018.	107
Fotografia 22- Londrina, Av. Madre Leônia Milito, fila para o Caixa Eletrônico 24Horas. 2019.....	109
Fotografia 23 – Londrina. Av. Madre Leônia. Milito Fila na Casa Lotérica. 2019.....	109
Fotografia 24- Londrina. Avenida Madre Leônia Milito, Estabelecimentos comerciais. 2017	110
Fotografia 25 - Londrina. <i>Shopping</i> Catuaí. Banco Santander S.A. 2018.....	112
Fotografia 26-Londrina. <i>Shopping</i> Catuaí. Caixa Econômica Federal e Caixas eletrônicos da Rede 24 Horas. 2018	112
Fotografia 27- Londrina. Avenida Saul Elkind. Estabelecimento comercial associado à rede regional de móveis e eletrodomésticos CEM, 2019.	114
Fotografia 28 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Estabelecimento comercial associado à rede nacional de móveis eletrodomésticos Magazine Luiza, 2019.	114
Fotografia 29 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Posto de Gasolina, 2019.	115
Fotografia 30 – Londrina. Avenida Saul Elkind. <i>Shopping</i> Saul Elkind, 2019.	115
Fotografia 31 – Londrina. Av. Saul Elkind. Agência do Banco do Brasil e estabelecimentos comerciais, 2018.	116
Fotografia 32 Londrina, Av. Saul Elkind. Banco Itaú S.A., 2018.....	116
Fotografia 33 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Banco Bradesco S.A., 2019.....	116
Fotografia 34– Londrina. Avenida Saul Elkind. Banco Sicredi, 2019.	117
Fotografia 35- Londrina. Avenida Saul Elkind. Caixa Econômica Federal, 2019.	117
Fotografia 36 – Londrina. Bairro União da Vitória Exemplo de estabelecimento comercial, 20189 ...	123
Fotografia 37- Londrina. União da Vitória. Exemplo de estabelecimento comercial, 2018.....	123
Fotografia 38- União da Vitória. Exemplo de estabelecimento comercial, 2018.	124
Fotografia 39 - Londrina. Interior do bairro União da Vitória	127
Fotografia 40 - Londrina. Interior do bairro União da Vitória (2018).....	127
Fotografia 41 Londrina. Vista do bairro Gleba Palhano sentido centro-bairro	128
Fotografia 42 Londrina. Vista do bairro Gleba Palhano a partir do Shopping Catuaí	128

Lista de Siglas

REGIC – Região de Influência das Cidades

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PAB – Posto de Atendimento Bancário

PAE – Posto de Atendimento Bancário Eletrônico

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos

UEL – Universidade Estadual e Londrina

IPULL - Instituto de Planejamento Urbano de Londrina

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

SUMOC - Superintendência da Moeda e do Crédito

SFN - Sistema Financeiro Nacional

PROES - Programa de Incentivo à Redução do Estado na Atividade Bancária

PROER - Programa de Estímulo à reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema financeiro Nacional

BANESTADO - Banco do Estado do Paraná

PIN - Programa de Integração Nacional

INCRA - O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná

IPARDES - Instituto o Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

ONU- Organização das Nações Unidas

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

UNIFIL - Centro Universitário Filadélfia

CESA - Faculdade Arthur Thomas

FIPAR - Faculdade de Tecnologia Inesul do Paraná

FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana

INESUL - Instituto de Ensino Superior de Londrina

PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

UNOPAR - Universidade do Norte do Paraná

UNICSUL - Universidade Cruzeiro do Sul

BANESTADO - Banco do Estado do Paraná

SFH - Sistema Financeiro de Habitação

BNH - Banco Nacional de Habitação

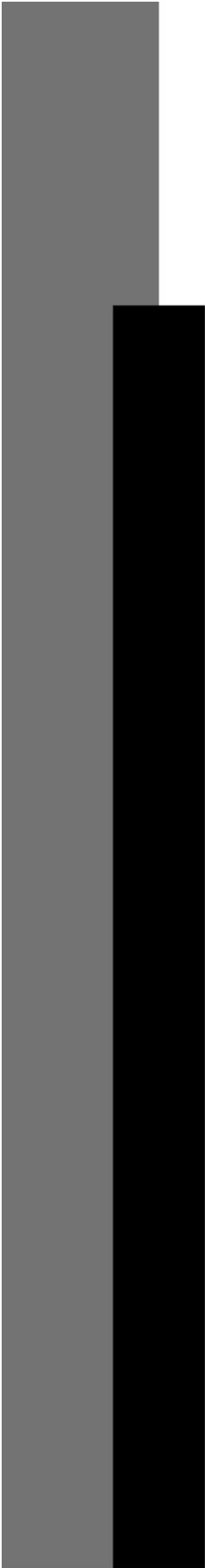
COHAB - Companhia de Habitação

ABL - Área Bruta Locável

SPVA - Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia

Sumário

Introdução	20
Capítulo 1 - O tema e os procedimentos metodológicos	23
1.1. O tema.....	23
1.2. Procedimentos metodológicos	27
Capítulo 2- A contextualização temática	36
2.1 Consolidação do sistema bancário brasileiro.....	36
Capítulo 3 – Londrina sua gênese e estruturação: movimentos de expansão urbana, múltiplas centralidades e os primeiros sinais de fragmentação socioespacial	50
3.1. O desenvolvimento das regiões paranaenses.....	52
3.2. Do rural ao urbano - Londrina e região.....	54
3.3. Londrina - Uma importante cidade da rede urbana	60
3.4. Os primeiros bancos na cidade	65
3.5 O centro a partir de várias concepções.....	73
3.6 O centro principal de Londrina.....	76
3.7 Setor Norte: conjuntos habitacionais, subcentro e <i>shopping</i> popular.	78
3.8. Setor Sudoeste e a chegada do shopping center	82
Capítulo 4 - Organização do sistema bancário em Londrina, reestruturação do setor e seletividade socioespacial.....	87
4.1 Onde as agências estão.....	91
4.2 Onde os bancos deveriam estar mais presentes	113
Considerações finais	134
Referências	138



INTRODUÇÃO

Introdução

O sistema bancário brasileiro passou por diversas transformações ao longo da sua história, desde que a primeira atividade financeira foi realizada, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, em 1808.

A concentração bancária ocorrida em determinadas regiões reflexo do processo de desenvolvimento econômico do país, passou por alterações após intervenções em formato de políticas públicas implementadas pós meados do século XX.

Essa concentração espacial detectada em escala mais ampla em determinadas regiões do país, repete-se na configuração de algumas cidades brasileiras, sobretudo nas maiores e nas médias, como é o caso de Londrina, no Paraná, escolhida como objeto de estudo dessa dissertação.

Londrina é entendida como uma cidade média no âmbito da rede urbana e que está inserida. Exerce importante papel de centralidade interurbana no norte do estado e tem suas origens no projeto de colonização inglesa implementado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), compreendida então como política de desenvolvimento econômico regional, por meio do cultivo do café. Até os dias atuais se apresenta como a cidade mais importante dessa porção do estado e contabiliza o maior número das agências bancárias em seu espaço urbano dentre todas as cidades do Norte do Paraná.

Apresentamos nessa dissertação discussão acerca do desenvolvimento do sistema bancário no Brasil, como ele se originou, modificou-se e se estruturou ao longo dos anos, tratando de elementos que oferecem subsídios para entendê-lo, tendo em vista nosso principal objetivo, que é analisar as lógicas espaciais de localização das unidades bancárias em Londrina.

No primeiro capítulo, há uma apresentação sobre o tema escolhido discorrendo sobre as primeiras justificativas de algumas escolhas, fazendo-se uma contextualização temática, frisando as relações com os estudos anteriores realizados e os caminhos percorridos para chegar até o tema dessa dissertação.

No segundo capítulo, efetuamos também uma breve contextualização relativa aos primeiros bancos no Brasil, no século XIX e, posteriormente, tratamos do período mais contemporâneo.

No terceiro capítulo, enfocamos a estruturação das regiões paranaenses para se compreender a criação de Londrina. Buscamos entender o contexto de criação da cidade, como ela se estruturou com o passar do tempo, considerando as influências nesse processo, a transformação urbana ocorrida com o passar dos anos, apresentando alguns resultados de uma pesquisa documental, realizada sobretudo em jornais antigos onde há o registro da chegada dos primeiros bancos na cidade.

No quarto capítulo, abordamos a organização do sistema bancário em período mais recente, com o intuito de apresentar mais resultados da pesquisa, discutindo se de fato houve um processo de reestruturação desse setor com abordagens apoiadas também no olhar dos cidadãos e a análise de dados obtidos pela pesquisa.

Por fim, no quinto capítulo, fazemos um esforço de síntese, analisando no que estão pautadas as lógicas econômicas e espaciais do sistema bancário em Londrina, avaliando se suas escolhas assemelham-se, por exemplo, à lógica de localização de outros ramos de atividade econômica ligados ao comércio e aos serviços em geral.



CAPÍTULO 1

O tema e os
procedimentos
metodológicos

Capítulo 1 - O tema e os procedimentos metodológicos

Iniciamos essa dissertação apresentando o seu tema e descrevendo os procedimentos metodológicos que percorremos. Nosso objetivo com esse primeiro capítulo é oferecer elementos para apreender como se deu nossas escolhas, na sequência expomos os caminhos que percorremos para produzir o que apresentamos neste texto.

Parte das descrições feitas farão sentido maior no decorrer dos demais capítulos, à medida em que os resultados decorrentes destes procedimentos forem sendo analisados e, se considerar adequado, o leitor pode retomar o que apresentamos aqui. De outro lado, a opção por esta seção da dissertação oferece uma visão de conjunto que pode ser útil para a leitura.

1.1. O tema

A dissertação de mestrado em desenvolvimento constrói-se como continuação de uma Iniciação Científica realizada durante o período de três anos de graduação, na qual estudamos o processo de reestruturação bancária em três cidades médias paulistas - Marília, Ribeirão Preto e São Carlos.

A pesquisa esteve atrelada ao “Projeto Temático” denominado “Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo” financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que, em linhas gerais, buscava estudar:

As relações entre reestruturação urbana e reestruturação da cidade, tomando-se como referência o consumo, que será analisado segundo três planos analíticos: 1) as **NOVAS LÓGICAS DE LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS**, desenvolvidas como estratégias dos agentes econômicos, orientadas pela ampliação e pela diversificação do consumo, geram NOVAS PRÁTICAS ESPACIAIS entre os que se apropriam do espaço urbano; 2) essas práticas, tanto quanto essas lógicas, redefinem o processo de estruturação urbana, promovem **REESTRUTURAÇÃO URBANA** e inserem as redes urbanas em escalas mais abrangentes, revelando uma divisão interurbana do trabalho mais complexa, bem como expressam vetores do processo mais amplo de mundialização da economia e de globalização dos valores; 3) elas reorientam o processo de estruturação dos espaços urbanos, podendo-se reconhecer uma **REESTRUTURAÇÃO DAS CIDADES**, expressando uma nova divisão econômica e social do espaço, que revela aprofundamento das desigualdades socioespaciais, tanto quanto reconstitui as diferenças socioespaciais, agora orientadas, sobretudo, pelas novas formas de consumo. Para esta proposta de pesquisa, esses três planos analíticos só ganham sentido em suas articulações, de modo a contemplar, na análise, as condicionantes subjetivas

e objetivas, as dimensões sociais e econômicas. As práticas espaciais e as lógicas econômicas são tomadas, neste projeto, como possibilidades de se fazer a leitura das transformações urbanas e das cidades, sendo este o foco central da análise. O consumo é considerado como o meio a partir do qual as práticas e as lógicas podem ser apreendidas no período atual, razão pela qual ele foi eleito como importante para esta pesquisa, ainda que não seja o objeto de nossa investigação. O ponto de vista que justifica tomar o consumo como um caminho para compreender as práticas e as lógicas está fortemente apoiado na ideia de Bourdin (2005), para quem o consumo mudou de intensidade e conteúdo, bem como de status, conformando o mundo e se associando à tendência de individualização da experiência e aos processos de diferenciação. (SPOSITO, 2011, p.3, grifo da autora)

O projeto contemplou o estudo de seis cidades médias, sendo cinco paulistas, Marília, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São Carlos e São José do Rio Preto, e uma paranaense, Londrina.

Quando abordamos a localização das agências bancárias, no caso do Brasil em cidades médias, verificamos que tem importante significado para o reforço da centralidade urbana, na escala da rede urbana e na da cidade, como duplo processo de urbanização, exercendo influência sobre os centros das cidades, seja o centro histórico e/ou principal, sejam subcentros, centros especializados, *shoppings centers*, eixos comerciais e de serviços etc. (SPOSITO, 2012, p. 48).

A forte presença de distintas agências junto aos grandes eixos comerciais das cidades sugeria o peso econômico que apresentam tanto no que se refere à localização delas, como no tocante às possibilidades de atrair usuários, sendo que o estudo das lógicas espaciais executadas pelos grandes grupos que operam o sistema bancário tem exercido importante influência na articulação entre reestruturação urbana (SOJA, 1993) e das cidades (SPOSITO, 2005).

O setor bancário pode ser considerado como um vetor que reforça papéis das cidades médias, já que em suas dinâmicas de reestruturação de gestão e funcionamento, os grandes conglomerados do setor financeiro e bancário vêm, nas duas últimas décadas, fechando unidades em cidades pequenas, reforçando o papel das agências em cidades médias e grandes, e concentrando papéis de comando em metrópoles, nacionais e globais. Em contrapartida, há o aumento do número de Postos de Atendimento Bancário Eletrônico, o que modifica, de forma significativa, as dinâmicas de estruturação do espaço urbano (SPOSITO, 2007). A autora ainda ressalta que, atualmente, no Brasil, encontram-se cidades denominadas médias que tiveram seus papéis ampliados e suas redes de relações se tornaram

supra regionais (entendida aqui a região composta pelas cidades pequenas que ela polarizava e ainda polariza) (SPOSITO, 2007). Tal tipo de redefinição pôde ser verificado no caso de Ribeirão Preto, por exemplo, onde a centralidade relacionada ao agronegócio atinge um território muito maior que aquele composto por sua região imediata de polarização. (BARBOSA, 2015).

Com a realização da Iniciação Científica, entre os anos de 2013 e 2015, foram obtidos resultados importantes acerca do tema. Analisamos a localização escolhida para a instalação das agências nas três cidades estudadas, Marília, São Carlos e Ribeirão Preto, e foi possível constatar que essa escolha resultou em um reforço da centralidade na escala da cidade, porque estão juntas aos denominados centro principal, fortalecendo uma hipótese que já era levantada pela autora do trabalho.

Foi possível notar também, algumas características singulares: para o caso de Ribeirão Preto, foi necessário levar em consideração o contexto de fundação e desenvolvimento da cidade pautado no plantio e escoamento da produção do café, durante o ciclo econômico cafeeiro pelo qual o país passou durante o século XIX, contexto esse, que, inclusive, apresenta semelhanças ao caso de Londrina.

Pareceu-nos, então, face à experiência anterior que seria interessante ter Londrina como objeto da pesquisa atual, uma vez que ela precisava ser apreendida em seu importante papel de intermediação na rede urbana, visto que apresenta grande complexidade funcional e exerce significativo papel na rede urbana em que está inserida.

Umas das justificativas para a escolha de Londrina para a dissertação de mestrado apoia-se na continuidade da pesquisa realizada pelo Projeto Temático citado acima. Também perpassa pelo fato de que ela se constitui numa cidade de articulação na rede urbana regional, polarizando outras cidades de menor porte ao seu redor. Tem importante papel de intermediação quanto à concentração da produção industrial, agropecuária e, principalmente, à concentração de comércio e serviços, atraindo, assim, fluxos regionais de grande abrangência, formando uma aglomeração urbana em eixo (BRAGUETO, 2007 *apud* SPOSITO, 2011) e do tipo mononuclear com as cidades de Ibiporã, a leste, e Cambé e Rolândia, a oeste (TAVARES, 2001, p. 13 *apud* SPOSITO, 2011). Esta aglomeração urbana passa por um processo dinâmico no tocante às formas dispersas pelas quais vem assumindo a expansão da malha urbana em eixo. (SPOSITO, 2011, p. 31).

Considerando o que foi exposto nos parágrafos anteriores, sobre a pertinência de uma pesquisa acerca do sistema bancário em Londrina, traçamos alguns objetivos que orientaram a pesquisa que fundamenta essa dissertação.

Faz-se fundamental analisarmos o contexto histórico de implantação das principais redes bancárias na cidade estudada, traçando já inicialmente, as lógicas espaciais que orientam a localização das agências bancárias e Postos de Atendimento Bancário Eletrônico (PAEs). Analisamos a perspectiva dos usuários dos serviços bancários que moram onde não há presença física desses serviços, com enfoque especialmente nas áreas mais periféricas, o intuito é compreender as práticas espaciais desse usuários e as possíveis dificuldades de acesso ao serviço devido à lógica de localização das agências bancárias, PABs e PAEs.

Para atender aos objetivos determinados buscaremos:

- Identificar onde as agências bancárias e os postos de atendimento bancário e eletrônico estão instalados, buscando as razões das escolhas espaciais feitas pelos bancos.
- Avaliar se a localização das agências define ou orienta características ao perfil das áreas onde estão instaladas.

- Observar a relação entre a instalação das agências e o uso do solo residencial, para verificar se há ou não aumento da segmentação socioespacial.
- Compreender as práticas espaciais e dificuldades de acesso a esse tipo de serviço pelos usuários, por conta da localização de agências, postos de atendimento bancário e caixas eletrônicos, sobretudo àqueles em que a segregação é imposta.

1.2. Procedimentos metodológicos

O estudo do sistema bancário e de sua reestruturação em Londrina, nessa dissertação, deu-se a partir de um conjunto de procedimentos de pesquisa, sem os quais seria difícil o cumprimento dos objetivos propostos no início desse estudo. Especialmente no campo da Geografia, a pesquisa para ser realizada precisa de consulta e utilização de fontes e, também, do trabalho de campo.

Para a realização das análises aqui efetuadas foram utilizados diversos procedimentos metodológicos. Eles estavam previstos no projeto inicial, ainda que tenham sido realizadas as adaptações que se fizeram necessárias ao longo da construção da pesquisa.

Apresentamos os procedimentos e etapas em forma de tópicos com o intuito de melhor organizar o entendimento dos passos, pretendemos também dar subsídios ao leitor para que visualize ao longo da dissertação os resultados que foram alcançados a partir da execução desses procedimentos. Desse ponto de vista, outra razão desta seção, é a de demonstrar a acuidade do processo realizado.

i) Levantamento e revisão bibliográfica

Foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema, a partir de algumas palavras-chave, agrupadas por temas relacionados. As palavras-chave foram determinadas a partir dos objetivos delineados.

a) Ao sistema bancário: sistema bancário; reestruturação bancária; redes bancárias; urbanização de Londrina; agências em Londrina.

b) À cidade e à urbanização: rede urbana do Paraná; urbanização de Londrina; história de Londrina; criação de Londrina; produção do espaço em Londrina e;

c) Aos conceitos básicos para a discussão dessa dissertação: reestruturação urbana; fragmentação socioespacial; seletividade socioespacial; diferenciação socioespacial.

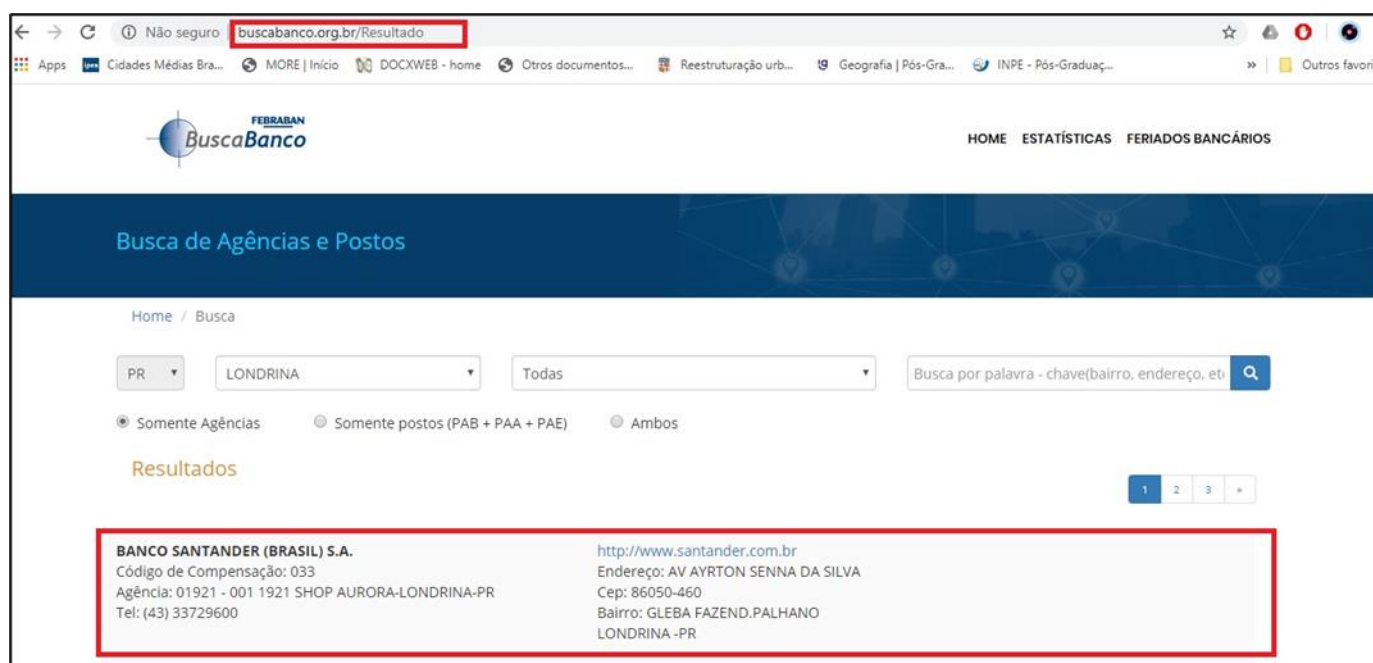
O levantamento e a revisão bibliográfica foram realizados tanto em plataformas disponíveis na internet (banco de teses e dissertações de Instituições de Ensino e Pesquisa, bibliotecas digitais – CAPES, CNPq, Scielo, portal de periódicos em geral, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Presidente Prudente, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Londrina, entre outros), quanto em bibliotecas físicas (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual de Londrina, Biblioteca Pública Municipal de Londrina Pedro Viriato Parigot de Souza).

ii) Levantamento e confirmação dos endereços das Agências, Postos de Atendimento Bancários (PAB), Postos de Atendimento Bancário Eletrônico (PAE) e Caixas 24Horas.

O levantamento de todos os endereços dos PABs e PAEs foi realizado pela internet através dos sites do Banco Central do Brasil (<https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/agenciasconsorcio>), da Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN - <http://www.buscabanco.org.br/>) e do Banco 24 Horas (<https://www.banco24horas.com.br/>).

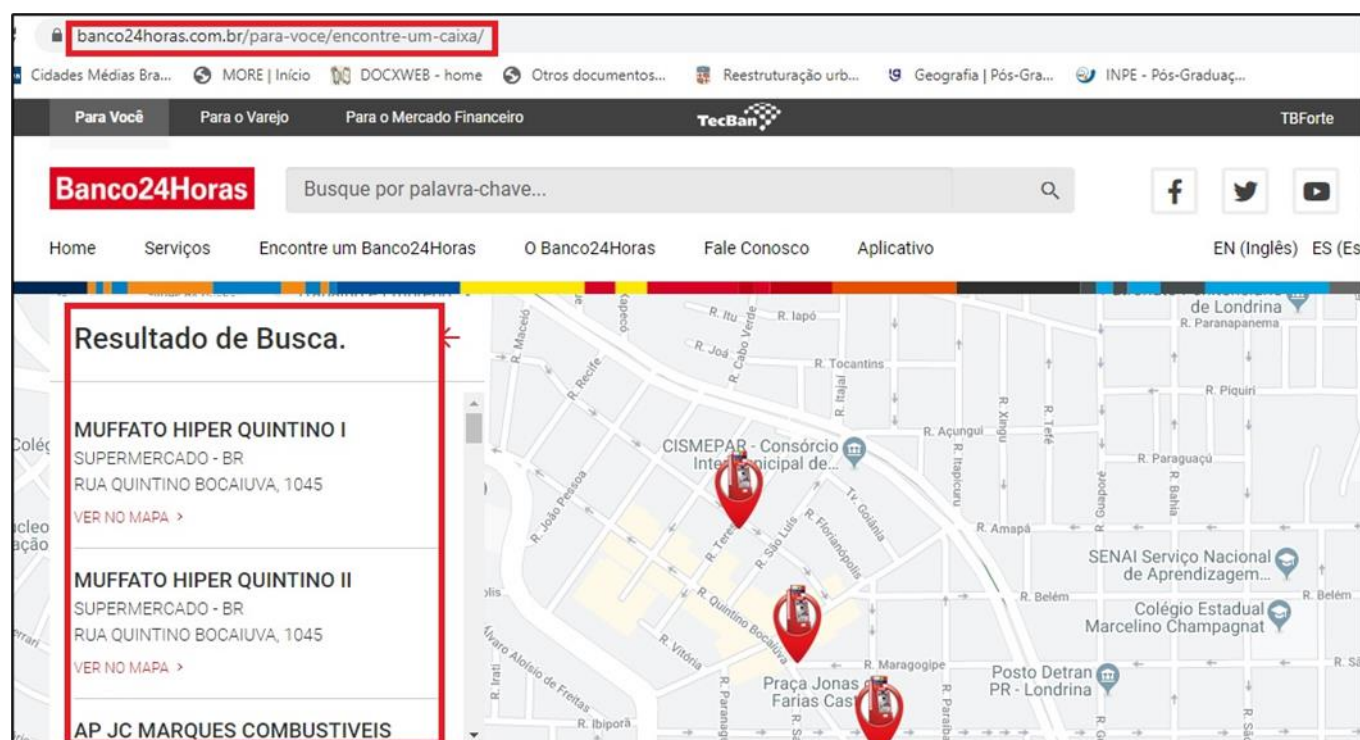
Na Figura 1, temos o *print screen* dos sites para que o leitor visualize como as informações estão dispostas.

Figura 1 - Exemplo da página de busca dos Postos de Atendimento Bancário e Posto de Atendimento Bancário Eletrônico



Fonte: <http://www.buscabanco.org.br/>

Figura 2 - Exemplo da página de busca dos Postos de Atendimento Bancário Eletrônico da Rede 24Horas



Fonte: <https://www.banco24horas.com.br/>

Os levantamentos de endereço das agências foram realizados antes da ida à campo e, posteriormente, a confirmação desses endereços foi realizada com a visita às agências

durante o trabalho de campo (nos meses de julho de 2018, julho de 2019 e dezembro de 2019). As confirmações foram feitas em áreas previamente estabelecidas, de acordo com setores da cidade e proximidade, uma vez que foram visitados por meio de deslocamentos por transporte coletivo ou a pé.

Conforme os endereços eram confirmados, a tabela em formato Excel era atualizada, como podemos ver nos *print screen* abaixo, Figuras 3 e 4.

Figura 3 - Exemplo de quadro dos endereços de todas as agências de Londrina

2019 - Agências				Tipo	Status
Banco	Endereço	Bairro	complemento		ok
BANCO SANTANDER S.A	Avenida AYRTON SENNA DA SILVA, 400	GLEBA FAZEND.PALHANO	Shop. Aurora		ok
BANCO SANTANDER S.A	Avenida BANDEIRANTES, 700	VL Ipiranga	Londrina- Bandeirantes		ok
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	Avenida DUQUE DE CAXIAS, 635	Caiçaras	Prefeitura		ok
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	Avenida INGLATERRA, 989	Iguapo			ok
ITAÚ UNIBANCO S.A.	Avenida INGLATERRA, 999	Sao Vicente	URB-LONDRINA-GINKO		ok
BANCO SANTANDER S.A	Rua PARANÁ, 273				ok
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	Rua PARANA 71,	Pé vermelho			ok
BANCO SANTANDER S.A	Avenida TIRADENTES 1295	Shangri-la			ok
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	Avenida DUQUE DE CAXIAS, 1601	JARDIM PETROPOLIS	Nova Londres		ok
BANCO BRADESCO S.A.	Avenida DUQUE DE CAXIAS, 1874	Vila Brasil			ok
BANCO DAYCOVAL S.A.	Avenida HIGIENÓPOLIS, 1601	JARDIM HIGIENÓPOLIS			ok
BANCO SANTANDER	Avenida HIGIENOPOLIS, 224	Centro			ok
BANCO SAFRA S.A.	Avenida HIGIENOPOLIS, 270				ok
BANCO CITIBANK S.A.	Avenida HIGIENÓPOLIS, 290				ok
ITAÚ UNIBANCO S.A.	Avenida avenida HIGIENÓPOLIS, 1601				ok
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	Avenida MADRE LEONIA MILITO, 550	Bela suíça			ok
BANCO SANTANDER S.A	Rua PARANA, 273				ok
ITAÚ UNIBANCO S.A.	Rua PARANA, 335				ok
CREDILON SOCIEDADE DE CRÉ	Rua PARANA, 35				ok
ITAÚ UNIBANCO S.A.	Rua PARANA, 540				ok
CAIXA ECONOMICA FEDERAL	Rua RIO DE JANEIRO. 339				ok

Fonte: FEBRABAN e Banco Central

Figura 4 - Exemplo de quadro dos endereços de todos os Postos de Atendimento Bancário e Postos de Atendimento Bancário Eletrônico de Londrina

	A	B	C	D
1	PAB PAE - 2019	Endereço	Modalidade	Status
2				
3	BANCO SANTANDER (BRASIL) S.A.	AVENIDA AYRTON SENNA DA SILVA,	PAB	ok
4	BANCO BRADESCO S.A.	AVENIDA HIGIENOPOLIS, 2400	PAB	ok
5	BANCO BRADESCO S.A.	AVENIDA PARANA, 217	PAE	ok
6	ITAÚ UNIBANCO S.A.	AVENIDA ANGELINA RICCI VEZZOZZO	PAB	ok
7	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA DO CAFE, 600	PAE	ok
8	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA DUQUE DE CAXIAS 1601	PAE	ok
9	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA DUQUE DE CAXIAS 635	PAE	
10	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA DUQUE DE CAXIAS 689	PAE	ok
11	BANCO BRADESCO S.A	AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 1200	PAE	ok
12	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA INGLATERRA, 989	PAE	ok
13	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA MADRE LEONIA MILITO, 55	PAE	
14	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA PARANÁ, 564	PAE	
15	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA PARANA, 71	PAE	ok
16	BANCO BRADESCO S.A.	AVENIDA PARANA, 109	PAE	ok
17	ITAÚ UNIBANCO S.A.	AVENIDA PARANA, 335	PAB	ok
18	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA RIO DE JANEIRO, 339	PAE	ok
19	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA ROBERT KOCH, 60	PAB	ok
20	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA SÃO PAULO,10	PAE	ok
21	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA SÃO PAULO,294	PAB	
22	BANCO BRADESCO S.A.	AVENIDA SAUL ELKIND, 2211	PAE	ok
23	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	AVENIDA SAUL ELKIND 1510	PAE	

Fonte: FEBRABAN e Banco Central

Os dados conferidos e inseridos nas respectivas tabelas foram utilizados para a produção dos mapas de localização das agências, PABs e PAEs.

A conferência presencialmente gerou a possibilidade de atualizar a lista que obtivemos antes da visita a campo acessando os sites do Banco Central e Federação Brasileira dos Bancos, eventualmente, algum endereço que estava na lista não existia mais presencialmente, mas é importante ressaltar que foram poucos casos em que isso ocorreu.

iii) Produtos cartográficos

O material cartográfico presente nessa dissertação pode ser dividido em duas categorias: a) os que foram elaborados com dados organizados pela autora; b) os que foram extraídos de trabalhos já realizados e da base de dados da PGI da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe).

iv) Trabalho de Campo

Foram realizados quatro trabalhos de campo. O primeiro foi em setembro de 2017, com o intuito de fazer um primeiro reconhecimento da cidade, visto que não conhecíamos Londrina, e de efetuar a confirmação do endereço de algumas agências. Nessa ocasião, foi possível fazer as primeiras observações sobre o perfil de algumas áreas da cidade, entre as quais consideramos relevantes: - o setor norte nas proximidades dos Cinco Conjuntos, tomando como referência a Avenida Saul Elkind; - o setor sudoeste, com foco nas áreas comerciais da Gleba Palhano e no Catuaí *Shopping* Londrina, e - o setor oeste nas proximidades da Universidade de Londrina -UEL. As fotografias registradas nessa ocasião também ajudaram nas primeiras análises sobre a cidade.

O segundo foi realizado em julho de 2018, com o objetivo de conhecer outros pontos da cidade e realizar as primeiras entrevistas. Nesta oportunidade, foi possível conhecer áreas que exercem centralidades importantes e que se desenvolveram ao longo da história de Londrina. As áreas visitadas foram: proximidades da Universidade Estadual de Londrina (UEL); setor sudoeste incluindo áreas dos espaços residenciais fechados; setor norte, trechos da Avenida Saul Elkind que não haviam sido visitados no primeiro trabalho de campo; setor leste, na proximidade da Avenida dos Pioneiros e Aeroporto; setor oeste, trecho da Avenida Tiradentes próximo ao *Shopping* Com-Tour e Centro. Houve a realização de entrevistas com alguns cidadãos e um professor do Departamento de Geografia da UEL, além de estabelecermos contato com outros professores e professoras dessa universidade e contar com o apoio importantíssimo para o desenvolvimento desta pesquisa.

Também foram realizadas visitas às agências bancárias para confirmação dos respectivos endereços. As agências visitadas estavam localizadas sobretudo no que podemos caracterizar como avenidas principais de cada área: Avenida Saul Elkind, Avenida São João, Avenida Inglaterra, Avenida Tiradentes. A Universidade Estadual de Londrina e o Catuaí *Shopping* Londrina também contam com agências que foram observadas nessa ocasião. Neste trabalho de campo, conseguimos realizar quatro entrevistas, com moradores dos bairros Parque Portal dos pioneiros (duas entrevistadas), Jardim Columbia D.

O terceiro trabalho de campo foi realizado em julho de 2019. Nesta oportunidade, foi possível conhecer setores da cidade que não haviam sido visitados nos trabalhos de campo anteriores, como:

v) Entrevistas

Para nossa dissertação, a entrevista foi importante instrumento metodológico: ela se evidencia como caminho para a busca de informações, opiniões, pontos de vista, significados e formas de apropriação do espaço a partir, inclusive, de experiências particulares vividas. (MILANI, 2016). O roteiro de entrevistas foi organizado com base na monografia realizada por nós e com as perguntas que considerávamos que trariam contribuições pertinentes à dissertação.

Todos os encontros para entrevistas foram combinados com antecedência, buscando priorizar sempre a disponibilidade dos entrevistados. Os primeiros foram indicados por um colega da pós-graduação em Geografia da FCT-Unesp e, também por uma professora do Departamento de Geografia da UEL. Os entrevistados que podemos denominar de segunda rodada, foram indicados por uma colega da FCT- Unesp que fez mestrado em Geografia na UEL. Através desses entrevistados conseguimos mais indicações, possibilitando-nos chegar a outros sujeitos. A última rodada de entrevistas foi realizada com funcionários da Biblioteca Municipal de Londrina. Na ocasião da pesquisa documental realizada na biblioteca, notamos a possibilidade de fazer as entrevistas com os funcionários, visto que estes residiam em distintos setores da cidade. Eles aceitaram prontamente e, gentilmente, indicavam outros colegas para também contribuir com entrevistas.

Estas foram realizadas em diferentes ambientes, a maioria nas residências dos próprios entrevistados. Em algumas ocasiões, deslocamo-nos até o local de trabalho, por isso uma foi realizada em um *shopping center* da cidade, outra na praça de alimentação de um mercado e, ainda, nas dependências UEL e na Biblioteca Municipal de Londrina.

Consideramos que todas as entrevistas ocorreram conforme o esperado, mesmo não havendo uma padronização sobre os locais de sua realização. A adaptação nossa à disponibilidade dos entrevistados foi crucial para que ocorressem dentro do esperado.

O perfil dos entrevistados foi consideravelmente heterogêneo, pois tínhamos como objetivo abranger uma maior diversidade de características dos sujeitos. No Quadro 1, há as informações relativas a eles. Para não haver a identificação dos entrevistados, adotamos nomes fictícios.

Quadro 1 - Londrina. Perfil dos cidadãos entrevistados

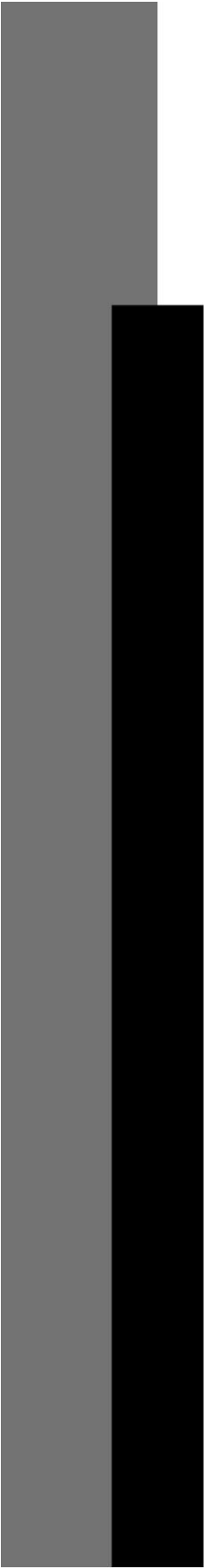
Número da entrevista	Gênero	Faixa etária	Nível de escolaridade	Local de residência	Nome Fictício
1	Feminino	36	Superior Completo	Parque Portal dos Pioneiros	Agnes
2	Feminino	55	Ensino médio	Parque Portal dos Pioneiros	Camila
3	Masculino	33	Superior Completo	Columbia D	José Guilherme
4	Feminino	26	Superior Completo	Gleba Palhano	Luana
5	Feminino	40	Ensino médio	Parque Portal dos Pioneiros	Estela
6	Feminino	25	Superior Completo	Jardim Palmares	Marina
7	Masculino	33	Superior Completo	Alto da Boa Vista	Gabriel
8	Feminino	24	Superior Completo	Vista Bela	Raquel
9	Masculino	26	Superior Completo	União da Vitória	Patrick
10	Feminino	40	Ensino médio	Esperança	Mirtes
11	Feminino	37	Ensino médio	Higienópolis	Nájila
12	Feminino	58	Ensino médio	Antônio Benzoni	Leila
13	Masculino	55	Superior Completo	San Remo	Rafael
14	Feminino	47	Superior Completo	Chamonix	Zaira

Fonte: BARBOSA, 2020

As entrevistas foram utilizadas como procedimento metodológico, acreditando que ela possibilita correções, esclarecimentos e adaptações que as tornam eficazes na obtenção das informações desejadas. Para nós, ela deve ser entendida como “um acontecimento comunicativo no qual os interlocutores, incluído o pesquisador, constroem coletivamente uma versão do mundo” (MONDADA, 1997, p. 59), não sendo simplesmente um instrumento neutro de pesquisa ou um método de coleta de dados, entre outros, sua eficácia é ligada à concepção de linguagem e de discurso já previamente proposta.

vi) Fotografias

As fotografias aqui utilizadas são, em sua maior parte, autorais. Reconhecemos a sua utilização como elemento fundamental no auxílio da demonstração dos locais que destacamos como importantes. Elas ajudam a ilustrar o contexto das ruas, avenidas, agências, espaços que tentamos descrever ao longo dos capítulos.



CAPÍTULO 2

A contextualização temática

Capítulo 2- A contextualização temática

Entendemos por sistema bancário aquele composto pelas instituições que são capazes de participar do processo de criação da moeda na economia, sendo eles bancos comerciais, bancos múltiplos com carteira comercial, caixas econômicas e cooperativas de crédito (ALEXANDRE; LIMA; CANUTO, 2005).

Organizamos a periodização do desenvolvimento e da organização dos empreendimentos bancários no Brasil, pois para compreendermos o processo de desenvolvimento do sistema bancário e econômico no país, é importante efetuarmos uma breve síntese histórica, o que inclui entender os caminhos percorridos até o início e pós o processo de industrialização brasileira, entretanto, nessa dissertação preocuparemos-nos em tratar de um período mais recente, pós processo de industrialização do Brasil.

2.1 Consolidação do sistema bancário brasileiro

Entendemos que uma análise sobre o início de um sistema bancário no Brasil já foi discutida por autores como Siqueira (2007) e Barbosa (2015). A dinâmica analisada não ocorreu de forma homogênea, principalmente até a primeira metade do século XX e passou por profundas transformações pós-segunda metade do mesmo século.

O processo de industrialização pelo qual o Brasil passava no início da década de 1930, consolidado pela formação da rede urbana sobretudo nas Regiões Sul e Sudeste, constituindo uma nova realidade que carecia de investimento em desenvolvimento de infraestruturas necessárias à difusão dessas atividades e o crescimento populacional ocorreu de forma considerável depois de 1945. Essas mudanças trouxeram modificações intensas à sociedade brasileira, as atividades agroexportadoras deixaram, aos poucos, de serem as principais atividades para geração de riquezas no país sendo substituídas por atividades mais ligadas à vida urbana (CONTEL, 2011) e influenciaram fortemente o desenvolvimento do sistema financeiro e bancário no país.

Se, em 1930, Getúlio Vargas deu os primeiros passos rumo ao processo de industrialização plena no Brasil, anos depois, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) acelerou esse processo, através de incentivos a investimentos provenientes de capital estrangeiro. Se considerarmos o perfil do sistema financeiro, nesse período, constatamos que já se demonstrava obsoleto, ainda com características do início do século. Ademais, o sistema

de telecomunicações, que se expressa de forma fundamental ao desenvolvimento desse sistema também era incipiente. (DIAS; LENZI, 2009)

O desenvolvimento industrial registrado, que ocorria sobretudo na Região Sudeste com o devido destaque ao estado de São Paulo, somado às necessidades alimentares de uma população que tinha seu padrão de vida aumentado e aos investimentos que recebia ajudam a explicar a hegemonia do sistema bancário e financeiro, que se consolidava nessa região do país com destaque às áreas metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo. (SANTOS; SILVEIRA, 2001)

Com todas essas modificações que ocorreram no âmbito da urbanização e da industrialização, no final da década de 1940 começou a se manifestar a necessidade de mudanças no sistema financeiro e bancário no Brasil. Quanto ao sistema financeiro, se

de um lado, em momento de acelerado desenvolvimento capitalista que se encontrava podado diante da Lei de Usura¹, que limitava em 12% a.a. os juros e, aos aumentos de índices inflacionários, inviabilizando os financiamentos para o desenvolvimento. De outro a desenfreada expansão das redes de agências bancárias no país, exigia agilidade da normatização do território bancário (VIDEIRA, 2009, p.169).

Começava, então, uma pressão por parte dos banqueiros para a normatização e regulamentação do sistema bancário no país. Até 1945, não havia nenhuma organização institucional para o controle da emissão de moeda, sendo todas as funções de autoridade monetária exercidas pelo Banco do Brasil. Nesse mesmo ano, o presidente Getúlio Vargas criou a Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), outro marco importante para o desenvolvimento do sistema financeiro e bancário. A Superintendência foi criada para exercer o controle monetário nacional, supervisionar a atuação de bancos comerciais, orientar a política cambial junto a organismos internacionais. (VIDEIRA, 2009; DIA; LENZI, 2009)

Com a pressão dos banqueiros, para uma reestruturação e regulamentação do Sistema Financeiro Nacional (SFN), em 1964, já após o golpe militar, foi instituída a Lei 4595, em 31 de

¹ Denominação atribuída, no Brasil, à legislação que define como sendo ilegal a cobrança de juros superiores ao dobro da taxa legal ao ano ou a cobrança exorbitante que ponha em perigo o patrimônio pessoal, a estabilidade econômica e sobrevivência pessoal do tomador de empréstimo. Nestes casos o emprestador é denominado agiota. A referida legislação é o Decreto nº 22.626, de 7 de Abril de 1933, que definia as punições e preceitos legais (enquadrando a usura posteriormente como "crimes contra a economia popular" ou "abuso do poder econômico") a respeito e que esteve em vigor até ser expressamente revogado por um decreto sem número de 25 de abril de 1991. (<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22626-7-abril-1933-503405-publicacaooriginal-1-pe.html>; <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fio203200007.htm>)

dezembro, atendendo as suas principais reivindicações. A SUMOC se transformou em Banco Central e foi criado o Conselho Monetário Nacional, que começou a regulamentação da crescente fundação de instituições financeiras, estabelecendo critérios para a implantação das agências dando destaque, segundo ele, a necessidade de deixar compatível o número de agências com a real necessidade. Para a determinação de onde as agências deveriam permanecer critérios quantitativos foram utilizados, indicando a instalação dos empreendimentos conforme o potencial econômico do lugar. (DIAS; LENZI, 2009; VIDEIRA, 2009; CONTEL, 2011; https://www.bcb.gov.br/pre/historia/historiabc/historia_bc.asp?frame=1)

A criação da SUMOC que, posteriormente, transformou-se em Banco Central, exerceu o papel de conduzir a regulamentação financeira no país, como fora supracitado, e também determinar as lógicas de criação das redes bancárias e instalação das agências, normas essas que foram instituídas para restringir a instalação de agências nas maiores cidades do país e favorecer a expansão das redes nas áreas até então desassistidas. As mudanças ocorridas com a reforma bancária de 1964 são um marco quanto ao início de um extenso processo de integração financeira do território. Já na década seguinte, foi registrado o nascimento das primeiras redes bancárias nacionais, a exemplo do Banco Brasileiro de Descontos S.A. (BRADESCO), que teve sua criação na década de 1940 em Marília, interior de São Paulo, mas expandiu sua rede somente após essa reforma bancária (DIAS; LENZI, 2009).

No início da década de 1960, o sistema bancário brasileiro contava com um grande número de matrizes bancárias, que estavam presentes nas regiões economicamente mais importantes do país, com o devido favorecimento das mais industrializadas. Os bancos e as casas bancárias somadas contabilizavam 358 nesta década. (MINELLA, 1988)

Por volta de 1970, houve incentivos à abertura de novas agências em alguns lugares do país onde ainda não haviam bancos; já no início da década de 1980, houve iniciativa de descongestionar o eixo Rio-São Paulo. No começo da década de 1960, havia um crescente número de matrizes instaladas; com a regulamentação do sistema, o número de matrizes caiu para 111 em 1980. (MINELLA, 1988).

Em 1986, o Banco Central passou a regularizar o funcionamento dos Postos de Atendimento Bancário (PAB), que oferecem alguns serviços que estão disponíveis nas agências e os Postos de Atendimento Bancário Eletrônico (PAE), popularmente conhecidos

como caixas eletrônicos, que proporcionariam atendimento ao cliente por meio de senha pessoal. (VIDEIRA, 2009).

A década de 1990 foi marcada por grandes transformações no sistema bancário nacional. Foram elaboradas uma série de políticas públicas que tiveram como finalidade fomentar um desenvolvimento adequado ao sistema e dois programas foram instituídos: o Programa de Incentivo à Redução do Estado na Atividade Bancária (PROES) e o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema financeiro Nacional (PROER).

Esse processo de reestruturação ficou marcado por três principais características: aumento da concentração bancária, maior participação de bancos estrangeiros e privatização dos bancos públicos estaduais. (DIAS; LENZI, 2009; VIDEIRA, 2009).

O PROES é considerado o principal programa de privatização do setor bancário do país, através dele foram criadas duas modalidades de linhas de créditos que visavam renegociar os passivos² dos bancos estaduais. A primeira previa um financiamento de 100% do total das dívidas, caso o banco estadual fosse privatizado, transformado em agência de fomento ou extinto. A segunda linha de crédito previa um financiamento de 50% do total das dívidas caso o Estado optasse pelo saneamento de sua instituição financeira (BRANDÃO, 2009, p.2).

Posteriormente à escolha de qual linha a seguir, para a execução do programa, haveriam três etapas a serem efetuadas envolvendo discussões introdutórias entre o Banco Central e diretores dos bancos estaduais para definirem a escolha sobre privatização da instituição, transformação em agência de fomento, extinção ou saneamento; análise da situação dos bancos estaduais; a terceira etapa, por fim, incluiria a formalização de adesão ao PROES, incluindo trâmites burocráticos e seu encaminhamento para a aprovação do poder legislativo através do Senado (BRANDÃO, 2009).

O PROER, por sua vez, foi também elaborado pelo governo, implementado mais precisamente no ano de 1995. Em linhas gerais, buscava promover a recuperação de instituições financeiras que estavam com problemas econômicos. Ele buscava o impedimento de um colapso do sistema financeiro nacional, possível falência de vários bancos, que como consequência poderia levar a uma onda de desconfiança dos investidores no sistema bancário nacional, afetando os bancos que eram considerados estáveis, provocando fuga de capitais dos bancos e possivelmente gerando uma crise econômica.

² Representam todas as obrigações e dívidas contraídas pela entidade econômica com pessoas físicas ou jurídicas e também os serviços que devem ser prestados por já ter recebido para isso.

Com o desenvolvimento da economia cafeeira, que ocorreu sobretudo no Sudeste criaram-se bases econômicas para a industrialização nessa região. A base industrial do século XX se concentrou ali, que em 1970 correspondia a 81% da atividade industrial do país, somente São Paulo gerava 58% da produção da indústria existente. Apenas nas décadas anteriores é que ocorreu um tímido movimento de desconcentração industrial da produção nacional (entre 1940 e 1950) com a ocupação da fronteira agropecuária, primeiramente sentido Sul e depois sentido Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Sendo a Região Sudeste a que liderou e concentrou o processo de industrialização no país, o seu desenvolvimento econômico explica a presença maior do sistema bancário nesta parcela do território nacional.

A Região Sudeste atualmente, apresenta o maior número de agências bancárias do país como é possível observar no Quadro 2³:

Quadro 2 – Brasil, Região Sudeste. Agências bancárias. 2008 a 2016.

Número de Agências na Região Sudeste	
2008	10.335
2009	10.339
2010	9.938
2011	10.444
2012	10.802
2013	11.178
2014	12.330
2015	12.156
2016	11.960

Fonte: Banco Central do Brasil

As duas maiores praças bancárias estão localizadas nessa região do país, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O Sul do país, onde está Londrina, a cidade objeto desta dissertação, tem seu desenvolvimento atrelado ao incentivo à produção agrícola no século XIX e primeiras décadas do século XX, quando havia a predominância dessa economia na região, desenvolvida expressivamente por imigrantes de origem europeia. Alguns desses imigrantes, posteriormente, também estabeleceram atividades comerciais e passaram a produzir alguns itens, que antes eram somente importados, indicando os primeiros sinais do

³ O recorte temporal de 2008 a 2016 foi utilizado devido à disponibilidade dos dados no site do Banco Central do Brasil.

processo de industrialização da região. A atividade agrícola fomentou a criação de alguns bancos estaduais como, por exemplo, o Banco do Estado do Paraná (BANESTADO) que, em 1928, começou suas atividades com a incumbência de auxiliar a lavoura, o comércio e a indústria. (COSTA NETO, 2004).

Posteriormente, nas décadas de 1940 e 1950, políticas nacionais que visavam diminuir exportações e incentivar iniciativas internas de produção propiciaram o surgimento de uma série de grandes empresas industriais no país, e, sobretudo, nas regiões Sudeste e Sul do Brasil.

No Sul, esse processo teve início com a implementação de pequenas unidades de produção, que posteriormente transformaram-se em grandes empresas. Em consequência, houve uma dinamização da economia relacionada ao complexo metalmeccânico, química, tecnologia da informação e, atualmente, a região Sul é a segunda maior em geração de empregos industriais. A região apresenta a segunda maior concentração bancária, perdendo apenas para Região Sudeste, como é possível observar no Quadro 3.

Quadro 3 - Brasil, Região Sul. Agências bancárias. 2008 a 2016.

Número de Agências na Região Sul	
2008	3.652
2009	3.669
2010	3.603
2011	3.879
2012	4.047
2013	4.155
2014	4.364
2015	4.298
2016	4.219

Fonte: Banco Central do Brasil

Buscando complementar a informação, com auxílio da referência disponível em Santos e Silveira (2001) podemos dizer que fato é que já em 1962, o mapa financeiro era mais concentrado espacialmente do que hoje quando o Sudeste e Sul juntos detinham 85,7 % do total nacional das agências; em 1972 essa proporção caiu para 81,3% e para 8,9% em 1996 (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Quando falamos da Região Nordeste, esta, como diz Oliveira (1977), só é reconhecida de fato como tal a partir de meados do século XIX, na história regional e nacional “muitos Nordestes”, O Maranhão sempre foi um caso à parte pois desde essa época, teve diferentes ligações mercantis distintas das que regulavam a economia do que estava mais a leste da região, Bahia e Sergipe, ainda não eram considerados Nordeste, mesmo a Bahia tendo fortes ligações com as atividades de produção açucareira com os estados que estavam mais ao seu norte, mas por muito tempo ela passou a ser considerada como “outra região”. O Nordeste brasileiro tem seu desenvolvimento atrelado à economia do desenvolvimento da cana-de-açúcar. (OLIVEIRA,1977; 2008)

No que respeita à essa região, atualmente, cidades como Recife, Salvador e Fortaleza apresentam grande importância e, inclusive, se enquadram no conceito de Metrópole Regionais, (aglomerados urbanos que tem características próprias com novas funções de coordenação influenciadoras das “economias em redes” de acordo com alguns quesitos como, tamanho da concentração populacional, número expressivo de agências bancárias e operações financeiras, centralidade com base no oferecimento de serviços como por exemplo movimentação em aeroportos, oferta de emprego, desenvolvimento tecnológico, u). (RIBEIRO; SILVA; RODRIGUES, 2011).

Como já citado, a Região Nordeste apresentou um baixo número de agências bancárias em relação ao seu tamanho populacional em décadas passadas. O Quadro 4 contém o número de agências entre os anos de 2008 e 2016, e é possível notar que em 2014 houve a diminuição no número delas na região.

Quadro 4 – Brasil, Região Nordeste. Número de agências bancárias. (2008 a 2016)

Número de Agências na Região Nordeste	
2008	2.818
2009	2.823
2010	2.751
2011	3.111
2012	3.351
2013	3.516
2014	3.728
2015	3.689
2016	3.678

Fonte: Banco Central

A Região Centro-Oeste caracterizou-se, primeiramente, pelo que se chama de ocupação tradicional, por meio dos núcleos de exploração de minerais e fazendas dispersas de pecuária extensiva. O primeiro grande movimento de ocupação agrícola foi estimulado por projetos de colonização oficial, que ocorreram na década de 1930. Já, após 1960, com a “Marcha Para o Oeste” ocorreu uma efetiva ocupação do espaço regional sentido Sudeste/Nordeste em direção ao avanço da fronteira agrícola através de uma política voluntária de ocupação do interior, que também incentivou a construção de Brasília e abertura de novas estradas, fazendo com que houvesse maior dinamização do acesso às distintas regiões.

De 1970 em diante, a Região Centro-Oeste passou por uma outra fase de expansão devido ao “potencial agrícola” do cerrado. Teve seu desenvolvimento acelerado em forma de ocupação de novas áreas, zonas vazias demograficamente falando ou subaproveitadas do ponto de vista agrícola. O incentivo ao desenvolvimento da região também é visto como uma alternativa para solucionar o problema de excedentes de mão-de-obra advindos do sul do país e sua ocupação foi necessária para dar continuidade a dinamização do processo de crescimento econômico no sul e sudeste do país.

Pode-se considerar que houve alguns determinantes econômicos na ocupação da dessa região como: A) a necessidade do aumento de produção de grãos para viabilizar o crescimento da exportação do país; B) necessidade de aumento da oferta de matérias primas para suprir a demanda industrial do Sul e Sudeste; C) interesse de conquista de novos mercados para expansão e reprodução do capital que já existia nas regiões Sul e Sudeste. (SUDECO, 1986).

As atividades do setor primário avançaram no sentido Centro-Oeste, que elevou sua participação nacional de 11% no final da década de 1970 para 23% no final da de 1980/1991 influenciado pela produção de grãos, sobretudo a soja (ARAÚJO, 1999). O número de agências na Região Centro-Oeste supera somente a da Região Norte do país.

Quadro 5- Brasil, Região Centro-Oeste. Número de agências bancárias. 2008 a 2016

Número de Agências na Região Centro-Oeste	
2008	1.420
2009	1.448
2010	1.444

2011	1.551
2012	1.625
2013	1.751
2014	1.875
2015	1.858
2016	1.855

Fonte: Banco Central do Brasil

A Região Norte, por sua vez, é a maior do país em extensão territorial, em contrapartida é a que detém menor contingente populacional. Entendemos que essa região, sobretudo pelo contexto de Floresta Amazônica, deve ser analisada com algumas ressalvas, pois apresenta processos de povoamento e desenvolvimento distintos das demais, isso se justifica pelo fato de que a Região Norte surge tardiamente no processo da construção econômica do Brasil, como Furtado (1967) *apud* Becker (2009), já sinalizava em “Formação Econômica do Brasil” com ausência de referências a essa região. Os autores sinalizam a complementaridade do Nordeste com a Amazônia e isso acaba induzindo a criação de políticas nacionais de desenvolvimento regional. O Norte se manteve mesmo após sua ocupação sob processos ligados ao contexto internacional e à metrópole (Portugal), estando praticamente à parte do Brasil. Foi onde o reajuste econômico e político da Europa nos séculos XVI e XVII se deu por maior quantidade de tempo. (BECKER, 2009)

A região, manteve-se estagnada mesmo depois de projetos propostos pela Coroa Portuguesa, no fim da era colonial. Essa estagnação que marcou o final do século XVIII e primeira metade do século XIX, levou à queda nas exportações, fazendo com que o Norte permanecesse às margens se comparado à prioridade que se dava à economia cafeeira no Sudeste.

No contexto histórico em que ocorreu a Revolução Industrial, a região continuou a apresentar importância na dinâmica da economia-mundo. Embora houvesse disputas pelo domínio sobre essa região, o Brasil conseguiu a incorporação física definitiva desse espaço ao território do país, as relações que se formaram através da imigração nordestina foram importantes para o processo de povoamento, extração da borracha e sua atual configuração. Não é prudente falar sobre o desenvolvimento da região sem abordar o Ciclo da Borracha. Becker (2009) aponta que esse período foi responsável pela configuração da região como uma unidade. Em 1912, ela se tornou o segundo produto mais exportado, perdendo apenas para o café.

Na década de 1950, surgiram algumas iniciativas por parte do governo, que buscavam levar ao desenvolvimento regional. O governo Vargas, apesar de demonstrar poucas iniciativas, já dava os primeiros sinais de preocupação governamental nesse sentido (COSTA, 1989).

Mesmo o Ciclo da Borracha tendo exercido importância na região, não foi suficiente para gerar ocupações duradouras e seu impacto mais forte foi sobre as capitais Manaus e Belém. O povoamento aumentou após as primeiras medidas adotadas pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), que em linhas gerais buscava promover medidas, empreendimentos e obras para incentivar o desenvolvimento agrícola, pecuária, mineral e industrial na região, a SPVEA, mais tarde, seria transformada em Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Posteriormente, com o governo de Juscelino Kubitschek e o Plano de Metas, houve a construção de rodovias, que ligariam a região ao Centro-Sul do país. (COSTA, 1989).

Entre as décadas de 1950 e 1960, ocorreu, então, um crescimento populacional, passando de um para cinco milhões de habitantes, a partir disso a ocupação da região se torna uma questão de Estado, complexa e acelerada.

Em 1967, foi criada a Superintendência da Zona Franca de Manaus, incentivos fiscais que foram regulamentados através de leis que decretam que empresas poderiam obter isenção total de imposto de renda por até 15 anos. O Estado, a partir disso, teria que investir em infraestrutura regional e dar suporte para o processo de ocupação pretendido.

Além de todas essas iniciativas, ainda foram criadas políticas de atração populacional, que tinham como alvo pessoas advindas do Nordeste, e, no governo Médici, o Programa de Integração Nacional (PIN), que executou políticas no sentido de se integrar as duas regiões e políticas voltadas à integração da Amazônia com a economia nacional. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) promoveu processo de “colonização oficial”, que era direcionado a faixas de até 10 quilômetros de largura ao longo das estradas, buscando assentar pequenos produtores, preferencialmente nordestinos, os quais seriam apoiados pelo governo durante as primeiras fases do assentamento.

Avançando na escala temporal, temos, pós meados do século XX, sete milhões de pessoas vivendo em seu território, a maior região do Brasil em extensão territorial, sendo

considerada o segundo maior ‘vazio econômico’ do mundo, perdendo somente para o Deserto do Saara. (BECKER, 2009)

O quadro de instabilidade no processo de ocupação do território da Amazônia brasileira, como já frisado na seção anterior, à mercê dos ciclos econômicos e das políticas de Estado, bem como a realidade atual, marcada ainda por densidade demográfica baixa explicam a presença proporcionalmente pequena do sistema bancário nessa parcela do território (Quadro 6)

Quadro 6 – Brasil, Região Norte. Número de agências bancárias. 2008 a 2016

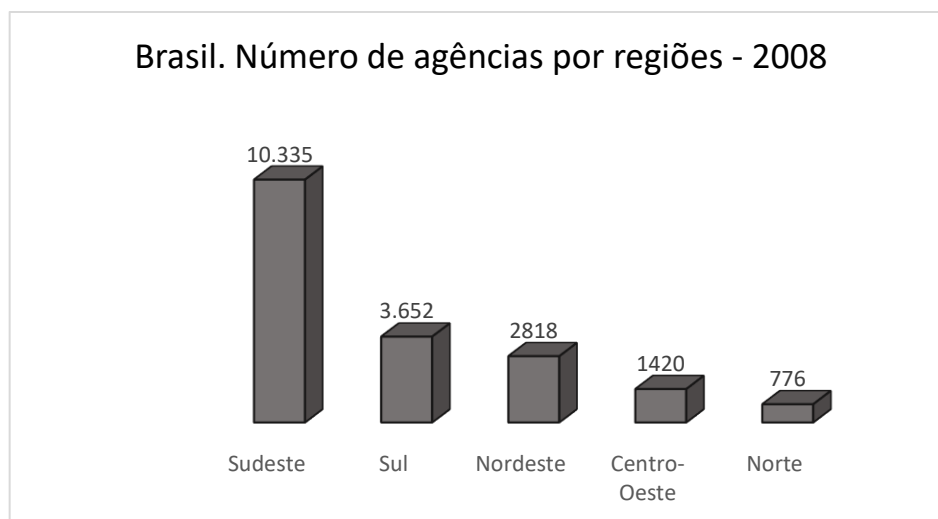
Número de Agências na Região Norte	
2008	776
2009	809
2010	801
2011	944
2012	1.019
2013	1.061
2014	1.155
2015	1.169
2016	1.181

Fonte: Banco Central

Cotejando esse quadro com os demais, verificamos que a Região Norte do país é a que apresenta um sistema bancário menos desenvolvido se comparado com as demais regiões, pois em 1996 contava com apenas 3,9% das agências bancárias de todo território nacional.

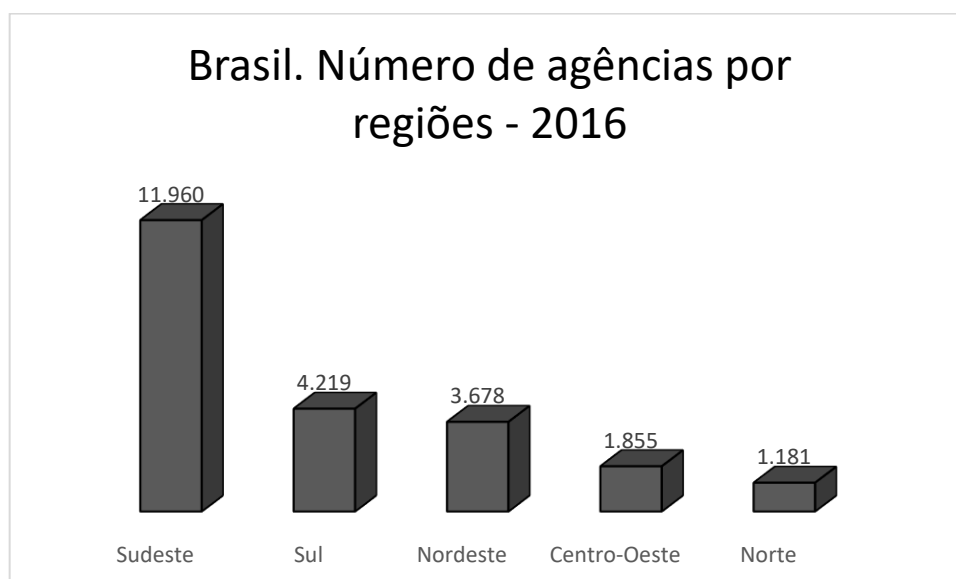
Ao analisar a distribuição espacial das agências nessa região, não podemos desconsiderar seu processo de desenvolvimento regional, como já frisado e descrito acima, o qual se deu com base em políticas de incentivos por parte do Estado e, tardiamente, se comparado às demais regiões.

Gráfico 1 - Brasil. Número de agências por regiões. 2008



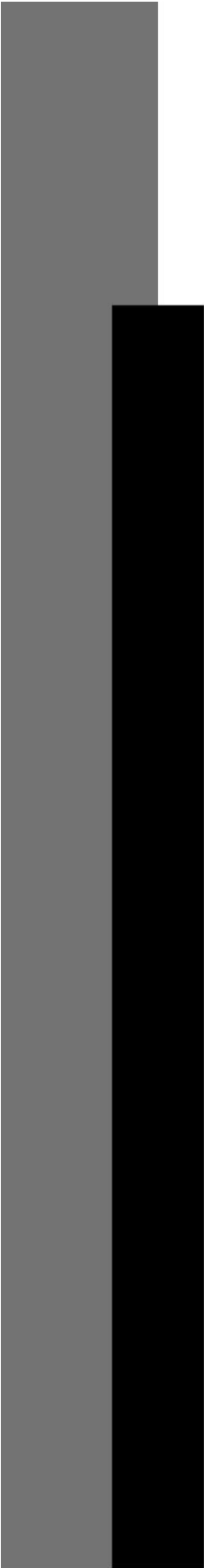
Fonte: Banco Central

Gráfico 2- Brasil. Número de agências por regiões. 2016



Fonte: Banco Central

Os Gráficos 1 e 2 finalizam esse capítulo, mostrando o conjunto do país. Enquanto as Regiões Sudeste e Sul, conheceram 15% de aumento do número de agências entre 2008 e 2016, esse crescimento foi de 30% nas Regiões Nordeste e Centro Oeste e 50% na Região Norte, revelando que houve maior distribuição espacial da rede bancária no período recente.



CAPÍTULO 3

Londrina
sua gênese e
estruturação:
movimentos de
expansão urbana,
múltiplas
centralidades e os
primeiros sinais de
fragmentação
socioespacial

Capítulo 3 – Londrina sua gênese e estruturação: movimentos de expansão urbana, múltiplas centralidades e os primeiros sinais de fragmentação socioespacial

“O centro de nossas cidades está sempre repleto: lugar marcado, é nele que se reúnem e se condensam os valores da civilização: a espiritualidade (com as igrejas), o poder (com os escritórios), o dinheiro (com os bancos), a mercadoria (com as grandes lojas), a palavra (com as ágoras: cafés e passeios): ir ao centro é encontrar a ‘verdade’ social, é participar da plenitude soberba da realidade”.
(BATHERS, 1989, p. 424).

A cidade é um objeto complexo e difícil de se definir por parâmetros simples ou fixos. São assentamentos humanos muito diversificados quando aliados às atividades econômicas, políticas, sociais e culturais nelas desenvolvidas, por esse motivo exercem certa centralidade nesse sentido e sua área de influência pode ultrapassar os limites políticos-administrativos da qual é a sede (SOUZA, 2005).

Atualmente, no Brasil, pela legislação em vigor, toda sede de município é considerada cidade, mas a definição varia de país para país. Na França, por exemplo, é necessário que haja 2.000 habitantes para uma comunidade urbana ser considerada cidade, na Espanha 10.000. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera uma cidade somente áreas urbanizadas que possuam mais de 20 mil habitantes. Essas distinções mostram que há diferenças entre as definições no plano político-administrativo e dos conceitos que se estabelecem nos planos teóricos.

O Brasil vem apresentando um número crescente de pessoas morando nas cidades desde a década de 1960 com o grande êxodo rural pelo qual o campo passou em conjunto com a mudança da economia brasileira de agroexportador para o urbano-industrial.

Para o caso do Brasil, mesmo com a economia de base agrária e grandes dimensões territoriais, a expansão da agricultura comercial e a exploração mineral foram base para um povoamento, inicialmente situado no litoral e que posteriormente foi se interiorizando. De modo geral, a partir do século XVIII, a urbanização se desenvolveu e a “casa da cidade” tornou-se a residência mais importante do fazendeiro ou senhor de engenho, somente no

século XIX, atingiu maturidade e, no século XX, apresentou configurações como as atuais. (SANTOS, 1993; 2005)

O urbano se manifesta como conjunto de diferentes usos da terra justapostos e articulados entre si que definirão áreas como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, industriais, de serviços, residenciais de lazer e aquelas destinadas a futura expansão. (CORRÊA, 1995).

O modo capitalista, reproduzido também no espaço da cidade, manifesta-se nas diferentes formas do uso da terra que, de certo modo, interagem entre si, complementando-se ou gerando contrastes.

O espaço, categoria de análise fundamental à Geografia, ainda mais aos estudos atinentes à Geografia Urbana, foi (e ainda é) amplamente discutido por diversos autores. Não temos a pretensão, nesta dissertação, de aprofundar a reflexão e discussão acerca dessa categoria, mas entendemos como fundamental a apresentação de nossa concepção de espaço, baseada em alguns autores, seguindo a linha de pensamento da Geografia Crítica que se desenvolveu partir do final da década de 1970, no Brasil.

O espaço, que também é entendido como espaço social e com muita correlação com a prática social, não deve ser considerado somente como ponto de partida, tampouco como ponto de chegada (LEFEBVRE, 1967; CORRÊA, 2000). É necessário ser entendido como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente (SANTOS, 1978, p. 1118), compreendido analogamente a um campo de forças, cuja a aceleração não ocorre igualmente, logo a evolução espacial não se dá de forma homogênea em todos os lugares (SANTOS, 1978).

Ainda com base em Santos (1986), temos o espaço como uma realidade relacional, ou seja, objetos geográficos e as relações que entre eles se estabelecem. De acordo com Santos (1986), a Geografia Humana é pautada em princípios da organização espacial das atividades humanas e pretende analisar os mecanismos e os processos que regulam o sistema espacial dessas atividades integradas, sendo estas um conjunto indissociável de arranjos de objetos geográficos, naturais e sociais.

O espaço da cidade é denominado de intra-urbano, pois é fruto do deslocamento do ser humano, sendo ele portador da força de trabalho e também enquanto consumidor, intra-

urbano pode também ser compreendido como o estudo do arranjo intenso dos espaços urbanos (VILLAÇA, 2001).

Esse espaço intra-urbano, por sua vez, está dividido, segundo várias formas de segmentação. A divisão social do espaço em Londrina mostra uma cidade separada tanto de espaços de moradia, que podem ser segregados de uma forma imposta (CORRÊA, 2005), quanto dos moradores que não possuem o poder da escolha sobre onde vão morar.

Nesse capítulo, temos como proposta fazer uma apresentação de Londrina, buscando fazer uso do contexto histórico da fundação da cidade, pois consideramos necessária a apresentação ao leitor para dar subsídios para o entendimento deste trabalho. Buscaremos, ainda, apresentar o contexto de chegada dos primeiros empreendimentos bancários, traçando um primeiro perfil de localização das agências nos primeiros anos de existência da cidade. É importante ressaltar que não pretendemos tratar de todos os aspectos que se relacionam à produção do espaço e urbanização dessa cidade, pois sabemos que já existem bibliografias que cumprem essa função, com destaque a Ribeiro Silva (2006; 2013), Amorim (2015), Fresca (2002; 2007).

3.1. O desenvolvimento das regiões paranaenses

A partir de 1929, com a expansão das frentes pioneiras e com a introdução da cultura cafeeira por migrantes de São Paulo e Minas Gerais, foi que o norte do Paraná começou efetivamente a ser ocupado e passou a ter uma articulação mais concreta com a economia brasileira.

Em conjunto com a criação de suínos, o café começou a ser expandido de forma intensa no norte do estado. A superprodução cafeeira em São Paulo, a proibição de novos plantios e as consequentes crises econômicas de rebaixamento dos preços foram os motivos que fizeram com que a frente pioneira se dirigisse para o norte do Paraná.

O Paraná, na sua porção norte, desenvolveu-se a partir da expansão de frentes pioneiras que foram ocupando parcelas de seu território. A primeira gerou o que se denomina de Paraná Tradicional, região que teve seu processo de ocupação em decorrência da atração de pessoas a baía de Paranaguá em busca do ouro de aluvião, encontrado em barrancos das margens dos rios ou em seu leito, que recebe essa denominação porque se misturava as outras substâncias: argila, areia, acumuladas pela erosão (SERRA, 2011).

Os primeiros mineradores paulistas chegaram ao Paraná, ainda no século XVII, sendo essa considerada a primeira frente de ocupação registrada no estado. Entre as décadas de 1720 e 1730, a mineração entrou em decadência, sendo substituída por novas alternativas comerciais econômicas, como o tropeirismo, a pecuária extensiva a extração e o beneficiamento da madeira e erva-mate (SERRA, 2011).

Já no final do século XVIII, quase todo território estava ocupado: a comunidade que historicamente se formou no litoral paranaense e planalto curitibano expandiu-se por faixas rodeadas por grandes florestas que vão de Curitiba pelos Campos Gerais, Campos de Guarapuava, Campos de Palmas até as divisas entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A região Norte, considerada segunda frente pioneira, teve sua ocupação por volta do século XIX, por conta da chegada da atividade cafeeira que até então era desenvolvida no estado de São Paulo. Na região Sudoeste do estado, a terceira e mais recente frente, avançou somente a partir de meados do século XX e decorreu de uma onda migratória advinda dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O Brasil teve o café como principal produto econômico de 1800 até 1930, com a produção majoritariamente voltada à exportação. Em 1860, já havia percorrido o caminho até terras paranaenses, sobretudo a porção norte do estado (SERRA, 1992).

A expansão da cultura exerceu forte influência no processo de desenvolvimento de Londrina, a cafeicultura foi a atividade mais importante da região norte do Paraná e partir de meados do século XX, tornou-se de presença mais efetiva.

Alguns fatores físicos e históricos favoreceram o plantio do grão: a divisão das terras em pequenas e médias propriedades no momento da “colonização”; a criação de centros urbanos que serviriam de apoio em locais que foram estrategicamente definidos; o latossolo também conhecido como “terra roxa” de característica avermelhada resultado da decomposição de rochas basálticas de milhares de anos que apresenta um alto grau de fertilidade⁴, a infraestrutura ferroviária implementada que facilitaria o escoamento da produção consolidando a região como produtora do grão (FERREIRA, 1985; ALCÂNTARA, 2013).

O Paraná é um estado que apresenta formação com distintas diferenças regionais, tanto nos aspectos de cunho físico-naturais, solo e vegetação, como demográficos. É possível encontrar marcas particulares e diversificadas ao compararmos as diferentes regiões do

⁴ ([http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia 16/AG01/arvore/AG01_96_10112005101956.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia%2016/AG01/arvore/AG01_96_10112005101956.html)).

estado. No que tange à porção norte, a região que compreende cidades mais importantes como Londrina e Maringá, trata-se de um território mais identificado com características do estado de São Paulo.

Até os anos de 1960, o Paraná apresentava forte poder de atração populacional, face aos fatores descritos acima, o que justifica a chegada de imigrantes advindos de São Paulo, Minas Gerais e diversos estados nordestinos, esses que ocuparam grande parte da região norte do estado.

O processo de integração das regiões do Paraná se deu a partir da década de 1970, com auxílio dos meios de comunicação, que se tornaram mais efetivos juntamente com a expansão de infraestrutura econômica e social. Com esse poder de atração populacional, o estado, em 1940, possuía 1.237.000 habitantes, número que dobrou nas décadas seguintes (1950) 2.116.000 e (1960) 4.278.000, quando então começava a perder um pouco desse impulso, causado pelo esgotamento da fronteira agrícola e “destruição rural” (FERREIRA, 1985).

3.2. Do rural ao urbano - Londrina e região

Torna-se praticamente impossível falar da criação da cidade de Londrina sem citar as condições econômicas do país naquela época e a alta dependência das relações comerciais do Brasil em relação à Inglaterra.

Desde a Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra oferecia ao Brasil tratamento “digno de países subalternos”, essa relação de dependência da economia brasileira é um fato que está extremamente relacionado à sua formação. A economia de exportação brasileira surgiu para atender às demandas de países europeus (PRADO JÚNIOR, 1942). Desde o período colonial, sua principal função era abastecer à metrópole Portugal.

Do ponto de vista do abastecimento ao nosso mercado, em 1928, 50% dos gêneros importados eram de origem inglesa. O valor das taxas das exportações e importações, por sua vez, jamais acompanharia as taxas de juros de modo que não houvesse aumento da dívida e nesse contexto de desequilíbrio é que a dívida externa junto aos ingleses se elevava (JOFFILY, 1984).

A história da cidade é antecedida por ações que ocorreram em meados de 1920, por meio de tentativas frustradas quanto à ocupação da porção norte do estado do Paraná. A delonga do governo, que se mostrou incapaz de gerir esse processo por vários motivos, a citar

a quantidade inadequada de recursos disponibilizados e falta de engajamento para continuidade do projeto, inviabilizaram, inicialmente, o processo de ocupação dessa região.

Nesse contexto, a missão financeira inglesa chefiada por Edwin Samuel Montagu que chegou ao Rio de Janeiro no final de 1923 (Missão Montagu), durante o governo de Artur Bernardes (1922-1926), tinha como objetivo avaliar o estado das finanças do Brasil, que solicitava um empréstimo aos banqueiros ingleses. Entre final de 1923 e início de 1924, muito se falava da visita de Lord Lovat, também membro da Missão Montagu que desembarcaria em São Paulo. O jornal “O Dia”, de Curitiba, noticiava a visita do inglês que veio acompanhado de outras pessoas. Foram recebidos na Estação da Luz e, posteriormente, visitaram Ribeirão Preto, Rio Claro, outras cidades do interior do estado de São Paulo e, por fim, seguiram para o Paraná. (JOFFILY, 1984; SILVA, 2013)

A princípio, os ingleses investiriam no país através do plantio de algodão com o intuito de suprir a demanda que era gerada pela indústria têxtil da Inglaterra, porém, o cultivo não ocorreu conforme o esperado havendo a iniciativa para se partir para outro tipo de negócio, como a “colonização” de terras e a abertura de loteamentos. Como desdobramento desse interesse, houve a criação da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) subsidiária da Paraná Plantations, que teria por finalidade fomentar a venda de lotes e o processo de ocupação da região.

Como já se sabia do interesse do governo do estado paranaense em colonizar aquela região, a CTNP foi criada com o intuito de adquirir porções de propriedades de diversos tamanhos na região e organizá-las em lotes para venda. (JOFFILY, 1984; BATISTA, 2004; ANDRÉ, 2005). Para conquistar o norte do estado do Paraná, sabia-se que teriam que atingir determinados objetivos: comprar terras pertencentes ao Estado e organizar um sistema de transporte.

A Companhia, então, ficou responsável pelo projeto da criação de uma rede urbana no norte do Paraná, o que abrangia não somente a cidade de Londrina como um dos polos desse processo, como também, Maringá Cianorte e Umuarama - respectivamente (RIBEIRO SILVA, 2013).

Rothschild, banqueiro inglês, tinha como propósito colonizar o território “descoberto” e dividi-lo em lotes. As mais sofisticadas formas de divulgação da época foram utilizadas, como a publicação da venda dos lotes nos jornais. A primeira escritura de venda de terras do

estado à CTNP foi lavrada em 16 de outubro de 1925. Na época, houve alguns relatos publicados em jornais, de cunho crítico, inclusive:

“O solo, riqueza fundamental da pátria, vai saindo das mãos brasileiras para ir ter aos vários sindicatos estrangeiros...Nosso patriotismo é desta casta: vai apregoando doutrinas liberais e vendendo o Brasil a leilões”. O Diário Popular (JOFFILY, 1984, p. 82).

Algumas medidas consideradas inusitadas para a época foram adotadas, com o intuito de acelerar o processo de “colonização”. Já de início a Companhia concedeu todos os títulos de propriedade da terra, evitando, assim, possíveis conflitos entre colonos antigos e os recém-chegados na porção que fora colonizada pelos ingleses. As estratégias de divisão dos lotes em porções relativamente pequenas fizeram com que houvesse uma “reforma agrária” sem intervenção do Estado, pois assim tornou-se possível que trabalhadores sem grandes capitais adquirissem seus pequenos pedaços de terra, com modalidades de pagamento adequadas às condições de cada um, sistema que impulsionou a produção cafeeira (IBGE Cidades) - tema que iremos comentar com um pouco mais de detalhes adiante.

A CTNP ficou responsável pelo Plano de Londrina, que tinha como finalidade ser o núcleo urbano que concentraria as riquezas do norte do estado, lugar determinado para moradia de grandes proprietários de terra, funcionários da CTNP, imigrantes e trabalhadores (SILVA, 2006).

A cidade foi batizada primeiramente como Patrimônio Três Bocas, mesmo nome do rio divisor das terras da Companhia, passando a chamar-se Londrina, nome dado por João Sampaio, um dos primeiros diretores da CTNP somente no ano de 1932. Quanto à sua formação administrativa, em 3 de dezembro de 1934 foi assinado o Decreto Estadual Nº 2519 que a desmembrava do município de Jataí e em 10 de dezembro do mesmo ano é elevada à categoria de cidade.

Pesquisas em documentos, como a realizada por Yamaki (2003), afirmam que Londrina foi projetada para abrigar de 30.000 a 32.000 habitantes, sendo que 30.000 morariam na cidade e 2.000 no entorno. A proposta enunciada por Howard no diagrama de Garden Cities previa alocar essa população em um total de 5.000 lotes de 6m x 39m.

Diversas plantas da cidade foram realizadas, sendo a reconhecida como primeira, denominada de Planta Azul, de 1932 com autoria do russo Alexandre Razgulaeff,

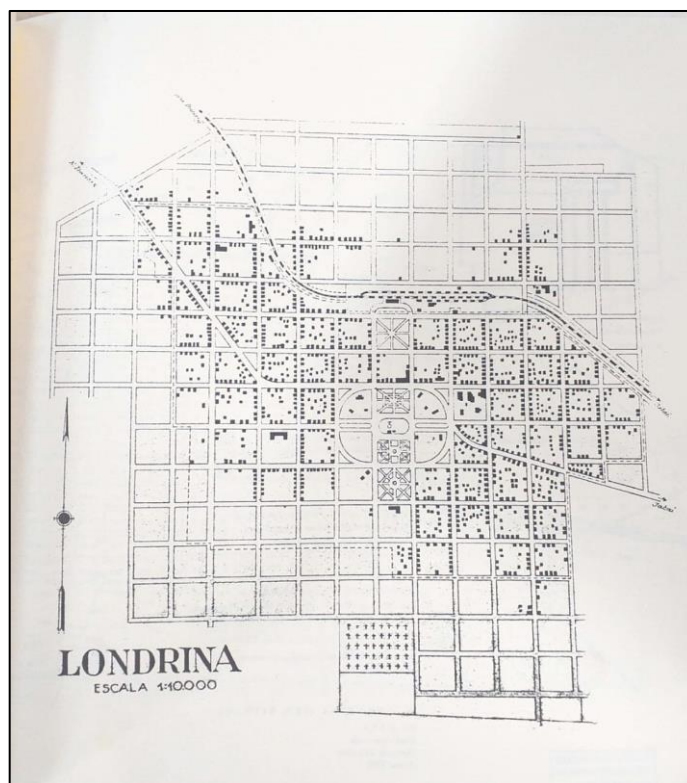
O projeto é uma malha ortogonal racional, que tem como elemento excepcional, uma elipse central tangenciada por uma avenida projetada em diagonal, acompanhando um espigão. A Igreja Matriz e a Estação Ferroviária,

associadas a espaços Praça, constituem elementos fundamentais na sua estruturação. O cemitério define um dos limites do plano, seguindo a tradição.

A quadra número um [...] é aquela localizada na esquina da Rua do Comércio e Rua Heimital. (YAMAKI, p.16, 2003)

A planta de 1939 (figura 5), realizada pelos engenheiros Alexandre Beltrão e Ulysses Medeiros, é um dos raros documentos que vão indicar um esquema de implementação das edificações nos primeiros anos de fundação de Londrina]

Figura 5 - Londrina. Detalhe do Mappa Parcial, 1939



Fonte: Extraído de Iconografia de Londrinense, 2003.

A cidade acabou apresentando uma expressiva evolução da população urbana de 1935 a 2010, como é possível constatar no Quadro 8:

Quadro 7 - Londrina. População Urbana e População Rural

Ano	População Urbana	%	População Rural	%	Total
1935	4.000	26,7	11.000	73,3	15.000
1940	19.531	23,2	64.765	76,8	84.296
1950	33.707	50,4	33.144	49,6	66.851
1960	77.382	57,4	57.439	42,6	134.821
1970	163.387	71,7	64.661	28,3	228.532
1980	267.102	88,5	34.647	11,5	301.749
1991	376.676	96,6	13.424	3,4	390.100

2000	433.369	96,9	13.696	3,1	447.065
2010	493.457	97,4	13.188	2,6	506.645
2019*					569.733

Fonte: RIBEIRO SILVA, 2006, p. 65 (adaptado)

Quadro 8 – Brasil. População Urbana e População Rural

Ano	População Urbana	%	População Rural	%	Total
1940	12.880.182	31,2	28.356.133	68,7	41.236.315
1950	18.782.891	36,1	33.161.506	63,8	51.944.397
1960	31.303.034	44,6	38.767.423	55,3	70.070.457
1970	52.084.984	55,9	41.054.053	44,0	93.139.037
1980	80.436.409	67,5	38.566.297	32,4	119.002.706
1991	110.990.990	75,5	35.834.485	24,4	146.825.475
2000	137.953.959	81,2	31.845.211	18,7	169.799.170
2010	160.925.804	84,3	29.829.995	15,6	190.755.799
2019					210.147.125

Fonte: <https://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/dados-historicos-dos-censos-demograficos> (adaptado)

A evolução urbana de Londrina, como podemos conferir no quadro 7 em comparação com o 8, acompanhou a tendência nacional, ainda que com ritmos muito mais acentuados de crescimento demográfico e de urbanização tornando-se mais expressiva a partir da década de 1950 quando a maior parte de seus habitantes passam a morar no meio urbano.

Para compreender, no período mais recente, a consolidação de Londrina como um importante polo urbano, ainda que seja uma cidade jovem, iremos analisá-la utilizando dados da Região de Influências das Cidades (REGIC) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano 2007, podemos através desse estudo analisar a participação da cidade na rede urbana do Paraná.

Os estudos do IBGE voltados à delimitação da Região de Influência das Cidades (REGIC) tiveram início em meados da década de 1960, época em que o estado apresentava políticas para promoção do desenvolvimento do seu território e assim o fizeram através do fomento da industrialização, por meio da modernização agrícola e da criação de cidades dotadas de infraestrutura para atuarem como polos de disseminação de desenvolvimento e apoio à população residente no seu entorno (IPARDES). Elas apontam uma sequência hierárquica das cidades na rede urbana do Paraná e utilizaremos aqui o contexto de toda região sul do país, porque consideramos que dessa forma, conseguiremos demonstrar de forma mais acentuada a importância de Londrina nesse contexto.

No Quadro 10, podemos observar que Londrina foi classificada, em 1966, como Centro Regional A, conjuntamente com Florianópolis que se trata de uma capital na Região Sul, nessa sequência hierárquica, Londrina está, por exemplo, em posição superior a Maringá que se apresenta como Centro Regional B.

Quadro 9 Região Sul - Região de Influência das Cidades

REGIC 1966	REGIC 1978	REGIC 1993	REGIC 2007
Centro Regional A Blumenau Caxias do Sul Florianópolis Londrina Passo Fundo Ponta Grossa Santa Maria	Centro Submetropolitano Londrina	Muito Forte Londrina Maringá	Capital Regional A Florianópolis
			Capital Regional B Londrina Blumenau Caxias do Sul Passo Fundo Santa Maria
			Capital Regional C Ponta Grossa

Fonte: IPARDES/ REGIC 2007

No ano de 1978 ocorreram algumas mudanças no modo de classificação da REGIC e Londrina apareceu classificada como Centro Submetropolitano, que é considerada como uma segunda posição na hierarquia de centros no Brasil, essa nomenclatura não permaneceu nos estudos posteriores da REGIC, mas é importante ressaltar que, nesse momento, Londrina se apresentava como uma cidade muito importante na rede urbana do Paraná, num momento em que a economia desse estado ainda não estava tão concentrada no entorno da capital Curitiba (FERREIRA, 2011).

Em 1993, Londrina enquadra-se na posição de Muito Forte, o estado apresentava, ainda de acordo com a REGIC, dois conjuntos importantes de centralidade: o metropolitano, considerando Ponta Grossa, em seu entorno, mais distante, com um centro de nível máximo

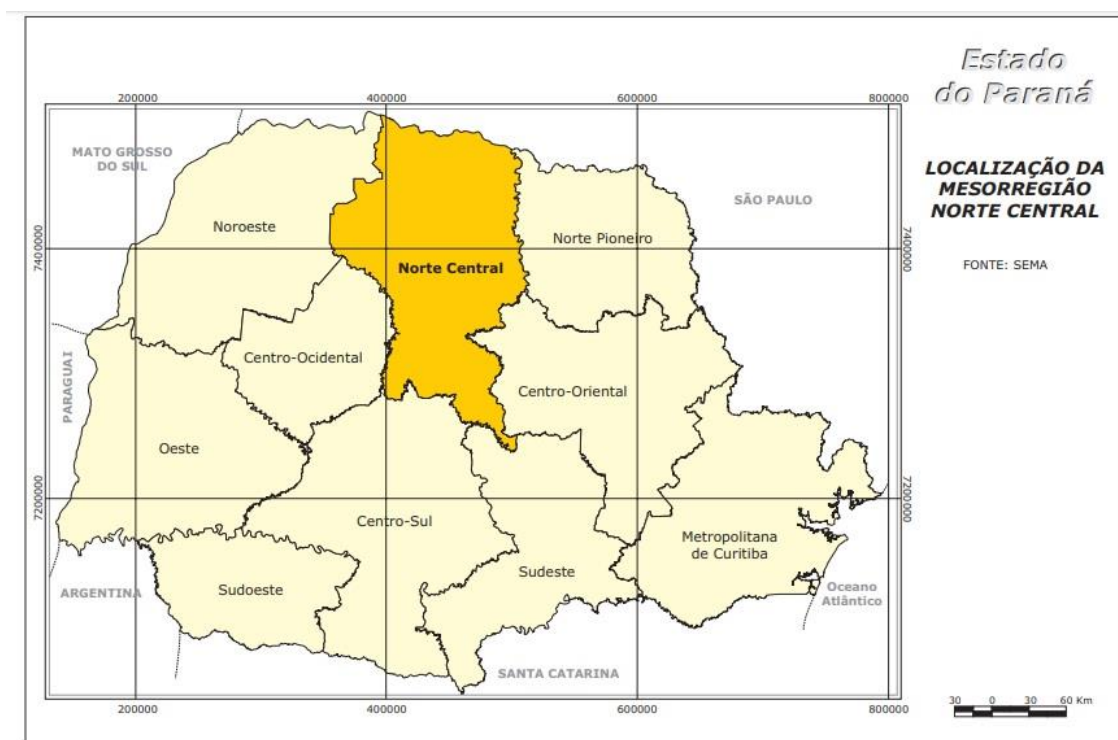
e outro de nível forte; e o Norte Central, com dois centros de nível muito forte (FERREIRA, 2011, p.11). Há também um apontamento para a aproximação espacial das Áreas de Concentração Populacional (ACPs) de Londrina e Maringá que polarizam um conjunto urbano. Em 2007 é possível detectar um reforço de algumas centralidades, incluindo a cidade de Londrina, além de Cascavel, Maringá e Ponta Grossa. Destacamos, assim, o papel que Londrina sempre exerceu com forte importância na rede urbana que está inserida.

3.3. Londrina - Uma importante cidade da rede urbana

Londrina está no estado do Paraná e dista aproximadamente 390 quilômetros da capital, Curitiba.

O Paraná possui dez mesorregiões de acordo com a classificação adotada pelo Instituto o Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) como é possível observar no Mapa 1:

Mapa 1- Estado do Paraná: Mesorregiões 2020



Fonte: IPARDES

Nesta divisão regional, Londrina encontra-se na denominada Mesorregião do Norte Central do estado do Paraná. É uma cidade importante na rede urbana em que está inserida, configurando-se atualmente como capital regional B na classificação da REGIC, 2007.

Mapa 2- Estado do Paraná - Mesorregião Norte Central Paranaense. 2020



Fonte: IPARDES

Os dados do Censo Demográfico do IBGE realizado no ano de 2010 contabilizaram 506.701 habitantes na cidade e em 2019 tem-se a estimativa de 569.733 habitantes, como já mostrado no Quadro 7. A cidade é considerada cidade média, pois atende aos quesitos de tamanho demográfico, funções urbanas e organização do espaço intra-urbano de uma forma singular e combinada, próprios do estrato intermediário da rede urbana. Devemos, com cuidado, ponderar qualquer classificação ou definição apressada de cidade média. Atualmente, diversos autores se esforçam na tentativa de uma classificação ou definição teórica sobre essas cidades.

Os critérios mudaram com o passar do tempo e também podem variar de acordo com a rede urbana. Andrade & Lodder, por exemplo, adotando parâmetros demográficos, consideravam como cidades médias, em 1970, as que contabilizavam entre 50 mil e 250 mil habitantes. Com o avanço da urbanização nas últimas décadas do século XX e com a modificação dos papéis desempenhados os parâmetros se redefinem após 1970. (SPOSITO, 2001)

Atualmente, considerando somente a questão demográfica há uma aceitação sobre a ideia de que “cidades médias” são as que possuem entre 100 e 500 mil habitantes, mas ainda

não há uma unanimidade acerca dessas considerações demográficas e há ainda pesquisadores como Soares (1999) que utilizam também a proposta da Organização das Nações Unidas (ONU) que diz que as cidades médias estão entre 100 mil e 1 milhão de habitantes.

É importante destacar que o tamanho demográfico não determina necessariamente que uma cidade seja qualificada como tal, bem como a devemos considerar em qual escala está sendo analisada, pois ela influenciará nessa classificação. Concordamos com Corrêa (2007) que explica a cidade média como uma cidade que exerce centralidade quanto à oferta de bens e serviços para uma hinterlândia regional (CORRÊA, 2007). Neste caso, Londrina se destaca na rede urbana do Norte do Paraná, apresentando-se como uma cidade média que exerce papéis de articulação, relações e processos entre cidades pequenas e as metrópoles (RIBEIRO SILVA, 2013).

O comportamento espacial de atividades, como supermercados e *shoppings centers* de se localizarem nos mesmos espaços comerciais reforçou com o passar dos anos a possibilidade de encontrar diferentes produtos e serviços, estacionamento e outras facilidades. Esta tendência colabora para a reunião espacial de empreendimentos do Setor Terciário e teve ainda como benefícios a redução de custos e o aumento da atratividade. Para os anos entre 1974, por exemplo, o número de supermercados em Londrina cresceu mais de 300% (de 15 para 65 estabelecimentos). Isso é resultado da incorporação de diversos pequenos supermercados em conjunto com a instalação de hipermercados. Já na década de 1990, ocorre a implementação da rede Carrefour dentro do *Shopping Catuaí* (OLIVEIRA, 2009).

Assim como ocorreu no comércio, os serviços também passaram por um processo de ampliação havendo a sofisticação deles, principalmente em bairros onde residiam as classes média e alta. Os responsáveis por estudar aspectos gerais da atividade de serviços em Londrina, como Linardi (1995) e Tavares (2001), tratam da importância dos serviços autônomos e propõem uma subdivisão entre eles, os que possuíam nível superior, os de nível médio e os que tinham pouca ou nenhuma escolaridade. Dentre os que possuíam nível médio representavam 14% e os que tinham formação superior somavam 11% do total, a interpretação que foi feita, é que esses números refletiam a necessidade de mão de obra com certo grau de especialização. Os fatos citados acima também contribuíram para que Londrina se apresentasse como uma importante cidade da rede urbana em que está inserida.

Como exemplo da importância exercida pela cidade na Região Norte, destacamos alguns pontos como os comércios e serviços. Consideramos que estes auxiliam à compreensão do processo de reestruturação que Londrina vem passando.

Destacando o ramo supermercadista, sobretudo após a década de 1990, nota-se uma recente expansão, devido às mudanças culturais econômicas que fortalecem o consumo. Suas dinâmicas interferem na composição dos fluxos e na localização de outros empreendimentos do mesmo setor, o que é notado, principalmente, em cidades médias, uma vez que a complexidade e tamanho dessas cidades e a operacionalização desses empreendimentos são capazes de redefinir a estruturação urbana e regional (RIBEIRO SILVA, 2013).

Sobre a dinâmica industrial é possível destacar que Londrina acompanhou a tendência nacional iniciada em 1960, com devido destaque ao desenvolvimento da indústria agrícola que se intensificou pós 1970. Não é uma relação histórica, visto que as dinâmicas econômicas da cidade foram voltadas, anteriormente, predominantemente aos setores de comércios e serviços. Parte dessas indústrias que foram instaladas em Londrina, exerciam suas atividades no ramo de processamento de mercadorias de origem primária. Na década de 1990 a cidade começa a receber algumas empresas – como por exemplo a Dixie e Toga e Elevadores Atlas, incentivadas a mudar de localidade devido a oferta de terrenos com valores mais baixos, menor custo de vida, bons indicadores de qualidade de vida, etc. Em contrapartida, houve a mudança de centros administrativos dessas empresas de capitais locais para grandes cidades, como São Paulo com a empresa local Café Cacique, que mudou seu centro administrativo e fábrica para São Paulo, com filiais administrativas e comerciais no Rio de Janeiro e em Porto Alegre e mantendo, ainda, fábricas em Londrina. (RIBEIRO SILVA, 2013).

Houve um movimento espacial importante dessas atividades econômicas, mas que não deixou ser possível uma análise contínua que determina uma tendência de localização dessas empresas em Londrina, porém, essa movimentação, deixa claro que a cidade se apresentou como interessante possibilidade para a instalação dessas atividades. (RIBEIRO SILVA, 2013). A seguir apresentamos os aspectos que sintetizam as observações destacadas:

- i) Quanto ao ensino superior: Podemos apontar como papel de destaque a Universidade Estadual de Londrina, que foi criada em 1970 com a junção de outras universidades que já existiam na cidade. Londrina ainda conta com um campus da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e instituições privadas a citar o Centro Universitário Filadélfia (UNIFIL), Faculdade Arthur Thomas (CESA),

Faculdade de Tecnologia IAPEC, Faculdade de Tecnologia Inesul do Paraná (FIPAR), Faculdade Pitágoras, Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA), Instituto de Ensino Superior de Londrina (INESUL), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL).

- ii) Serviços de Saúde: São contabilizados 133 estabelecimentos de saúde ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS). São 1859 leitos ao todo, sendo eles 1149 pelo SUS e 710 da rede privada (DATASUS, 2019)
http://cnes2.datasus.gov.br/Mod_Ind_Tipo_Leito.asp?VEstado=41&VMun=411370

- iii) Hipermercados: como líderes que atual em Londrina temos o Viscardi (capital local); Super Muffato e Condor (capital regional – paranaense); Atacadão e Carrefour (capital estrangeiro – França)

- iv) *Shoppings Centers*

É muito comum que em uma rápida conversa com cidadãos, estes mencionem que Londrina teve o primeiro *shopping center* da região Sul do Brasil, o *Shopping Com-Tour*. Este foi inaugurado no ano de 1973, no setor oeste da cidade, mais especificamente no bairro Jardim Shangri-lá, próximo a um importante eixo comercial que se desenvolveu ao longo da Avenida Tiradentes.

O *shopping* conta com uma unidade do Supermercados Cidade Canção, academia, salão de beleza. Lojas de franquias como O boticário, confecções adulto e infantil, calçados, acessórios, lotérica, agência dos correios, cinema e parque infantil, fliperama, praça de alimentação. Atualmente podemos considerar que este seja um *shopping* de pequeno porte que se somam a outros pela cidade.
(<https://shoppingcomtour.com.br/nossa-historia>)

Outros empreendimentos de menor porte⁵ estão distribuídos pela cidade como *Shopping Jardim Mall*, *LFM Planej D Shopping Center*, *Via Pio XII Shopping Center*, *Shopping Quintino*, *Shopping Canadá*, *Palhano Shopping*, *Shopping Maranhão*,

⁵ A Abrasce considera *shopping center* os empreendimentos com Área Bruta Locável (ABL), normalmente, superior a 5 mil m², formados por diversas unidades comerciais, com administração única e centralizada, que pratica aluguel fixo e percentual. Na maioria das vezes, dispõe de lojas âncoras e vagas de estacionamento compatível com a legislação da região onde está instalado. Os classificados como shoppings de pequeno porte, dispõe de uma Área Bruta Locável inferior a 19.999 m², (<https://abrasce.com.br/numeros/definicoes-e-convencoes/>).

Alameda Jardim, *Shopping Ritz*, *Londres Shopping*, *Tower Shopping*, *Shopping Aurora*, *Royal Plaza Shopping*.

Entre os *shoppings* de maior porte, podemos mencionar o *Catuaí Shopping Londrina*, *Londrina Norte Shopping* e *Boulevard Londrina Shopping*.

- v) Rede bancária: As dinâmicas que envolvem as lógicas espaciais das agências bancárias constituem elementos importantes para o entendimento da formação de áreas centrais (RIBEIRO SILVA, 2013, p. 270)

Londrina é a cidade da porção norte do estado que conta com o maior número de agências bancárias, são 78 agências das consideradas principais redes bancárias. Trataremos desse item de uma forma mais profundada ao longo deste trabalho.

3.4. Os primeiros bancos na cidade

Os registros documentados em diversos materiais como livros e jornais apontam o Banco do Estado do Paraná (BANESTADO) como primeiro banco instalado em Londrina. Há uma dificuldade em indicar a data precisa. Zortéa (1975) aponta o ano de 1936, já o livro organizado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP, 1977), indica o ano de 1935.

Posteriormente, foi instalada a Caixa Econômica Federal. O prédio estava localizado na esquina da Avenida Rio de Janeiro com a Benjamin Constant, também no ano de 1936 (FOLHA NORTE LONDRINA, 2010), onde posteriormente foi instalado o Berlim Hotel (Fotografia 1) sendo que, atualmente, a área é ocupada por um prédio das Lojas Havan. As Fotografias 2 e 3 contém outros registros de edificações que foram ocupadas por esta instituição bancária em Londrina.

Fotografia 1: Londrina. Caixa Econômica Federal, 1936.



Fonte: ZORTÉA, 1975

Fotografia 2- Londrina. Antiga localização da Caixa Econômica Federal do Paraná Avenida Rio de Janeiro esquina com Benjamin Constant, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 3 - Londrina. Antiga localização da Caixa Econômica Federal do Paraná Avenida Rio de Janeiro esquina com Benjamin Constant, 2019.



Trabalho de Campo 2019

Zortéa (1975) pontua que, de início, o banco não era de muita serventia aos comerciantes, pois não emprestava dinheiro, não fazia títulos cambiais, etc., basicamente só fazia o recebimento de dinheiro em depósito e assim o fez por anos. O prédio iria ser transferido posteriormente:

Em consequência da falta de estabelecimentos de crédito, no rigor da palavra, o empresariado local se via abarbadado com a falta de numerário para atender o crescente comércio, principalmente, para os compradores de cereais, suínos, café, algodão, cujos armazéns de compra popular na praça, tinha que demandar a capital paulista para fazer transação cambial, nas casas de crédito dali. Era uma tremenda dificuldade, acrescida da demora da viagem, só possível por linha férrea (ZORTÉA, p. 160, 1975).

Devido ao crescimento de Londrina, a direção paulista do Banco do Noroeste do Estado de São Paulo S.A. interessou-se pela região e decidiu encaminhar seus emissários para analisar se era adequada a instalação de uma agência na cidade. Assim, em 1 de fevereiro de 1938, na Avenida Rio de Janeiro, foi instalada a agência do Banco Noroeste do Estado de São Paulo S.A. (Fotografia 4). Este banco, por anos permaneceu como único em Londrina realizando os serviços de transação cambial e crédito, tendo ajudado na construção da cidade (ZORTÉA, 1975).

Fotografia 4 - Londrina. Banco Noroeste (sem data)



Fonte: extraído de Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná – CMNP (1977)

A primeira agência do Banco do Brasil na cidade foi inaugurada em março de 1940 e foi instalada na esquina da Avenida Paraná com a São Paulo (Fotografia 5)

Fotografia 5 - Londrina. Primeira agência do Banco do Brasil, 1940.



Fonte: Folha de Londrina 04/08/ 1989

Em Londrina, também foram criados bancos, a partir de iniciativas locais e regionais. O primeiro deles foi o Banco Nacional Paraná- Santa Catarina, mais conhecido como “Nosso Banco”, criado devido à sociedade de um grupo econômico com pessoas de origem paranaense e catarinense, fundado em 1952.

Na década de 1950, Londrina despontava como capital da maior região produtora de café e conseqüentemente como centro de negócios de uma crescente agricultura onde predominava, como perfil, lavradores de pequeno e médio porte, mas ainda dependia da capital do estado, Curitiba, e de São Paulo, dependência que interferia negativamente em um desenvolvimento mais amplo considerando que havia muitas barreiras no que concerne aos meios de comunicação. Um telefonema para qualquer uma dessas capitais, por exemplo, exigia dois dias de viagem em estradas em condições ruins para chegar até o posto telefônico que se encontrava mais próximo, além disso ainda havia uma espera até que a ligação fosse completada (ZORTÉA, 1975).

Em alguns registros encontrados, conseguimos identificar o ano de autorização da construção de alguns prédios que seriam utilizados para a instalação de agências na cidade.

O Banco Nacional Paraná-Santa Catarina (Nosso Banco), em um episódio a ser citado como exemplo, auxiliou no processo de negociação das colheitas quando os cafeicultores estavam sem recursos para esperar uma melhor negociação da safra, emprestando-lhes a cédula rural pignoratícia, onde em 20 dias os agricultores tiveram acesso ao dinheiro necessário para fazer com que pudessem esperar a negociação da safra a preços mais competitivos e posteriormente todos saldaram a dívida com o banco. Com o apoio dos correntistas, o banco cresceu rapidamente, tendo sucursais em São Paulo e Florianópolis. Posteriormente se transformou em Banco Nacional da Lavoura e do Comércio⁶ e em 1968 foi incorporado pelo Banco do Estado de São Paulo S.A. (BANESPA) (ZORTÉA, 1975).

O segundo banco criado foi o Banco Financiadora do Paraná – Crédito, Financiamento e Investimento (FIPAR S.A.), criada em novembro de 1964 por um grupo de 55 londrinenses. A Carta Patente foi expedida pelo Banco Central em fevereiro de 1965, para que a referida instituição pudesse operar no mercado de crédito, financiamento e investimento.

Em meados da década de 1940, foi concedida uma autorização para construção de uma agência do Banco do Estado do Paraná (BANESTADO), a data precisa da inauguração do banco não foi encontrada, mas sabe-se que se localizava na Praça Willie Davids. No mesmo ano foi instalada uma agência do Banco do Brasil na Avenida Paraná. No final da década de 1940, foi concedida uma autorização para construção de um prédio que viria a abrigar uma agência do Banco Bradesco S.A, na Avenida Rio de Janeiro sentido Rua Minas Gerais, o prédio abrigou este banco até 1977 e no mesmo período foi concedida também uma licença para construção de um empreendimento que viria a abrigar uma agência da Caixa Econômica Federal nas proximidades do mesmo endereço – Avenida Rio de Janeiro. Em 1952, foi concedida a licença para a construção do prédio do Banco Comercial do Estado de São Paulo S.A, na rua Rio de Janeiro, próximo ao número 182 (BONI, 2004).

Há um bom desenvolvimento econômico registrado na cidade no final da década de 1940 e início da década de 1950 e a instalação desses três empreendimentos bancários (Bradesco, Banestado e Caixa Econômica Federal), no que ficou traçado como coração econômico de Londrina revela-se como evidência disso. Já na década de 1970, o Banco

⁶ Antes de ser transformado em Banco Nacional da Lavoura e do Comércio, os fundadores do Nosso Banco haviam fundado a Companhia Cacique de Café Solúvel, uma espécie de *holding* que controlava uma série de empresas, inclusive no exterior. (ZORTÉA, 1975).

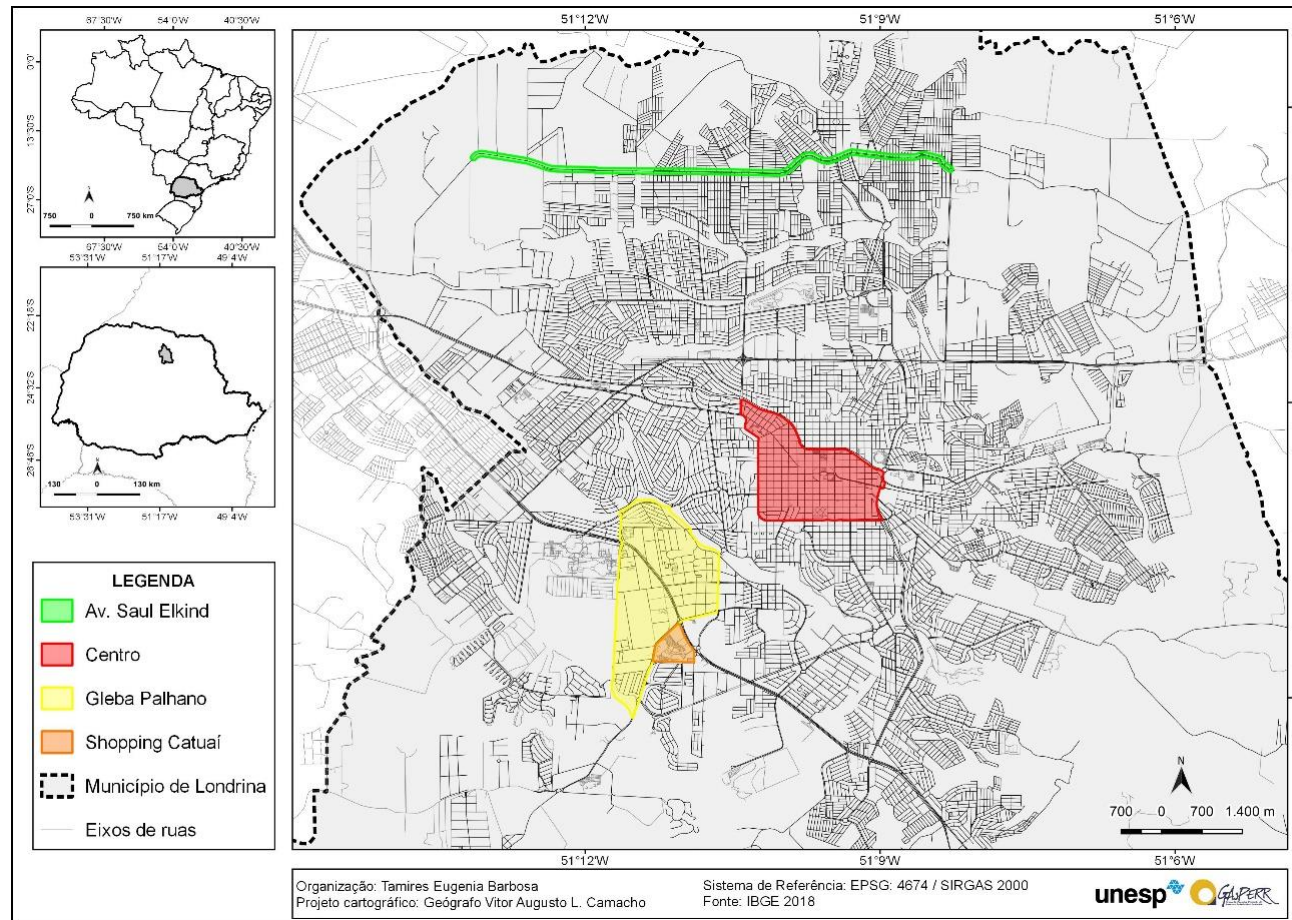
Bamerindus instala-se na Praça Willie Davids, também na área central da cidade e, em 1985, houve a inauguração mais uma agência do Banco do Estado do Paraná (BANESTADO).

Nossa Caixa, banco de origem paulista, instalou-se em Londrina em 2001, na Rua Pernambuco, Centro, como parte do seu projeto de expansão que contempla outras cidades fora do estado de São Paulo, como Curitiba, Campo Grande, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Na ocasião, o gerente geral da agência, destacou que havia um potencial mercado competitivo devido ao fato de que muitos filhos de paulistas moravam em Londrina para estudar. (JORNAL DE LONDRINA, 2001).

Nesse ponto da pesquisa, gostaríamos de apresentar as transformações recentes pelas quais Londrina passou, bem como o contexto em que se desenvolvem as dinâmicas que serão objeto do próximo capítulo. Daremos ênfase aos distintos setores da cidade, demonstrando suas características, o crescimento e relativo desenvolvimento, seus principais eixos comerciais e introduzir a análise da localização dos empreendimentos bancários em cada setor. Após esse panorama, pretendemos dar enfoque ao setor bancário, destacando também suas mudanças.

Apresentamos, assim, as áreas ou eixos que se constitui centralidade em Londrina. Faz-se importante, agora, a construção histórica do surgimento dessas áreas, dando base para, no capítulo seguinte, desenvolver como o setor bancário acompanhou essas transformações

Mapa 3 - Londrina. Eixo e áreas de centralidade, 2020.



Fonte: Google Maps/ Trabalho de Campo

A primeira área abordada é a que consideramos como central e que exerce a função do centro principal. Para embasar nossa discussão sobre centro e centralidade, com enfoque principalmente em Londrina, pautaremos, principalmente, em textos de Takeda (2004); Ribeiro Silva (2006) e Villaça (2007); Sposito (2010).

A segunda área a qual daremos atenção está no setor norte da cidade, onde se encontram os conjuntos habitacionais e a Avenida Saul Elkind. Para tratar das especificidades do eixo configurado por essa via, utilizaremos, principalmente, textos de Beidack; Fresca (2011). A terceira área que definimos como importante setor de centralidade se encontra no sul/sudoeste que se desenvolveu com a chegada do *Shopping Catuaí* Ribeiro e, para tal, vamos nos apoiar em Silva (2013) e Amorim (2015).

3.5 O centro a partir de várias concepções

O dicionário Michaelis, traz a seguinte definição sobre a palavra centro: Ponto central de uma cidade que reúne instituições comerciais, financeiras, culturais etc. (<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=centro>). A definição comum do que é considerado como centro já aponta algumas das funções que caracterizam e reforçam uma área como tal. Pensando em termos históricos, podemos afirmar que desde que há concentração humana num assentamento fixo há centro em constituição:

Toda aglomeração socioespacial humana - da taba indígena à metrópole contemporânea, passando pelas cidades medievais e as pré-colombianas desenvolve um, e apenas um centro *principal*". (VILLAÇA, 2007, p.237, grifo do autor).

Esse centro não se trata de um lugar com pré-existência, nenhuma área é ou não centro, ela torna-se centro, utilizemos o exemplo de uma capela: ela pode preexistir em relação ao centro, mas o seu local só se tornará centro se houver o surgimento de um povoado no seu em torno e faça dessa capela seu centro. (VILLAÇA, 2007).

Podemos considerar que essas áreas centrais sempre foram privilegiadas dentro das cidades desde as primeiras civilizações, e com o passar do tempo esse privilégio se manteve, entretanto, às vezes por motivos, funções e simbologias diferentes, devendo, cada período histórico estabelecer qual o papel da área central dentro da cidade (TAKEDA, 2004).

De outro ponto de vista complementar, é preciso refletir como historicamente o próprio centro modifica-se para atender novas demandas da sociedade e, especialmente, na economia. Tomando como referência, por exemplo, o capitalismo podemos ponderar que

Quanto mais se acentua a divisão social do trabalho, mais capital se concentra, o que quer dizer especialização dos lugares, mas também um lugar de concentração que é o centro, uma área no interior da cidade, onde a circulação e as trocas das mercadorias e do dinheiro vão se realizar rapidamente, um lugar de estímulo ao próprio consumo de bens e serviços. (SPOSITO, 2010).

Para continuar nossa reflexão sobre o centro, retomamos uma citação de Lefebvre (1983):

Na maioria dos casos, o centro urbano implica e propõe concentração de tudo o que se dá no mundo, na natureza e nos cosmos: produtos da terra, produtos industriais, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos”. (LEFÉBVRE 1983, p. 46).

A partir dessa concepção de Lefebvre, o centro não se refere apenas à concentração de atividades, mas tem significados mais amplos porque inclui aspectos não materiais e até mesmo subjetivos.

Tendo em vista o valor objetivo e subjetivo do centro, sob o capitalismo, podemos afirmar que se instalam no centro, os que apresentam condições financeiras de arcar o com preço do solo e dos imóveis existentes nesta área, apropriados ou não para o comércio, bem como com os custos de aí se instalarem. Esses investimentos, no geral, poderão significar maiores lucros e rendimentos.

A acessibilidade elevada e as possibilidades de deslocamento que áreas centrais oferecem influenciam a valorização delas, do ponto de vista do preço da terra e dos imóveis, sobretudo no que concerne ao seu valor simbólico.

Sposito (2010) aponta a de um consenso a respeito de centro como zona única no interior das cidades, que apresenta complexidade funcional que resulta em altos índices de frequência, onde as funções e valores urbanos atingem seu ápice tratando-se do valor do solo urbano, da densidade dos comércios e serviços, estabelecimentos de lazer, etc.

Para os países subdesenvolvidos, existem algumas características mais marcantes atribuídas ao centro, como a constituição de um nó principal da rede de vias urbanas, monopolizador de todas as funções de serviços urbanos e serviços à escala da região (SANTOS, 1981).

Antes de adentrarmos propriamente para uma análise sobre a constituição do centro de Londrina e suas características atuais, discorreremos sobre outras áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços. O centro principal é um só, mas veremos, ao longo deste capítulo, que áreas ou eixos de concentração podem ocorrer em diversos locais de uma cidade, as quais exercem centralidade de diferentes tipos e intensidades.

O reforço de certas dinâmicas relacionadas as novas localizações dos equipamentos comerciais de serviços concentrados em um local que não seja o centro principal, leva a constituição de novas áreas centrais que redefinem a centralidade nas cidades (SPOSITO, 2010).

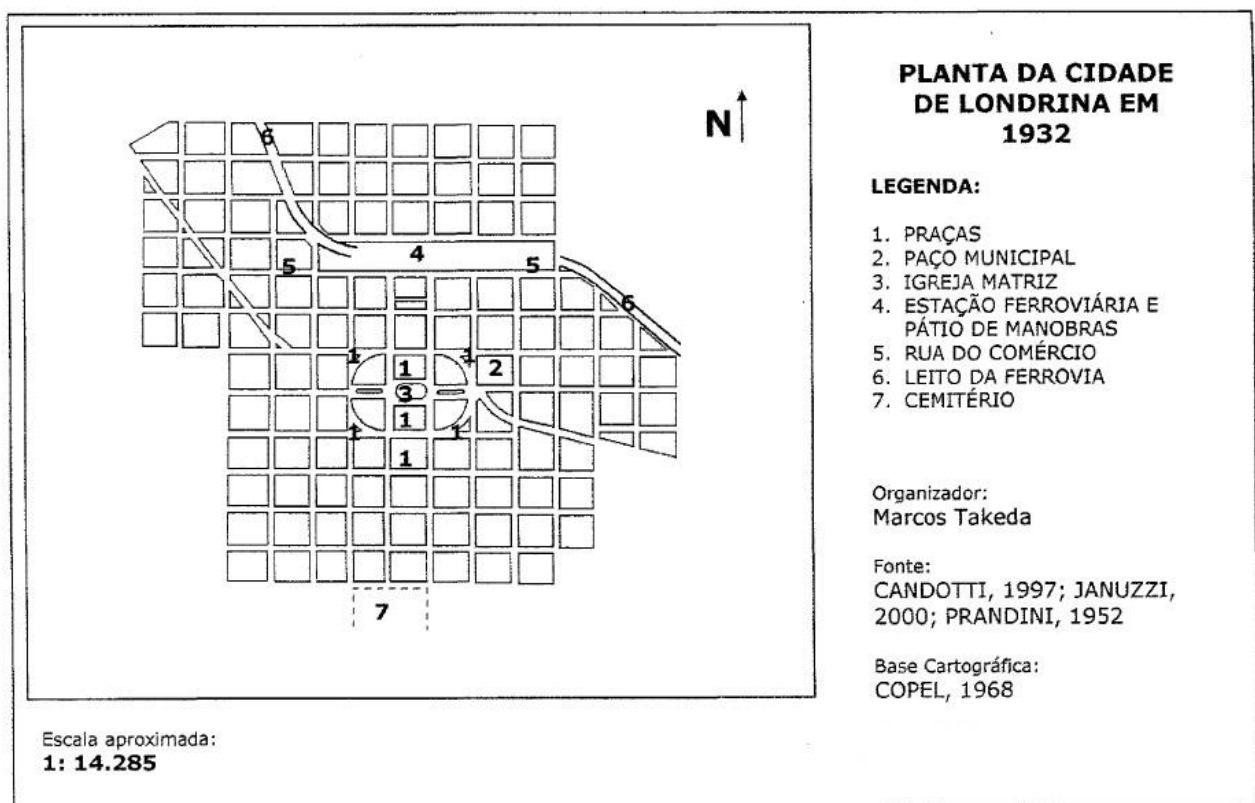
A centralidade única no interior das cidades não é mais uma forma predominante de articulação de sua estrutura interna (SPOSITO, 2010, p. 202). Tendo em vista que a centralidade provém da expressão, ao nível do espaço, do que os pesquisadores chamam de produção social do espaço, à medida em que há diferentes atividades e diferentes níveis sociais ligados a essas atividades. Tal divisão se espacializa ao mesmo tempo que adquire elementos de diferenciação tanto no nível social como espacial (CASTELLS, 1982, grifo nosso). Diante dessas dinâmicas, é necessário rever a ideia de centro único e monopolizador de todas as atividades tradicionalmente centrais. A centralidade deve ser compreendida como processo, combinação de vários processos sociais no espaço e esses, por sua vez, não estão, somente, reduzidos ao centro urbano, corresponde, inclusive, as diferentes

modalidades de hierarquização urbana, de trocas na cidade e de atividades de inovação próprias ao centro. (CASTELLS, 1988)

3.6 O centro principal de Londrina

A área central da cidade já estava pré-definida no traçado proposto pela CTNP (ver figura 6), no entanto, Takeda (2004), afirma ser precipitado apontar que esse setor já se constituía plenamente como centralidade.

Figura 6 - Planta da Cidade de Londrina, 1932.



Fonte: TAKEDA (2004)

Quando falamos especificamente sobre a gênese do centro principal de Londrina destacamos sua consolidação nas décadas entre 1930 e 1950. Ele era atrativo municipalmente e regionalmente falando, porém, seus frequentadores não possuíam o mesmo poder aquisitivo marcando uma diferenciação socioeconômica já presente e percebida na época. Nesse momento, apresentava uma centralidade única, não sendo identificado ainda a dinâmica da descentralização que leva à

multiplicação de áreas centrais (RIBEIRO SILVA, 2006) e, eventualmente, a processos de fragmentação socioespacial.

Fotografia 6 - Londrina. Praça Willie Davids, década de 1960.



Fonte: IBGE Cidades

Fotografia 7- Londrina. Rua Minas Gerais, década de 1960.



Fonte: IBGE Cidades

As fotografias 6 e 7 foram retiradas do site IBGE Cidades e encontram-se sem data específica, sendo mencionado apenas que foram retiradas na década de 1960. Através dessas imagens podemos observar como o centro da cidade nesse período já contava com uma estrutura de características centrais com a presença de vários prédios comerciais.

O centro de Londrina, historicamente, exerceu papel importante, com o ápice da economia cafeeira. A classe dominante que a princípio se instalou no centro, transformou as suas residências em estabelecimentos comerciais reforçando a centralidade exercida pelo centro principal expandindo e diversificando essa área. Algumas décadas mais tarde, a construção do calçadão, acabou reforçando a centralidade que havia se constituído desde a origem da cidade (RIBEIRO SILVA, 2006).

O início das obras de construção do calçadão ocorreu somente no ano de 1977, quando a cidade completava 43 anos. Foi uma iniciativa por parte da administração municipal como comemoração do aniversário da cidade, e a primeira fase das obras ia da antiga prefeitura na rua Minas Gerais até a praça Gabriel Martins.

3.7 Setor Norte: conjuntos habitacionais, subcentro e *shopping* popular.

Londrina passou por um processo de expansão influenciado por diversos fatores como a implementação de conjuntos habitacionais, ação de agentes imobiliários e construção de *shoppings centers*, como fizemos referência anteriormente. Pretendemos, nesse momento, dar maior atenção a essas iniciativas que constituíram fatores que impulsionaram a expansão urbana e o crescimento de determinados setores da cidade.

Para iniciarmos a abordagem da expansão urbana de Londrina, destacamos seu crescimento territorial e demográfico no setor norte. Para tal, precisamos nos remeter ao contexto histórico de transformações econômicas e sociais pelas quais o Brasil estava passando na década de 1960, mudanças essas que se refletiram tanto

nas relações urbanas, quanto em investimentos em infraestrutura que geraram desenvolvimento industrial, assim como nas relações entre o campo e a cidade, período em que a modernização dos equipamentos e a ampliação da mecanização impulsionaram o êxodo rural gerando grande concentração populacional nos centros urbanos, o que foi intenso em Londrina.

É, nesse contexto, que há o desenvolvimento de políticas públicas para promover construção de residências que atendessem a população de baixo poder aquisitivo. Em 1964, o Governo Federal criou o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e o Banco Nacional de Habitação (BNH). Na sequência foram criadas Companhias de Habitação (COHABs) que foram as responsáveis pela operacionalização do sistema. (BEIDACK; FRESCA, 2011)

A COHAB Londrina foi de suma importância para o direcionamento da expansão urbana da cidade e devemos, aqui, dar destaque para o setor norte. Sua efetiva atuação ocorreu após o ano de 1970, com a construção de conjuntos habitacionais, a partir da construção dos cinco primeiros conjuntos: Luís de Sá, Aquiles Stenghel Guimarães, Sebastião de Melo César, Semíramis de Barros Braga e João Paz, no final dos anos de 1970, quando se criou a expressão “Cinco Conjuntos” ou “Cincão” (RODRIGUES, 2002).

Quando esses conjuntos foram criados, era possível notar sua distância em relação ao centro principal da cidade. Também havia uma carência de infraestrutura básica, fato impulsionou aos moradores a se organizar politicamente para reivindicar melhorias junto ao poder público. O perfil socioeconômico dos moradores era de baixo poder aquisitivo, pois a presença deles na cidade era decorrência do êxodo rural. (BEIDACK; FRESCA, 2011).

Esse setor da cidade é o mais densamente ocupado, em termos populacionais, resultado do fato de que, entre 1970 e 2007, dos 142 conjuntos habitacionais construídos em Londrina, 44% foram implementados ali.

As primeiras obras de infraestrutura foram executadas por volta da década de 1980 em conjunto com a pavimentação da Avenida Saul Elkind e da construção do hospital Doutor Anísio Figueiredo. A população reivindicava a diversificação das

atividades comerciais e de prestação de serviços devido à distância do centro. Na década de 1990, houve a abertura de um supermercado da rede Muffato, a instalação das indústrias Dixie Toga (ramo de embalagens) e Elevadores Atlas. No contexto das transferências industriais do estado de São Paulo para o interior do país, Londrina foi uma das cidades beneficiadas e o setor norte passou a ser alvo também de investimentos privados em loteamentos e nas atividades comerciais e prestadoras de serviços. (BEIDACK; FRESCA, 2011).

O setor norte, que se convencionou chamar de Cinco Conjuntos, tem se consolidado territorialmente, a partir da Avenida Saul Elkind, eixo de concentração comercial e de serviços, que se constituiu como centralidade, por exercer influência sobre esses conjuntos e, respectivamente, seu entorno, caracterizando-se como um subcentro nos termos dados a esse conceito por Villaça (2001), reproduzindo, então, as funções do centro principal em menor escala e possibilitando o acesso de seus moradores a comércio e serviços mais próximos. Ao longo do período, principalmente a avenida Saul Elkind, tornou-se núcleo a partir do qual se formou o primeiro subcentro de Londrina (RIBEIRO SILVA, 2002 apud OLIVEIRA, 2009, p. 106)

Como exemplo do raio de influência que essa centralidade exerce, podemos citar que, considerando a expansão mais recente de Londrina, outros bairros dessa porção norte da cidade mais longínquas em relação ao centro principal (como o Conjunto Habitacional Vista Bela - bairro de uma de nossas entrevistadas, como veremos adiante, oriundo do programa habitacional do governo federal Minha Casa Minha Vida) utilizam os estabelecimentos comerciais e de serviços desse setor da cidade, muitas vezes dispensando a ida ao centro principal.

O debate sobre a criação de novas centralidades tem sido amplo. Essa centralidade é representada por um processo de concentração de atividades comerciais e de serviços,

[...] sejam eles de atendimento de demandas dos consumidores ou aqueles de controle exercido pelo Estado e pelos diferentes capitais; de controle e imposição de valores diversos para uma sociedade historicamente determinada. Centralidade, portanto, impõe a noção de força, de poder e se concentra, sendo necessário entender seu correspondente dialético: a descentralização. (BEIDACK; FRESCA, 2011, p.2)

É no significativo eixo da avenida Saul Elkind que conseguimos encontrar uma atividade comercial e de prestação de serviços. São estabelecimentos de vários segmentos, como supermercados, de rede local Tonhão e Super Golff (duas unidades em diferentes pontos da avenida – ver Fotografia 9) e arede regional Muffato; lojas de eletrodomésticos como a do Grupo Cem (ver Fotografia 10); academia; restaurantes e lanchonetes de diversos segmentos; padaria; farmácias; posto de gasolina etc.

Fotografia 8 - Londrina. Avenida Saul Elkind, Supermercado Super Golff, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 9 – Londrina. Avenida Saul Elkind, Lojas Cem, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Esse setor da cidade também conta com um *Shopping Center*, o Londrina Norte *Shopping*, inaugurado em 2012, que é administrado pelo Grupo Catuaí e BrMalls, maior empresa integrada do ramo do Brasil, administradora do Catuaí *Shopping* Londrina, de outros *shopping centers* no estado do Paraná e no Brasil. Possui 32.678,29m² de Área Bruta Locável (ABL) e atua com 180 operações entre âncoras, megalojas, lojas satélites, quiosques e diversas na parte de alimentação, conta com salas de cinema e teatro infantil. O polo de atuação correspondente ao Londrina Norte *Shopping* ultrapassa o raio político administrativo da cidade, atraindo consumidores de cidades vizinhas como Cambé, Ibiporã, Rolândia, Cornélio Procopio, entre outras (<https://www.londrinanorteshopping.com.br/sobre>). Nas palavras do diretor do Grupo Catuaí, Alfredo Khouri, o grupo focou investimentos nesse tipo de empreendimento no setor norte para suprir as necessidades da população local:

"Estamos voltando o empreendimento principalmente para as classes B e C, que nos últimos anos tiveram um grande avanço no poder aquisitivo. É uma classe forte, trabalhadora, que impulsiona o comércio da cidade, mas ainda é carente de infraestrutura adequada para a região". (http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9225%3Alondrina-norte-shopping-retoma-obras-e-entrega-sera-em-2012&catid=108%3Adestaques&Itemid=288).

Através da própria fala do diretor do Grupo Catuaí, conseguimos detectar que o empreendimento foi construído com o intuito de atender ao público considerado de menor poder aquisitivo, diferentemente do perfil que iremos identificar no *Shopping* Catuaí, o mais antigo e situado no setor sudoeste. Trataremos deste *shopping center* como elemento de centralidade no subcapítulo a seguir.

3.8. Setor Sudoeste e a chegada do shopping center

De acordo com a divisão político-administrativa realizada pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), esse setor da cidade está denominado como sul, entretanto, nos estudos de Ribeiro Silva (2006; 2013), os bairros que serão citados neste subcapítulo encontram-se classificados como Sudoeste, sendo essa a localização geográfica mais adequada, a qual adotamos.

Um dos investimentos que nucleou a expansão de Londrina para essa direção foi o *Catuaí Shopping* Londrina, inaugurado no ano de 1990. Está entre os maiores empreendimentos do gênero no Sul do País, com 81.700 m² de ABL (Área Bruta Locável) e área construída de 134.445 mil m². É administrado, desde agosto de 2011, pela BrMalls. Conta com 270 lojas entre âncoras e satélites, praças de alimentação, cinema, serviços e lazer.

Transformou-se em um polo de consumo que, segundo dados disponibilizados pela administração do empreendimento, atrai cerca de um milhão de pessoas por mês, consumidores de alto poder aquisitivo que habitam em um raio de até 300 km do entorno de Londrina (<https://www.catuailondrina.com.br/sobre>).

Shoppings Centers são empreendimentos que contribuem para formação de estratégias imobiliárias, que contemplam, em geral, interesses fundiários e imobiliários e em Londrina não é diferente. Embora o *Shopping Catuaí*, não seja o primeiro a se instalar na cidade, contribuiu para um forte processo de reestruturação que se desenvolve no setor Sudoeste de Londrina. (RIBEIRO SILVA, 2013).

A implantação dos *shoppings centers* tem impactos diretos sobre a valorização da área ao seu redor, além de mudar os fluxos e tendências de localização das atividades comerciais e de serviços (RIBEIRO SILVA, 2013). Se, por muito tempo, a área imobiliária mais valorizada de Londrina permaneceu nas adjacências do centro principal, com destaque para áreas que incluem Avenida Juscelino Kubitschek e Avenida Higienópolis, após a chegada do *Shopping Catuaí* (1990) e Carrefour (1992), esse fluxo imobiliário começou a se redesenhar. Nas falas dos cidadãos há um destaque sobre essa demanda de criação de empreendimentos para atender os segmentos sociais de poder aquisitivo mais alto da cidade.

A área denominada como Gleba Fazenda Palhano, área rural que gerou a ocupação sudoeste da Londrina, era composta da grande propriedade que lhe dá o nome e de sítios, chácaras, e outras fazendas, até que, em dois momentos, 1971 e 1992, foi dividida em loteamentos e lotes, tornando-se alvo de intensa atividade imobiliária, sobretudo na década de 1990. Concomitantemente, estavam sendo realizadas obras de infraestrutura pública, como a expansão da Avenida Madre Leônia Milito (além da já citada implementação do *shopping center* e hipermercado),

ampliação do perímetro urbano, autorização para construção de prédios acima dos quatro andares, transposição da Avenida Maringá sobre o lago Igapó, que mais tarde vieram a ser utilizadas como base para a valorização dos empreendimentos imobiliários daquele setor da cidade, por meio da ligação feita pela Avenida Ayrton Senna (AMORIM,2015). Em boa parte das entrevistas realizadas com os cidadãos, a Gleba Palhano é citada como um setor recente, que sofreu certo *boom* de crescimento com destaque para os últimos 15 anos. Essa demanda permaneceu contida por mais de dez anos e se manifestou assim que a área atraiu o setor imobiliário e adquiriu ares de exclusividade e boa localização devido o panorama para o lago Igapó (AMORIM, 2015).

A Fotografia 8 retrata o processo de verticalização que esse setor da cidade conheceu e é possível observar pelo padrão das construções que são voltadas para os segmentos de médio e alto poder aquisitivo.

Fotografia 10 - Londrina. Setor Sudoeste, Gleba Palhano, 2018.

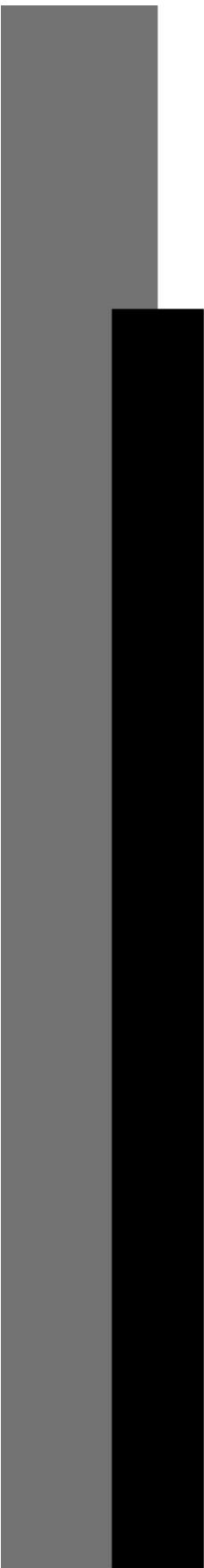


Fonte: Trabalho de Campo 2018

Ao longo desse capítulo vimos que o que denominamos como centro principal para o caso de Londrina, foi uma área prevista na planta inicial da cidade para exercer esse papel e se confirmou com o passar dos anos.

Pudemos analisar, também, os espaços que se transformaram em principais áreas e eixos de concentração de atividades comerciais e de serviços, que conformaram novas centralidades, destacando como elas se constituíram com o passar dos anos, seja por influência da implementação de conjuntos habitacionais,

shopping centers, iniciativas públicas, privadas ou por interferência do setor imobiliário. Consequentemente, começamos a entender a distribuição espacial da localização dos estabelecimentos comerciais e de serviços, o que se faz importante, pois entendemos que as lógicas de implementação dos empreendimentos bancários seguem essa mesma tendência de localização. No capítulo a seguir trataremos mais especificamente desses empreendimentos na cidade.



CAPÍTULO 4

Londrina sua gênese
e estruturação:
movimentos de
expansão urbana,
múltiplas
centralidades e os
primeiros sinais de
fragmentação
socioespacial

Capítulo 4 - Organização do sistema bancário em Londrina, reestruturação do setor e seletividade socioespacial

Neste capítulo, daremos ênfase analítica às atividades bancárias, tendo em vista a tendência de localização espacial dos serviços deste ramo da atividade econômica. Vamos apresentar as áreas onde há presença de comércio e serviços na cidade, bem como expressivo de moradores, observando onde os bancos escolheram se instalar e onde não estão.

Como vimos no capítulo 3, os primeiros bancos foram atraídos para a cidade ainda nos primeiros anos de criação de Londrina e ficaram instalados, no início, no setor que hoje consideramos centro principal da cidade.

Os dados apresentados nesse momento foram obtidos por meio de pesquisa dos endereços das agências, das observações de campo e entrevistas realizadas com os cidadãos, como já mencionamos no subcapítulo em que descrevemos e pormenorizamos os procedimentos metodológicos utilizados.

Vamos operacionalizar a análise retomando elementos já apresentados no capítulo 3, relativos à caracterização dos principais setores da cidade com atividades comerciais e de serviços, e buscando, ainda, relacioná-los à distribuição espacial dos serviços bancários em Londrina. Para tal, é importante voltar, ainda que de modo sucinto, à reflexão sobre a estruturação da cidade.

Existem alguns elementos que são referência para reconhecer essas o centro principal, bem como a centralidade que ele exerce na cidade, como o traçado das vias pelas quais se acede a esta Área Central, os fluxos decorrentes da circulação dos consumidores, mercadorias, trabalhadores, automóveis, associado à forte presença dos estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como a presença de áreas e edificações voltadas à vida pública (JOHNSON, 1974).

O considerado centro principal de Londrina exerce importante centralidade, pois embora a cidade já apresente alguns subcentros e *shopping centers* importantes,

a área central primaz ainda é responsável por fazer o papel de articulação entre os diversos setores da cidade.

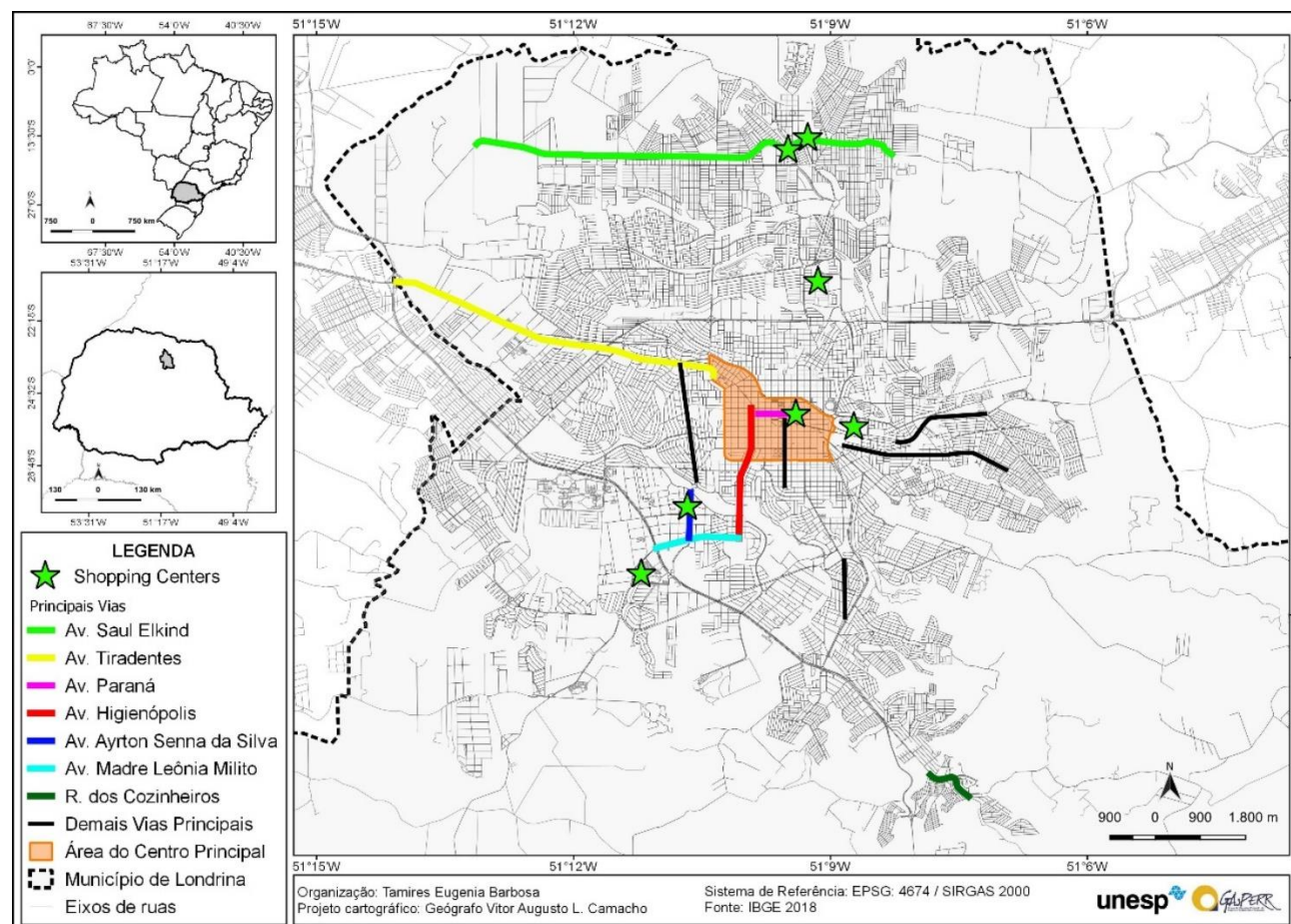
Por outro lado, quando abordamos a questão da moradia, é importante lembrar que há uma diferenciação espacial na localização das residências a qual reflete, em primeiro lugar, o gradiente de preços da terra, que se modifica de acordo com a acessibilidade e as amenidades (CORRÊA, 1979). Tal diferenciação determina quais serão as pessoas que terão acesso a determinadas áreas, reforçando a seletividade socioespacial, ou dificultando o acesso das pessoas a determinados tipos de bens e serviços (e aos espaços destinados a eles), como o acesso aos serviços bancários realizados de forma presencial.

Rocha (2012) apoia-se em Moreira (2001) para compreender a seletividade espacial como “...o processo de eleição do lugar e do(s) respectivos recursos que iniciam a montagem da estrutura espacial das sociedades” (MOREIRA, 2001 p.2). Partindo desta ideia, podemos compreender que, ao fazerem escolhas espaciais, os agentes econômicos que tomam decisões sobre a localização de agências bancárias, fazem-na elegendo dados pontos do território, considerando os recursos de que eles dispõem e o potencial que contém. Essas escolhas não se reduzem à dimensão econômica, na esfera, portanto, da divisão econômica do espaço (distribuição das funções), mas também no plano da divisão social do espaço (prevalentemente distribuição das habitações). Por essa razão, nessa dissertação, substituímos o adjetivo espacial pelo socioespacial, de modo a mostrar que um elemento importante na análise do ramo bancário é a análise do *habitat* na cidade, revelando como desigualdades socioeconômicas, revelam-se como desigualdades socioespaciais e estas são também base daquelas.

Quando tratamos das agências bancárias em Londrina, identificamos que estão situadas no que podemos considerar como eixos ou áreas comerciais e de serviços da cidade, o que poderemos constatar ao longo deste capítulo, tomando como referência os mapas que apresentam uma visão de conjunto sobre a distribuição espacial desses serviços na cidade. Foi preciso considerar, ainda, que estes eixos ou áreas têm vinculação direta com a distribuição das condições de moradia na cidade.

Para fins didáticos, haverá a separação dessas áreas ou eixos em dois tópicos: i) Onde as agências estão e; ii) Onde as agências não estão e poderiam ou deveriam estar. Inserimos o Mapa 4 com o objetivo de facilitar a visualização das vias de Londrina que citadas nessa dissertação, com destaque para as que falaremos de forma mais específica.

Mapa 4- Londrina. Principais vias, 2020.



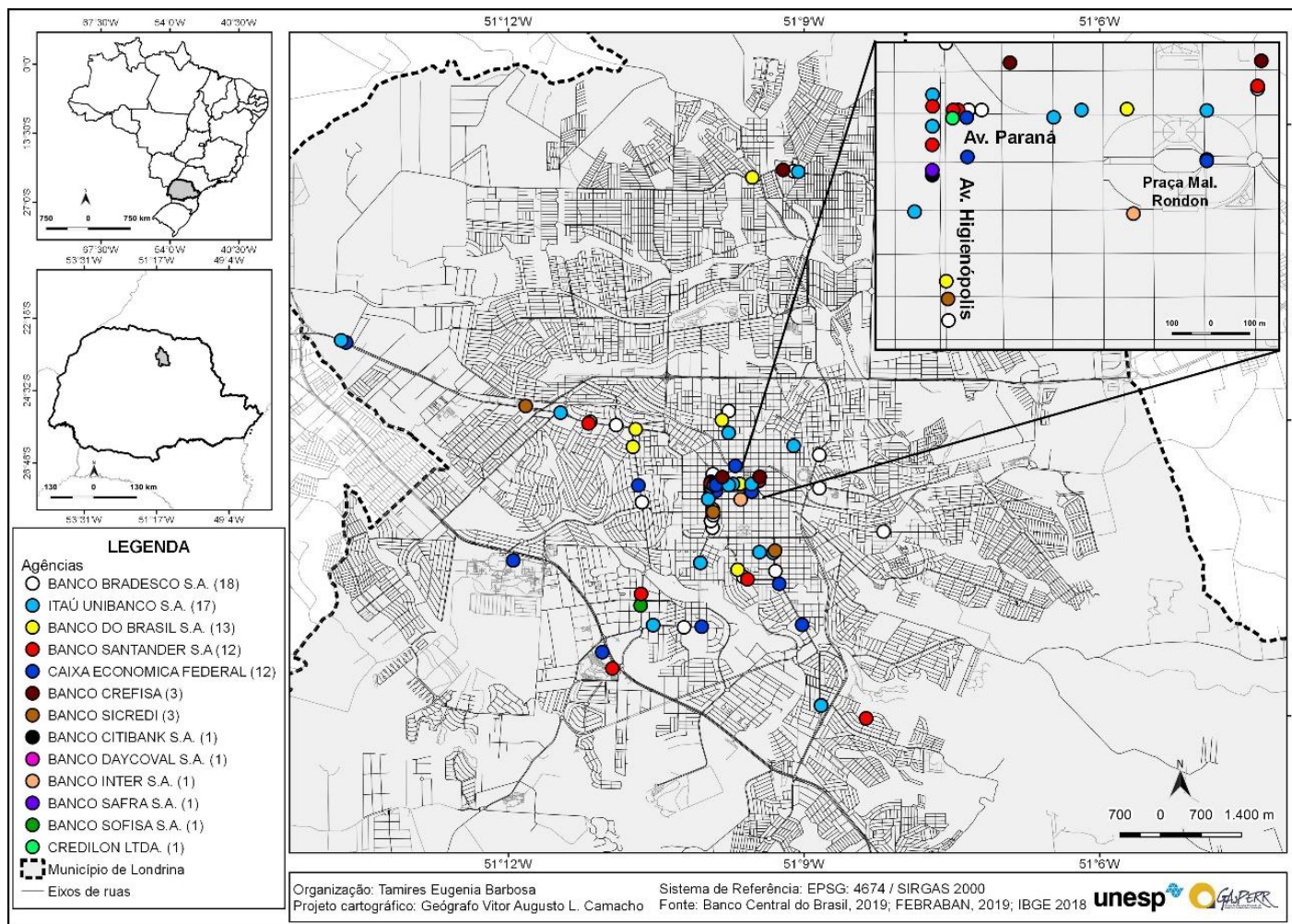
Fonte da localização das áreas e eixos: Google Maps

4.1 Onde as agências estão

A análise da atual localização das agências bancárias em Londrina é realizada neste subcapítulo, em que tomamos como referência as principais concentrações espaciais da oferta destes serviços na cidade.

No Mapa 5, podemos visualizar a distribuição espacial delas, segundo as empresas bancárias a qual pertencem. Cinco destacam-se pelo número de agências: Bradesco (18), Itaú Unibanco (17), Banco do Brasil (13), Santander e Caixa Econômica Federal (ambas com 12); Sicredi e Crefisa contam com três agências cada e outras seis organizações estão presentes em Londrina, cada uma com uma agência: Citibank, Daycoval, Inter, Safra, Sofisa e Credilon.

Mapa 5- Londrina. Agências Bancárias, 2019.

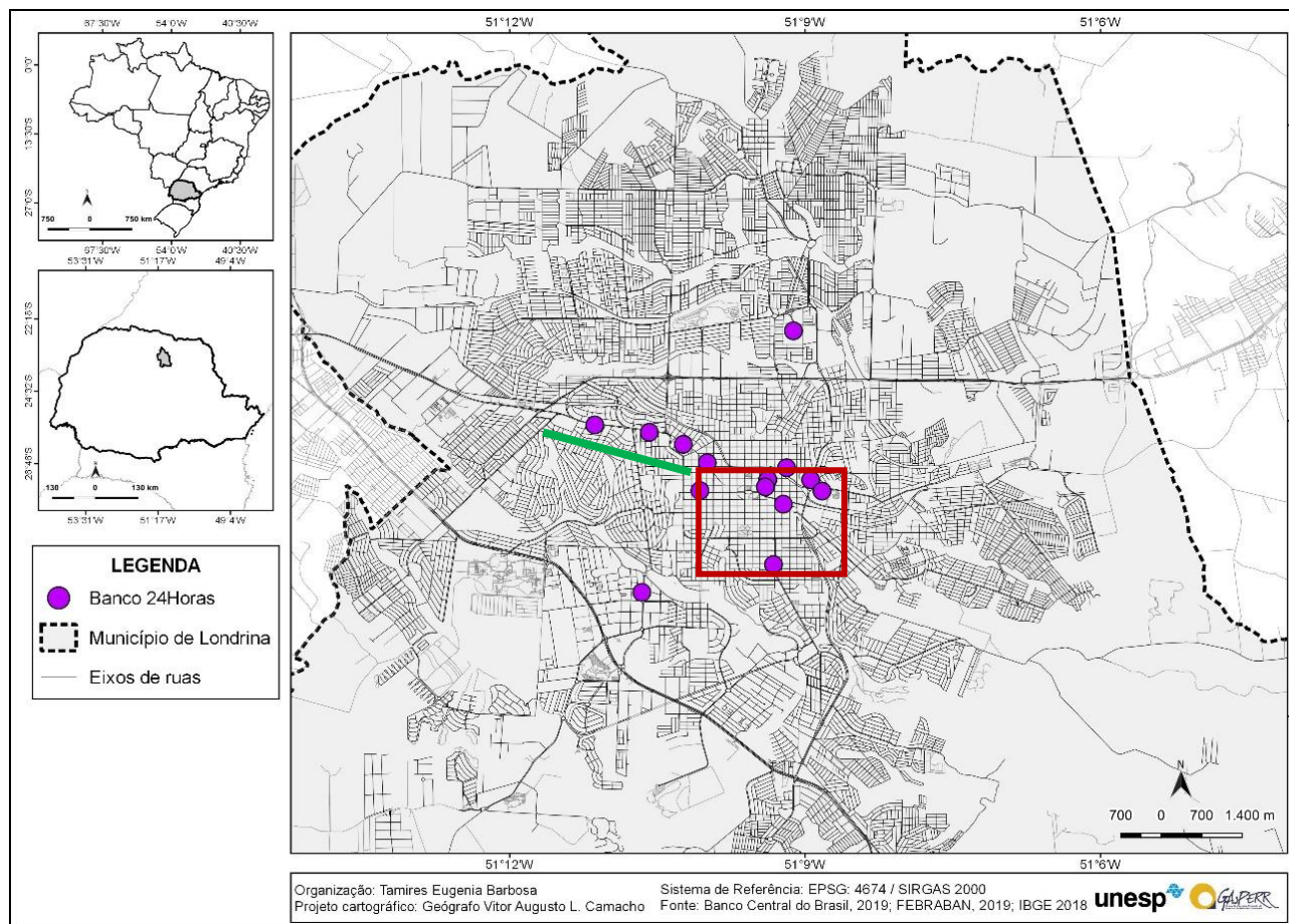


Fonte da localização das áreas e eixos: Google Maps

As organizações que possuem várias agências na cidade são as que se localizam em mais de uma área ou eixo de concentração de atividades comerciais e de serviços, enquanto as demais estão, sobretudo, no Centro Principal, destacado no zoom no canto superior direito, onde há a maior concentração das agências bancárias, com destaque para o Calçadão e a Avenida Higienópolis. Do grupo de organizações bancárias que têm apenas uma agência em Londrina a exceção é o Banco Sofisa. Nesta representação cartográfica, também é possível observar que, além do Centro Principal, a presença maior de agências é visível na direção sul da cidade, secundada pelos vetores em direção leste e oeste e muito menor no quadrante norte.

No Mapa 6, podemos observar a localização dos Postos de Atendimento Bancário Eletrônico da Rede 24Horas concentrados no centro da cidade, assinalado esquematicamente com o quadrilátero vermelho e se estendem pouco em outras áreas, mas há o destaque para a Avenida Tiradentes, indicado pelo vetor verde.

Mapa 6- Londrina. Postos de Atendimento Bancário Eletrônico- Rede 24Horas (2019)



Fonte da localização das áreas e eixos: Google Maps

No Mapa 7, temos a distribuição espacial dos Postos de Atendimento Bancário Eletrônico (conhecidos como caixas eletrônicos) e Postos de Atendimento Bancário (PABs), que, de acordo com a resolução do Banco Central do Brasil é:

[...] a extensão da matriz ou de uma agência bancária e tem as seguintes características e finalidades: a) somente pode ser instalado para funcionamento em recinto interno e fechado de entidade da administração pública, de empresas estatais ou de empresas privadas; b) destina-se a pagamentos e recebimentos de exclusivo interesse: I - do respectivo governo e de seus funcionários, quando instalado em entidade da administração pública; II - da respectiva empresa, de seus empregados e administradores, quando instalado em dependência de empresa privada; c) não tem escrita própria e, em consequência, o movimento diário é incorporado à contabilidade da sede ou agência a que estiver subordinado, na mesma data em que ocorrer, não se admitindo lançamentos valorizados, por impossibilidade de incorporação do movimento no mesmo dia;

d) estar situado no mesmo município da sede ou agência a que estiver subordinado, exceto em alguns casos.⁷

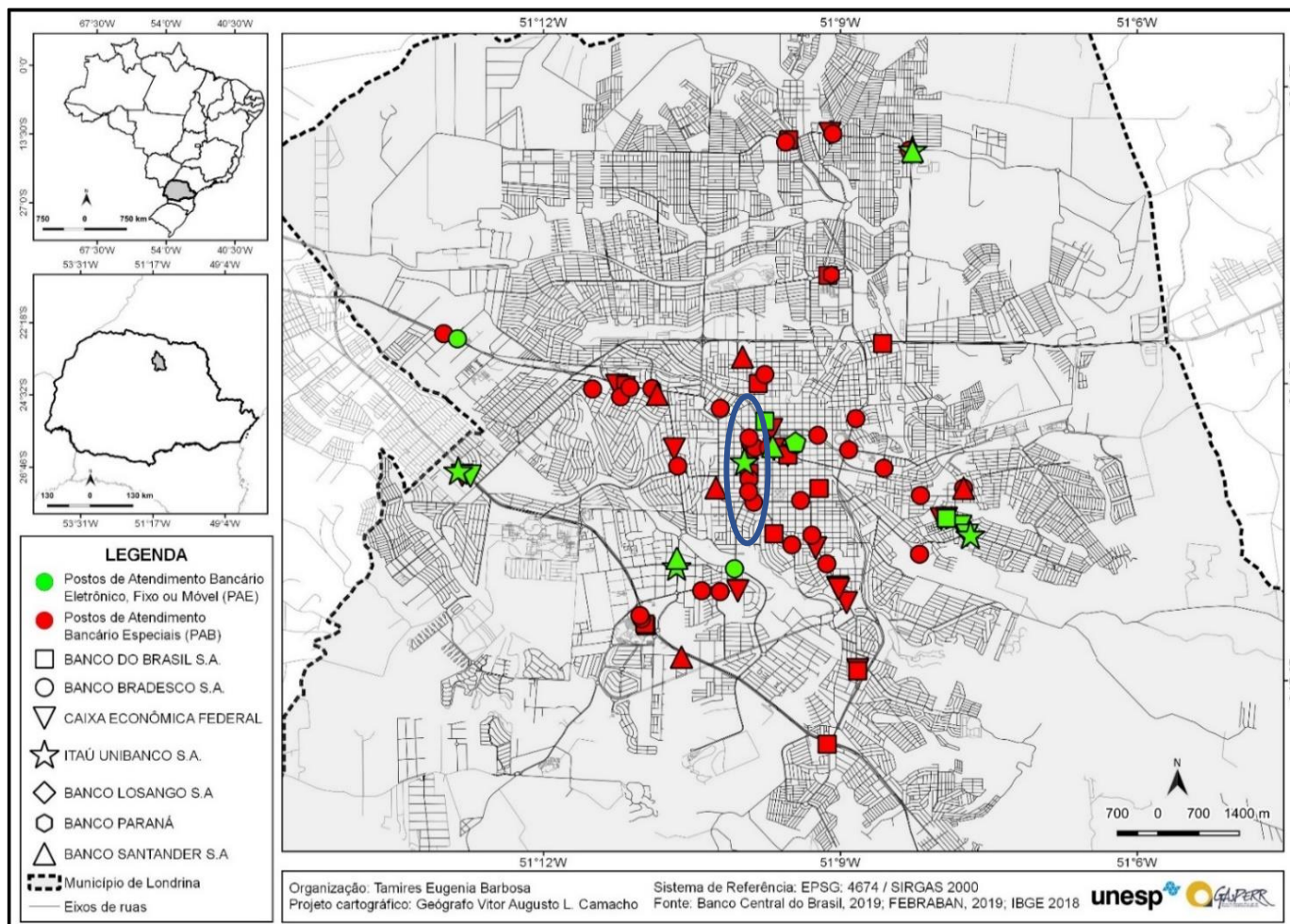
Devido ao fato de os PABs realizarem alguns serviços básicos que antes só estariam disponíveis nas agências, esses pontos de serviços bancários auxiliam a população a não precisar se deslocar para uma agência mais distante, para o caso de transações bancárias simples, como pagamento de contas e depósitos diretamente no caixa e saques.

A distribuição espacial desses postos é semelhante à das agências, embora haja número maior daqueles em relação a estas, o que possibilita a maior oferta de opções aos usuários, como destacado no parágrafo acima. O quadrante norte, igualmente, é o menos contemplado e se pode observar a importância dos bancos estatais – Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal – na oferta desses postos.

⁷ Para mais informações acessar:

https://www.bcb.gov.br/pre/normativos/res/1986/pdf/res_1082_v1_o.pdf

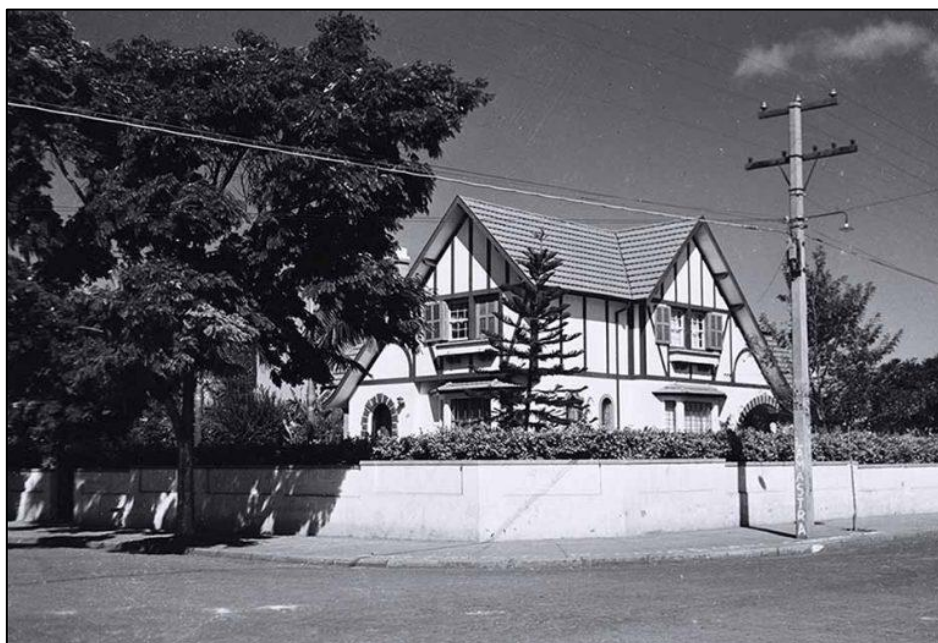
Mapa 7 - Londrina. Postos de Atendimento Bancário Eletrônico e Postos de Atendimento Bancário (2019)



Fonte: Trabalhos de Campo, Banco Central e FEBRABAN

Na Avenida Higienópolis, marcada por uma elipse azul no Mapa 7, há uma grande concentração de serviços bancários. Ela decorreu de um projeto dos paulistas que participaram do “processo de colonização da cidade”. Utilizaram a Avenida Paulista como fonte de inspiração. A princípio, foi criada para ser estritamente residencial. Entre as décadas de 1930 a 1960, foi local da construção de mansões e palacetes da burguesia londrinense, chegando a tornar-se uma espécie de ponto turístico para visitantes que chegavam de outras localidades para visitar a cidade. (SILVA; BONI, 2009). Com o passar dos anos, foi perdendo essas características e agregando outras. Para retratar a época de sua construção, quando a avenida era localização de vários casarões dos fazendeiros de café, inserimos as Fotografias 12 a 14. A Fotografia 15 retrata a mesma edificação das 13 e 14, mas já adaptada para uma agência bancária.

Fotografia 8- Londrina. Mansão na Avenida Higienópolis cruzamento com Rua Tupi, década de 1940



Fonte: <http://olondrinense.com.br/a-londrina-da-decada-de-30-40-e-50/>

Fotografia 9 – Avenida Higienópolis. Construção da casa da família Garcia, sem data.



Fonte: <http://olondrinense.com.br/a-londrina-da-decada-de-30-40-e-50/>

Fotografia 10 – Londrina. Avenida Higienópolis Casa da família Garcia (década de 1940)



Fonte: <http://olondrinense.com.br/a-londrina-da-decada-de-30-40-e-50/>

Fotografia 11- Londrina. Avenida Higienópolis. Casa da família Garcia como sede do Banco Francês e Brasil, 1996.



Fonte: <http://olondrinense.com.br/a-londrina-da-decada-de-30-40-e-50/>

Detalhando um pouco mais, o prédio das fotografias 13, 14 e 15 de propriedade da família Garcia, também conhecido como Casarão da Higienópolis, já foi sede de vários bancos, como o Banco Francês do Brasil (que encerrou suas atividades na cidade em 1996, segundo registros encontrados no Jornal de Londrina, 27/07/1996) Banco Real Van Gogh e, agora, Banco Santander Select como podemos também ver na fotografia 16. E, justamente por ter mantido uma tradição nessas atividades, o casarão permaneceu com a sua estrutura original muito bem preservada e, por isso, o Conselho Estadual do Patrimônio Histórico decidiu tombá-lo. O relator do projeto de tombamento foi o Professor Arquiteto e Urbanista Humberto Yamaki, que em conjunto com a Professora Socióloga Ana Maria Chiarotti de Almeida, também da UEL, integram os 10 membros do conselho que votaram a favor da preservação.

Fotografia 12 – Londrina. Avenida Higienópolis- Banco Santander Select, 2018.



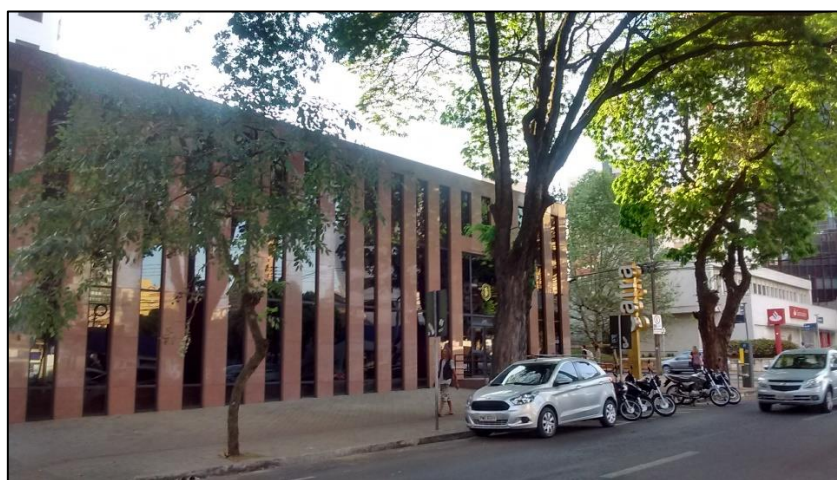
Fonte: Trabalho de Campo 2018

Foi a partir da década de 1960, que houve as primeiras iniciativas de mudanças no perfil da avenida, onde começaria a se consubstanciar um projeto de expansão e também a instalação de atividades comerciais e de serviços. O então prefeito Milton Menezes determinou que os proprietários de terrenos e imóveis doassem uma parte do terreno para as obras de ampliação da largura da avenida. Ele propôs uma espécie de “desapropriação amigável” que foi aceita pela maioria dos proprietários de terra dessa parte da cidade. (SILVA; BONI, 2009). Aos poucos as atividades terciárias foram surgindo, como salões de beleza, consultórios, lojas de roupas, calçados e sorveterias. O público alvo era a classe alta da cidade, mas é importante lembrar que, nesse momento, ainda não havia uma mudança total no perfil da avenida, o perfil foi se alterando gradativamente com o passar dos anos, como sugere o artigo de Silva e Boni (2009).

Atualmente, podendo ser analisada como via que delimita o centro principal e está nele compreendida, a Avenida Higienópolis se apresenta com um perfil predominante de comércio e serviços, sendo a presença de residências quase nula.

Voltando ao destaque de seu papel no ramo bancário, frisamos que conta, inclusive, com mais de uma agência de uma mesma organização, como por exemplo Banco do Brasil S.A (2 agências), e Banco Santander S. A (2 agências). Algumas que possuem apenas uma quantidade de agências como Sicredi e Safra (fotografia 17), também estão nessa avenida, que também é via de instalação de muitas agências de atendimento personalizado como Banco do Brasil Estilo, Santander Select (fotografia 16), Banco Itaú Personnalité (fotografia 18).

Fotografia 13 –Londrina. Avenida Higienópolis- Banco Safra e Banco Santander, 2018.



Fonte: Trabalho de Campo 2018

Fotografia 14 – Londrina. Avenida Higienópolis- Banco Itaú Personnalité, 2018.



Fonte: Trabalho de Campo 2018

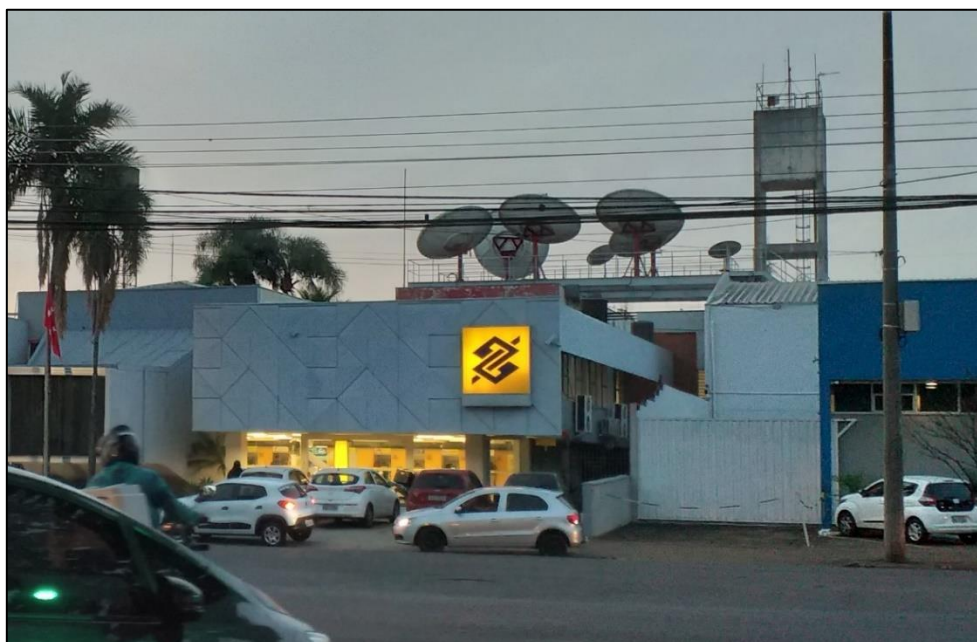
Fotografia 15 – Avenida Higienópolis Caixa Econômica Federal, 2018.



Fonte: Trabalho de Campo 2018

A Avenida Tiradentes, que está situada no setor oeste da cidade possui comércio e um *shopping center* nas proximidades, o Com-Tour. Foi uma avenida também muito citada durante nossas entrevistas. Nesta avenida há diversas agências e são ilustradas algumas delas nas Fotografias 29 e 30.

Fotografia 16 - Londrina. Avenida Tiradentes. Banco do Brasil S.A, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

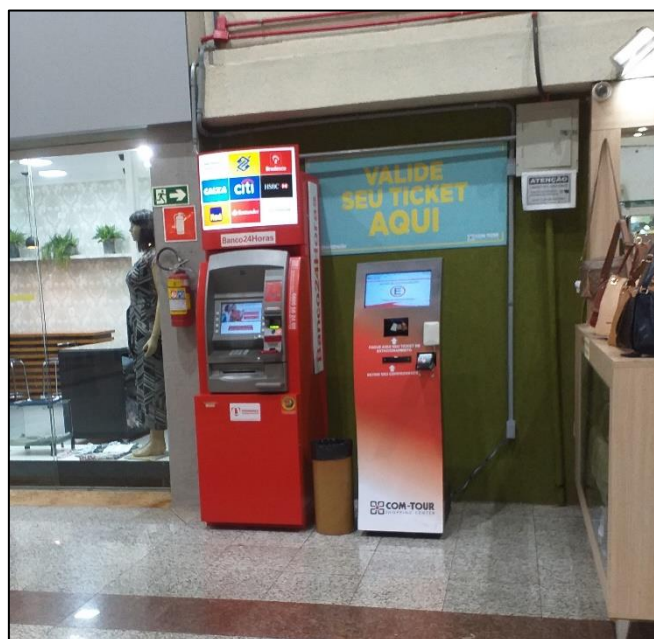
Fotografia 17- Londrina. Avenida Tiradentes. Banco Santander S.A., 2019.



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Além dos bancos ao longo desta avenida, há uma unidade de caixa Eletrônico de rede 24Horas no interior do Shopping Com-Tour (Fotografia 31).

Fotografia 18 – Londrina. Shopping Com-Tour. Caixa da Rede 24Horas, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Além da Avenida Tiradentes, os entrevistados citaram com frequência a Avenida Maringá e a Universidade Estadual de Londrina (UEL), ambas no quadrante sul da cidade. Cabe, brevemente, mencionar algumas impressões colhidas nas entrevistas.

Rafael⁸, 52 anos, é morador do bairro São Remo, setor oeste de Londrina, é analista de sistemas e trabalha no centro da cidade. Alega que não possui grandes dificuldades de acessar esse tipo de serviço, mas destaca que trabalhar no centro facilita a ida à agência, devido ao fato de que ela se situa há a uma quadra do seu local de trabalho.

Entrevistadora: Você ainda costuma utilizar os serviços bancários presencialmente?

Rafael: Caixa eletrônico, praticamente 99% é caixa eletrônico.

Entrevistadora: você consegue falar para mim a frequência de ida a esses bancos e a essas agências?

Rafael: Uma vez por semana.

Entrevistadora: Você ainda vai bastante, perto das pessoas que eu tenho conversado.

Rafael: Eu uso bastante cartão de débito, não é? Para fazer tudo praticamente, algumas vezes vou no banco só para pegar dinheiro mesmo e para pagar conta porque não uso aplicativo. Apesar de ser da área da tecnologia não acho que é a hora ainda.

Entrevistadora: Quando você precisa utilizar esses serviços bancários você precisa se deslocar até o centro ou você consegue resolver mais próximo ao local onde você mora?

Rafael: Eu consigo resolver próximo ao meu local de trabalho.

Entrevistadora: No caso aqui no centro?

Rafael: **No centro, o banco é a uma quadra daqui**

Entrevistadora: Facilita para você pelo seu local de trabalho?

Rafael: **E perto da minha casa também tem uma agência do Banco do Brasil próxima**

Entrevistadora: A Avenida Tiradentes seria próxima para você ou não?

Rafael: Sim, a agência que utilizo é lá. (Grifos nosso)

Em outro ponto da entrevista também alega reconhecer que, em determinados pontos da cidade, como o setor sudeste que abrange os bairros

⁸ Para transcrever trechos de entrevistas nessa dissertação, adotamos a norma culta para não desvalorizar a fala de entrevistados menos escolarizados, mas foi mantido perfil coloquial da fala. Também foram substituídos os nomes dos entrevistados, como já frisamos, para não possibilitar a identificação deles. Algumas informações que se fizerem necessárias ao leitor serão inseridas nas transcrições entre colchetes [].

agrupados sob a denominação União da Vitória, o acesso a esse tipo de serviço é muito mais difícil.

A Avenida Madre Leônia Milito é uma importante via do Setor Sudoeste que faz a ligação dele com o Catuaí *Shopping Center*, a PR 538, a Avenida Ayrton Senna da Silva e a Avenida Higienópolis. No que convencionamos chamar de primeiro trecho da avenida (ver figura 7), mais próximo à PR 538 e da rodovia Celso Garcia Cid, há uma unidade da Tok & Stok (rede do ramo varejista de decoração presente em 20 estados do Brasil e no Distrito Federal), uma da Decathlon (maior rede do ramo varejista de artigos esportivos do mundo, que contabiliza 27 lojas no Brasil e tem sua sede na França), uma da Havan (rede de lojas de departamentos do ramo varejista que totaliza 123 unidades distribuídas pelos 27 estados da federação) e uma Cobasi (loja varejista do ramo agropecuário que conta com 78 lojas localizadas pelo território nacional), sendo que essas duas últimas utilizam o mesmo prédio.

No que denominamos como segundo trecho da avenida, há um hipermercado da rede Muffato, que contém dois caixas eletrônicos da Rede 24Horas, uma lotérica, farmácias, lojas de calçados e roupas, e restaurantes diversos. É, neste trecho, que se localizam também as agências do Bradesco S.A., Caixa Econômica Federal (na esquina com a Avenida Higienópolis), Banco do Brasil Estilo e, até meados de 2019, havia uma agência Itaú Personnalité que foi fechada. As Fotografias 32 a 34 mostram tais agências.

Fotografia 19 – Londrina. Avenida Madre Leônia Milito. Agência do Banco Bradesco S.A. 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 20 – Londrina. Avenida Madre Leônia Milito, Caixa Econômica Federal. 2019



Fonte: Google Maps, Street View

Fotografia 21 – Londrina. Av. Madre Leônia Milito. Banco do Brasil Estilo, 2018.



Fonte: Google Maps, Street View

No terceiro trecho, que se estende depois do entroncamento com a Avenida Higienópolis a característica de uso de solo da Madre Leônia Milito muda para residencial e de alto padrão, parte inclusive que não passou por duplicação.

Figura 7 - Londrina. PR 538, Avenida Madre Leônia Milito e Avenida Ayrton Senna da Silva, 2020.



Fonte: Google Maps

O excerto de entrevista realizada com a Lívia revela como uma moradora vê os serviços bancários nessa área da cidade:

Entrevistadora: Como é o nome do bairro onde você mora?

Lívia: Gleba Palhano.

Entrevistadora: Ah, você mora aqui mesmo.

Lívia: Perto, aqui mesmo, **que é um bairro assim, que não tem banco de gente normal.**

Entrevistadora: É, então, aqui eu observei que, bom, tem algumas agências, mas aí o perfil dessas agências é daqueles que a gente chama de “carteira especial”.

Lívia: **Dentro do Shopping tem um Santander normal e o Prime, dentro do Shopping Aurora.** Aí aqui tinha um Itaú Personnalité que fechou faz um mês, não sei para onde ele foi, mas aí ficava aqui na esquina esse Itaú Personnalité que fechou faz um mês, é, não sei se ele foi para outro lugar aqui da Gleba, não vi, não visualizei ou então se juntou com alguma agência do centro, mas tinha um Itaú Personalité que era bem grande aqui na esquina, e depois tem um Banco do Brasil Estilo, depois tem esse negócio do XP investimentos; **mas assim, banco normal não.** Aí o que o pessoal usa muito é o caixa eletrônico aqui do Muffato, aqui tem dois caixas eletrônicos 24 horas, e aí eles têm uma fila enorme, se você vir às 6h da tarde já não tem mais nem dinheiro porque já todo mundo usou, é, porque assim, o único lugar aqui da região sem ser dentro do shopping Catuaí que vai ter banco 24 horas, que vai aceitar qualquer cartão.

Entrevistadora: Mas até o Catuaí já tem que ir de carro, não é?

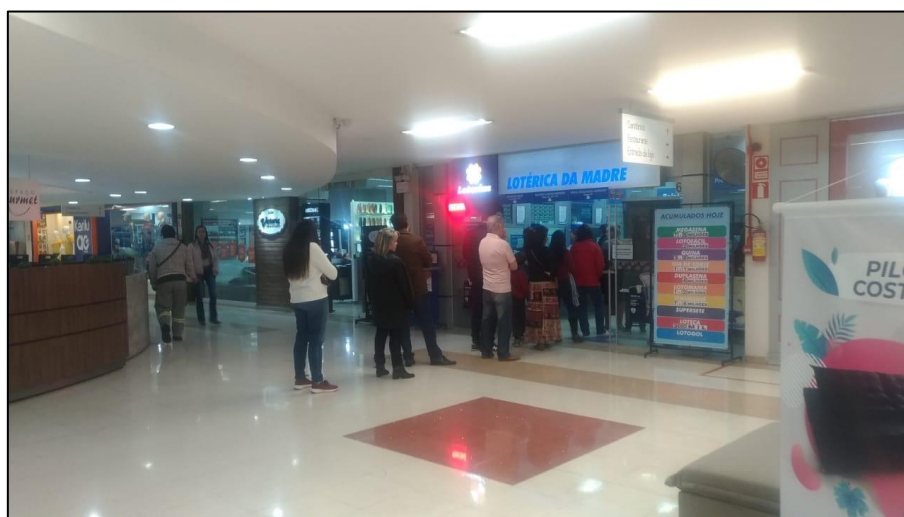
Lívia: Então vai ser o único lugar aqui da região que vai ter caixa 24 horas, aqui no Muffato. Ah não, vai ter no Shopping Aurora, também, mas aqui do Muffato é bem movimentado. Tem dentro do Shopping Aurora e aqui o 24 horas aqui na região, mas a lotérica aqui também é bem movimentada, então quando eu vou sacar fazer alguma movimentação, Banco do Brasil pode sacar fazer essa transação pela lotérica né? Aí a lotérica aqui é bem movimentada, e funciona até às 8h da noite, então você pode sacar, pagar boleto, fazer todas as coisas até às 8 horas da noite, então dia 10 a fila da lotérica aqui é gigante, a gente faz várias coisas aqui nessa lotérica, eu acho que é uma das que fica aberta até mais tarde. **Sério, a fila da lotérica fica com a fila até aquela porta de entrada, dia 9, dia 10 aqui.** (Grifos nossos)

Fotografia 22- Londrina, Av. Madre Leônia Milito, fila para o Caixa Eletrônico 24Horas. 2019



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 23 – Londrina. Av. Madre Leônia. Milito Fila na Casa Lotérica. 2019



Fonte: Trabalho de Campo 2019

A Avenida Madre Leônia Milito é um eixo com certa importância, no que se refere ao comércio e aos serviços, e podemos atribuir tal fato ao processo de duplicação da avenida e ampliação imobiliária e adensamento ocupacional da Gleba Palhano.

Fotografia 24- Londrina. Avenida Madre Leônia Milito, Estabelecimentos comerciais.
2017



Fonte: Google Maps. Street View

A Avenida Ayrton Senna da Silva, que também está no Gleba Palhano, conta com muitos prédios comerciais e de serviços, além de um *shopping center* de menor porte. As descrições contidas no site desse espaço comercial e de serviços apresentam-se da seguinte forma:

O AURORA SHOPPING é moderno, urbano, elegante e prático. Características que, combinadas com seu projeto arquitetônico sofisticado, oferecem uma das mais atrativas estruturas de entretenimento e lazer, compras, gastronomia, serviços e eventos de Londrina. Segue a tendência mais atual no mercado de *Shoppings Centers*, que é a implantação **de projetos de médio porte em regiões de alta densidade habitacional e demanda qualificada.** (<https://www.aurorashopping.com.br/shopping/grifos-nossos>)

As especificações do empreendimento são as seguintes: 18.270 m² de área bruta locável com supermercado *gourmet*, cinema, restaurantes e *fast foods* além da praça de alimentação com capacidade para 750 pessoas, estacionamento com capacidade para 1000 vagas cobertas. Já mencionamos, nessa dissertação, a consciência dos cidadãos sobre o uso fragmentado da cidade e através da descrição do empreendimento no site institucional é possível ratificar o direcionamento do uso do espaço, para uma parcela da população que preferencialmente deve se enquadrar como de médio e alto poder aquisitivo.

As agências bancárias desse setor da cidade seguem também o padrão de empreendimento voltado a segmentos socioeconomicamente mais altos. No Aurora Shopping, há uma agência do Banco Santander *Select*, que foi aberta no ano de 2018.

Essas agências voltadas aos estratos de média e alta renda, têm como perfil clientes que apresentam rendimentos mensais individuais acima de 10 mil reais.

Essa diferenciação surge para corrigir distorções que apareceram com a ascensão social na primeira década dos anos 2000. Muitos clientes com renda não tão alta foram entrando no que é considerado segmento *prime* e houve ampliação da carteira de clientes e da faixa de ganhos deles. No Itaú, um cliente com renda de R\$ 4.000 já é enquadrado no *Uniclass*, o que dá direito a espaços exclusivos em agências e é voltado a quem está construindo patrimônio, quem tem mais de R\$ 10 mil de renda mensal ou R\$ 100 mil em investimentos no banco vira *Personnalité* e pode frequentar agências especiais, ter acesso a produtos de investimentos exclusivos com taxas e retornos maiores, além de assessoria financeira.

Já o Bradesco e o Banco do Brasil mantêm a proposta inicial de ter apenas uma segmentação. Mesmo assim, a exigência mínima de renda mensal cresceu em seis anos, passando de R\$ 4 mil reais e R\$ 6 mil reais, respectivamente, para R\$ 9.000 e R\$ 8.000.

A Caixa Econômica Federal não tem uma bandeira destinada à alta renda, mas desenvolve estratégias para clientes com renda acima de R\$ 7.000 e/ou aplicações a partir de R\$ 300 mil⁹.

É possível encontrar agências desse segmento por todo o bairro, como destacado na fala da entrevistada, que enfatizou a dificuldade de encontrar “bancos de gente normal”, referindo-se às agências voltadas para clientes, de vários estratos socioeconômicos, e não exclusivas para aqueles que possuem rendimentos acima dos 10 mil reais e se enquadram nesse perfil de clientes das agências *prime*.

A avenida foi a última de grande porte a ser construída na cidade, em 2003, com intuito de desafogar o trânsito nos horários de maior fluxo de carros. Possui lojas de pequeno porte e condomínios comerciais e nela se localiza parcela dos prédios que fizeram parte do intenso processo de verticalização desse setor de Londrina.

Os bancos nessa área da cidade também se fazem presente no Catuaí Shopping, o que inclusive absorve a demanda existente na parte da cidade onde se

⁹ <https://www.itaubr.com.br/uniclass/conta-corrente/>; <https://m.folha.uol.com.br/mercado/2013/10/1352718-bancos-promovem-cliente-endinheirado.shtml>.

encontram os espaços residenciais fechados. As Fotografias 38 e 39 mostram as agências no interior do Shopping.

Fotografia 25 - Londrina. Shopping Catuaí. Banco Santander S.A. 2018



Fonte: Trabalho de Campo 2018.

Fotografia 26-Londrina. Shopping Catuaí. Caixa Econômica Federal e Caixas eletrônicos da Rede 24 Horas. 2018



Fonte: Trabalho de Campo 2018

4.2 Onde os bancos deveriam estar mais presentes

Outro eixo onde se encontram as agências bancárias que selecionamos para análise nessa dissertação é o da Avenida Saul Elkind, que se situa no setor norte de Londrina e se constitui um importante eixo comercial, como já mencionamos. Do ponto de vista da presença bancária, esse eixo fica aquém de outros que se constituem nas vias de acesso ao Centro Principal ou estão em áreas pericentrais. No entanto, justamente em função da distância do Centro Principal e da densidade demográfica que tem, esse setor da cidade é relevante para a análise.

A Avenida Saul Elkind se desenvolveu como via de concentração comercial e de serviços, concomitantemente aos assentamentos urbanos decorrentes da implantação de grandes conjuntos habitacionais nesse setor da cidade. A grande densidade demográfica gerada por esse tipo de ocupação compôs um mercado consumidor potencial e efetivo o qual favoreceu a composição desse subcentro comercial e de serviços na forma de eixo orientado por tal avenida. Atualmente, toda essa área é base de crescimento dos preços da terra e dos imóveis tanto para finalidades comerciais e de serviços como residenciais:

Na zona norte, houve valorização significativa (acima de 1.000%) em imóveis do Jardim Pacaembu, bairro onde está localizado o Londrina Norte Shopping. No Milton Gavetti, onde os terrenos custavam aproximadamente cerca de R\$ 30 o metro quadrado, a valorização passou de 600%. Chama a atenção o Conjunto Violin, onde vários terrenos, de frente para a Saul Elkind, têm um dos maiores valores venais por metro quadrado da cidade. “É uma região que valorizou bastante”, disse Bacarin. (FETRACONSPAR, 2017 <https://www.fetraconspar.org.br/index.php/noticias/noticias/1305-imoveis-de-londrina-tiveram-supervalorizacao-em-16-anos>)

Na Avenida Saul Elkind, encontramos estabelecimentos comerciais dos mais variados ramos: lojas de eletrodomésticos, supermercados, galerias, postos de gasolina, lojas de roupas, lojas de perfumes e cosmético etc. Algumas lojas pertencem às grandes redes ou estão associadas às empresas maiores pelo sistema de franquias. As Fotografias 20 a 22 ilustram alguns desses estabelecimentos e a Fotografia 23 é de um *shopping center* localizado no setor norte.

Fotografia 27- Londrina. Avenida Saul Elkind. Estabelecimento comercial associado à rede regional de móveis e eletrodomésticos CEM, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 28 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Estabelecimento comercial associado à rede nacional de móveis eletrodomésticos Magazine Luiza, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 29 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Posto de Gasolina, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 30 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Shopping Saul Elkind, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

É nesta avenida onde também podemos encontrar agências das principais redes bancárias, que atuam em nível nacional, como mostram as fotografias 24 a 28.

Fotografia 31 – Londrina. Av. Saul Elkind. Agência do Banco do Brasil e estabelecimentos comerciais, 2018.



Fonte: Street View

Fotografia 32 Londrina, Av. Saul Elkind. Banco Itaú S.A., 2018.



Fonte: Street View

Fotografia 33 – Londrina. Avenida Saul Elkind. Banco Bradesco S.A., 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 34– Londrina. Avenida Saul Elkind. Banco Sicredi, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

Fotografia 35- Londrina. Avenida Saul Elkind. Caixa Econômica Federal, 2019.



Fonte: Trabalho de Campo 2019

O setor norte da cidade, pela sua origem já descrita, é caracterizado por ocupação habitacional de perfil socioeconômico médio baixo, como veremos adiante ao fazermos a análise deste aspecto.

Embora a Avenida Saul Elkind apresente uma importante oferta de estabelecimentos de comércio e serviços, entre estes os bancários, moradores do setor norte da cidade relatam algumas dificuldades de acesso a esse tipo de serviço, de acordo com algumas localidades onde residem como é o caso do Gabriel, auxiliar administrativo, 33 anos, morador do bairro Alto da Boa Vista, setor norte de Londrina.

O entrevistado conta que morou por um tempo no setor central da cidade e constatou que há uma grande diferença do acesso aos serviços bancários, pois as agências estão mais dispersas ao longo de várias ruas do centro, enquanto no setor norte se concentram apenas no eixo da Saul Elkind:

Entrevistadora: Qual a diferença que você sentiu então enquanto morador do centro para um morador agora desse setor mais norte da cidade para acessar esse tipo de serviço, por exemplo?

Gabriel: De banco assim...? Então **lá no centro o acesso ao banco ele é muito** mais fácil, as agências bancárias ali já estão praticamente dispostas à população. Já na região norte, eu já senti um pouco mais de dificuldade porque os bancos eles estão só na avenida principal, não é? E o bairro ali é gigante, na verdade, não é? É, a região norte ali, já nos outros bairros menores eles já não têm bancos, agências bancárias, então eu já sinto mais dificuldades para ter acesso ao banco ali. **Muitas vezes eu tenho que vir até o centro de Londrina para resolver uns casos assim, não é?** (Grifos nossos)

Outra entrevistada, Raquel, que é atendente de caixa, tem 24 anos e mora no bairro Vista Bela, também setor norte de Londrina e que trabalha nas adjacências da avenida Tiradentes, setor oeste da cidade, descreve suas relações com os serviços bancários:

Entrevistadora: Esse Vista Bela, se comparado ali com os Cinco Conjuntos que eu percebi que é uma área que está mais desenvolvida, a Saul Elkind tem muito comércio, banco, tal o Vista Bela ele ainda é bem depois?

Raquel: Ele é, ele fica no final da Saul Elkind, onde acaba a Saul Elkind mesmo que aí começa a estrada pra Cambé, ali para baixo tem uma estradinha, você entra no bairro que é o Vista Bela. **Então ele fica no final da Zona Norte ali.**

Entrevistadora: Você sabe me falar um pouco sobre a formação do seu bairro?

Raquel: O meu bairro é daqueles programas da Caixa, Minha Casa Minha Vida, antes lá era um fundo de vale, não tinha utilização, tinha algumas plantações mas aí não estava rendendo, então a Caixa Econômica comprou o espaço e eles construíram, **eu não tenho de cor quantas famílias existem lá, mas acho que chega a ser próximo de dez mil**, se eu não me engano, **eu sei que é muita gente que mora lá, são muitas casas, muitos apartamentos** e o bairro não

tem nem dez anos de idade, se eu não me engano, acho que uns nove anos, está para fazer 10 anos no ano que vem.

[...]

Raquel: Fora da Saul Elkind, as agências bancárias mais próximas são essas aqui da [avenida] Tiradentes. O Banco do Brasil, se não for o da Saul Elkind em frente o Muffato ali, aí é esse aqui do Shopping Com-tour e se você for ver onde o Vista Bela está localizado é quarenta minutos quase uma hora de lá pra cá também.

Entrevistadora: Pelo que eu andei pesquisando, aqui ainda é zona Oeste, aí onde você está falando é norte, então ainda nem estamos falando do mesmo setor da cidade ainda...

O bairro ele fica na zona norte mesmo, mas ele é próximo da zona oeste, igual a gente sempre compara: ou a gente vem para cá para esse lado [setor oeste] ou vamos mais ali para zona norte, mais perto da Saul Elkind, mas o Vista Bela ele fica localizado ali na zona norte da cidade então é praticamente eu ter que sair de uma região da cidade para outra.

[...]

Entrevistadora: Como você descreve a sua relação com o centro histórico, que é mais ali onde a gente tem o calçadão?

Raquel: É uma relação muito cansativa, porque toda vez que eu tenho que ir para lá, que eu tenho que ir para o centro cansa pelo lugar onde eu moro, tanto é que estou sempre irritada no centro, todo mundo que me encontra me vê irritada lá. Eu acho que o centro da cidade tem muita coisa boa, tanto de comércio quanto de coisas históricas que eu adoro, só que é um trajeto tão longo para chegar até lá, que cansa você ir comprar as coisas, cansa você ir andar no centro.

Pela frequência com que eu vou ao centro eu não sei se eu vivo aquele espaço, eu vou para pagar contas, fazer compras, raramente para ir ao teatro porque raramente funciona [...] mas eu nem considero que eu viva muito aquele espaço (grifos nossos).

Analisando esta fala, conseguimos identificar algumas similaridades no processo de formação do bairro Vista Bela com o processo pelo qual passou a área dos Cinco Conjuntos, que, em seus primeiros anos de ocupação, registrava ausência de comércio e serviços básicos. A entrevistada relata que o Vista Bela está prestes a completar dez anos de existência, mas que o bairro ainda é muito precário, no que tange à oferta de bens e serviços básicos. Através do relato da Raquel, também é possível notar o papel do subcentro que se estabeleceu nos Cinco Conjuntos para os habitantes desse setor de Londrina, onde os moradores, conseguindo atender suas demandas de consumo e acesso a serviços nessa área, não se deslocam até o centro principal. Quanto aos serviços bancários, uma vez que não estão assistidos no bairro

onde moram, ela destaca que há preferência por se deslocar até a avenida Saul Elkind (setor norte) ou avenida Tiradentes (setor oeste).

Tratando de outra área da cidade de Londrina, enfocamos o conjunto de loteamentos identificados por União da Vitória (são quatro áreas parceladas e nomeadas de I a VI), que se situam no setor sudeste de Londrina, às margens da rodovia que dá acesso à capital Curitiba, tem suas origens em ocupação de quinze famílias em área que não era de propriedade deles, gerando o que se conceitua como favela, também denominada pelos movimentos sociais por ocupação.

Os moradores se uniram e ocuparam de modo organizado terrenos que eram usados para diversos cultivos. Com a desocupação determinada pelo poder público foram encaminhados para albergues, mas não ficaram satisfeitos com essa realocação e, por meio de manifestações, reivindicaram às autoridades a regularização fundiária da área, obtendo êxito e tendo sido permitido, a eles, retornar ao local de moradia, entre 1985 e 1989.

A partir de então, conseguiram algumas melhorias no que diz respeito à infraestrutura, como pavimentação (União da Vitória I a IV), rede de esgoto (União da Vitória I a III), além de transporte coletivo, posto de saúde, Programa de Saúde da Família e três escolas. (<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/120nião-da-vitoria-celebra-18-anos-de-conquistas-459702.html>)

Parte do conjunto de loteamentos, conformando o que sociologicamente se compreende como um bairro, como pudemos detectar, visualmente, ainda carece de muitas outras obras e, no que respeita ao acesso a meios de consumo, observamos que quase não há neste setor da cidade estabelecimentos comerciais e de serviços.

Os serviços bancários não existem nas proximidades desse bairro. A Rua dos Cozinheiros foi identificada como um eixo de comércio local, do tipo de vizinhança, sem características de constituição de subcentro e, como relata o morador Patrick, o serviço bancário que mais se aproximou deste bairro foi um caixa eletrônico da Rede 24Horas nas dependências de um supermercado, entretanto, eles foram retirados há aproximadamente dois anos.

O excerto da entrevista de Patrick, de 26 anos, morador do bairro União da Vitória é ilustrativo em relação ao que estamos discutindo:

Entrevistadora: E por exemplo, quanto ao serviço bancário, eu já observei que ele é ausente ali na região. Já chegou perto de ter alguma coisa ali de serviços bancários?

Patrick: No principal mercado ali daquela rua, **no Tonhão, teve os caixas bancários 24 horas, mas isso foi o mais próximo e há uns dois anos atrás eles já retiraram também pela periculosidade, não é?** Mas isso acho que foram em vários mercados, não só o do bairro.

Entrevistadora: Quando você precisa, por exemplo, utilizar esses serviços bancários, você tem que se deslocar?

Patrick: Sim

Entrevistadora: Qual seria o local mais próximo para você?

Patrick: O lugar mais próximo para gente seria um caixa eletrônico 24 horas, no Muffato da zona sul que fica na esquina da avenida Dez de Dezembro com a rodovia.

[...]

Entrevistadora: Uma moradora comentou comigo, eu acho que o nome do bairro é Ouro Branco, ali tem serviços bancários também ou não?

Patrick: Ali próximo funcionava até esses dias uma lotérica, em um mercado que fica na avenida Guilherme de Almeida, mas como o mercado trocou eles, parece que eles desativaram a lotérica ali. **Agora, há várias agências bancárias mais próximas ali seria na Avenida Inglaterra, que fica mais próxima ali da via expressa, da [avenida] Dez de Dezembro, lá onde a gente encontra mais agências bancárias assim de diferentes bancos, mas o caixa mais próximo mesmo é no Muffato**

Entrevistadora: Na sua percepção de morador, por exemplo, você acha que a agência bancária não chega lá por qual motivo?

Patrick: Olha não sei dizer qual motivo, **mas provavelmente não tem muitas pessoas como tem na zona norte, eu acho que, a gente tem bastante, se não me engano a gente tem quase 30 mil habitantes só na União, mas se a gente for comparar, por exemplo, no outro extremo que é a Saul Elkind é muito mais gente, não é?** Eu não sei se não compensa ou algo do tipo.

Entrevistadora: Você não acha que teria um potencial consumidor lá porque...

Patrick: Eu acho que começa a ter um potencial a partir desses últimos [...] anos para se ter uma agência bancária, ali naquela principal avenida que é a Guilherme de Almeida, que tem esses maiores bairros, o Ouro Branco, São Lourenço e o próprio União da Vitória também, os arredores. Eu acho que tem potencial para umas agências ali sim mesmo que não seja uma agência muito grande. (Grifos nossos)

O morador entrevistado relatou um pouco da realidade encontrada nos bairros que compõem o União da Vitória. Em sua fala, é possível notar que o entrevistado não sente um incômodo quanto à falta de acesso aos serviços bancários, pois acredita que o bairro não tem uma quantidade de moradores expressiva, se comparado com o setor norte da cidade, por exemplo, citando a avenida Saul Elkind como referência. Ele também ressaltou, em outros momentos da entrevista, que não há necessidade de melhorias no acesso a infraestruturas, comércios e serviços no bairro:

Entrevistadora: você acha que o União da Vitória I, por exemplo, ... ele está um pouquinho mais desenvolvido que os outros?

Patrick: Sim

Entrevistadora: É aquele onde passa a avenida, do mercado?

Patrick: Isso, da rua Dos Cozinheiros que é a principal rua do bairro, onde tem o mercado, padaria...

Entrevistadora: **o que vai ter de comércio ali pela região é só nessa avenida?**

Patrick: **Não, não é só nessa avenida, a gente vai ter pelo bairro mercados menores, tem até farmácia no União dois, por exemplo, não é? E tem outros mercadinhos mercearias, bares, barbearias também que estão surgindo agora bastante coisa e conveniências. Não é só nessa avenida não.**

Entrevistadora: Eu andei por lá eu até **percebi umas mercearias assim em casas, não é? Menorzinhas, eu achei até bem interessante, mas aí eu acho que seria mais informal, não é?**

Patrick: **É mais informal, isso.** (Grifos nosso)

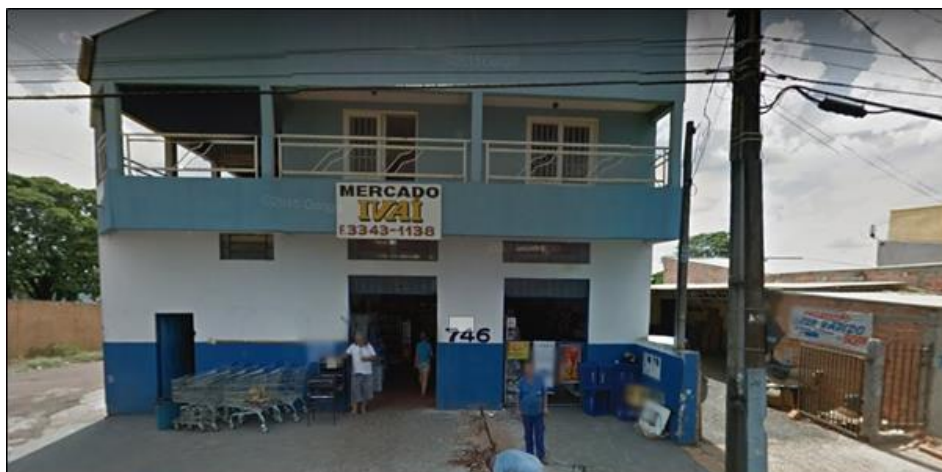
No entanto, as observações feitas durante os trabalhos de campo nos possibilitam afirmar que há falta de infraestrutura nos bairros que compõem o setor, revelando carência de inversões públicas que possibilitem amenizar as condições de vida urbana nessa área: algumas ruas sem pavimentação, esgoto a céu aberto, falta de coleta de lixo em algumas ruas devido à ausência de pavimentação e algumas casas construídas como barracos de madeira. A fotografia 40 revela o padrão médio de ocupação do setor e as seguintes, 41 e 42, o de estabelecimentos comerciais.

Fotografia 36 – Londrina. Bairro União da Vitória Exemplo de estabelecimento comercial, 20189



Fonte: Trabalho de Campo. 2019

Fotografia 37- Londrina. União da Vitória. Exemplo de estabelecimento comercial, 2018.



Fonte: Trabalho de Campo 2018

Fotografia 38- União da Vitória. Exemplo de estabelecimento comercial, 2018.



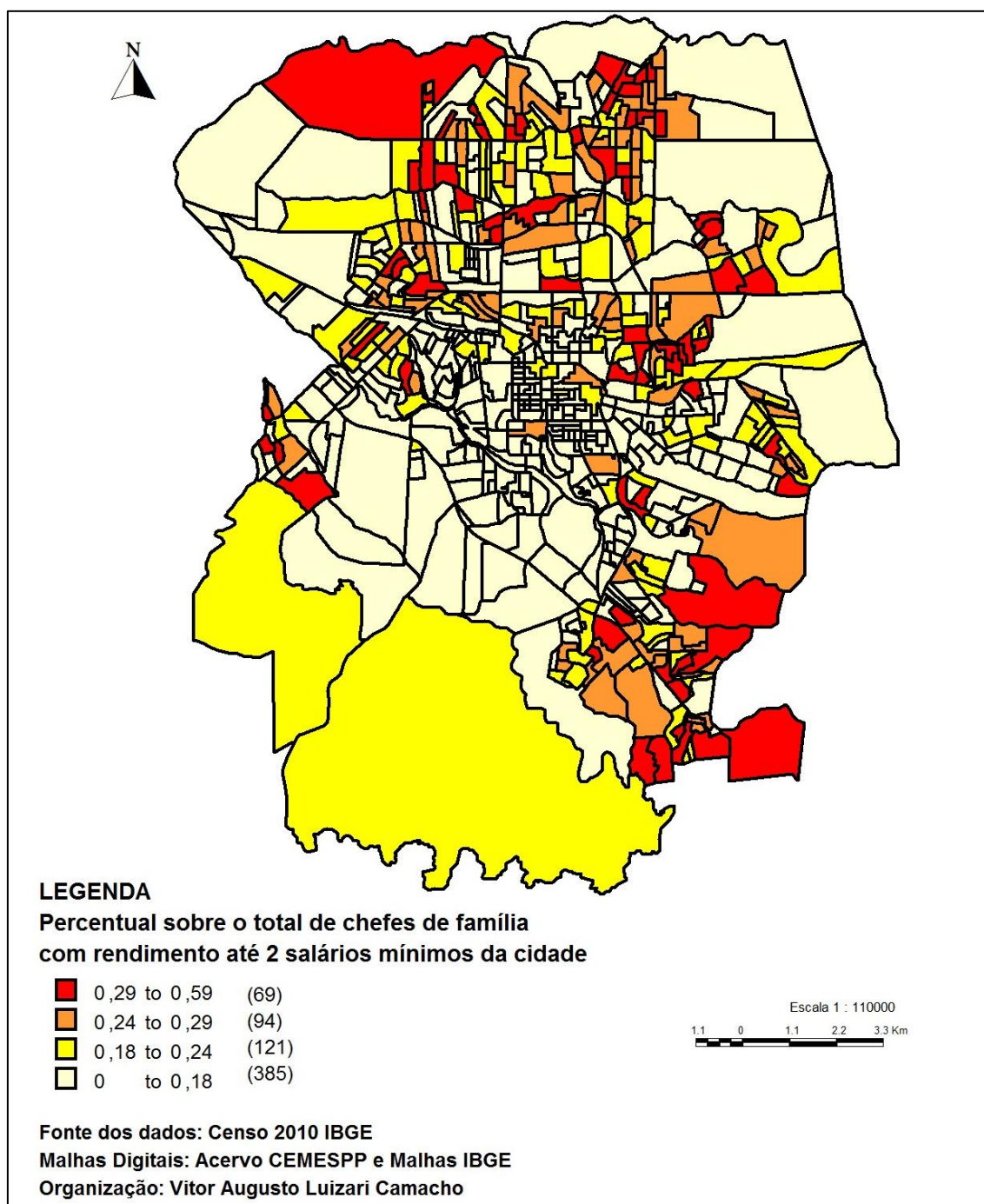
Fonte: Trabalho de Campo. 2018

Essa diferenciação socioespacial pode ser analisada através de uma discussão realizada por Smith (1988). Esse autor trata da divisão do trabalho na sociedade como base histórica da diferenciação espacial em níveis e condições de desenvolvimento. Para o autor, essa divisão espacial ou territorial do trabalho não é, portanto, um processo separado, mas está implícito, desde o início, no conceito de divisão do trabalho. Ele ainda se utiliza das obras de Marx, quando analisa a cidade e o campo, e a mais antiga divisão do trabalho — a divisão sexual do trabalho, acredita-se geralmente que isso tenha uma expressão territorial, com o sexo masculino geralmente começando a desenvolver um domínio espacialmente mais amplo.

Smith (1988), posteriormente aborda diversos fatores de diferenciação espacial, e para o caso da escolha locacional de onde os empreendimentos bancários vão se instalar podem ser entendidas pelo fato de que não haja uma explicação baseada em algum fenômeno natural, ou princípio da vantagem natural.

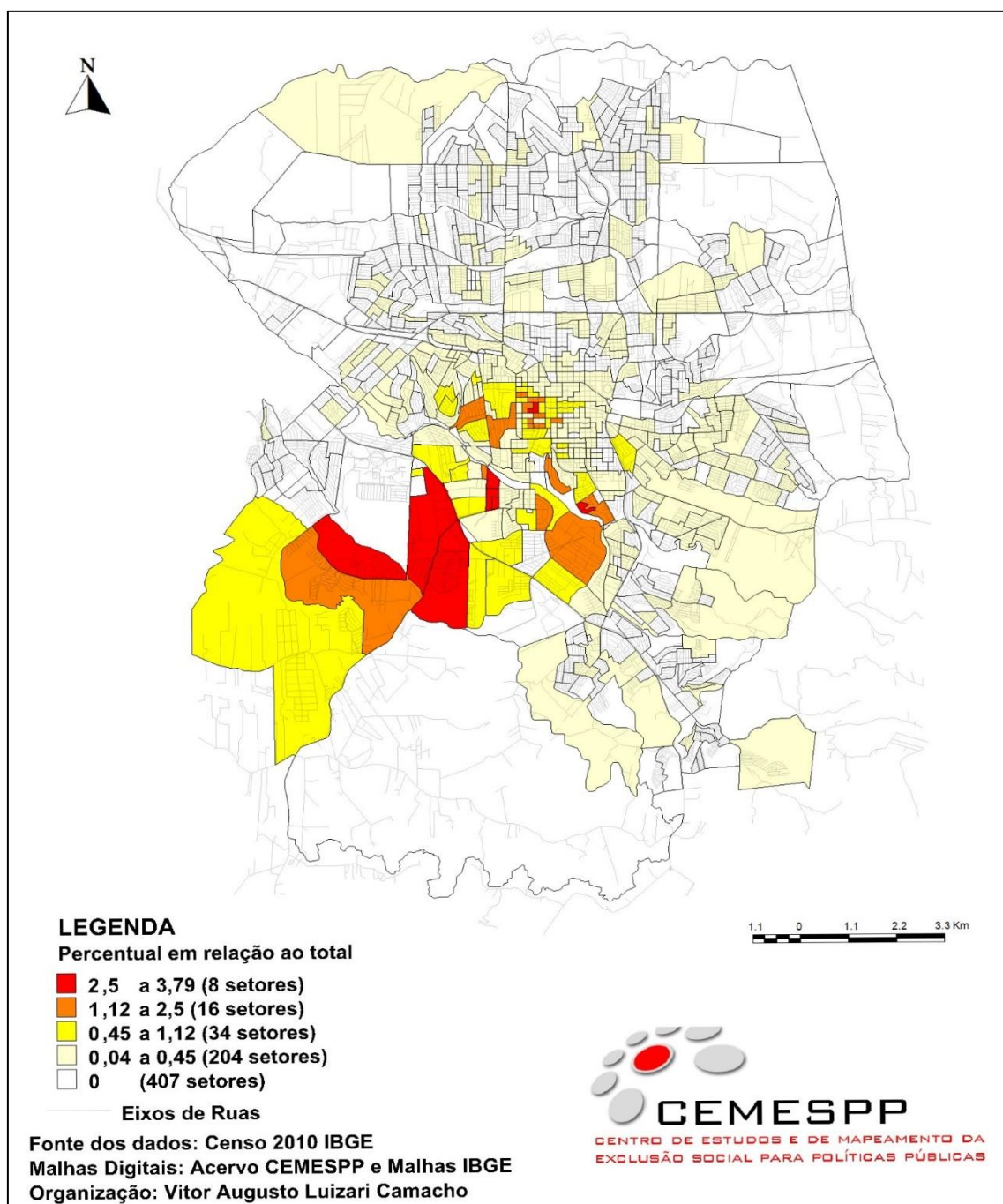
Quando comparamos dois bairros de Londrina, como o União da Vitória e Gleba Palhano, vemos a expressão da desigualdade na prática, mas podemos nos perguntar o porquê. E para ilustrar um pouco da nossa discussão nesse sentido, convido-os a analisar os Mapas 7 e 8 que trazem informações sobre os rendimentos dos chefes de família.

Mapa 8 – Londrina. Chefes de Família com rendimento até dois salários mínimos.
2010.



Elaboração: CEMESPP. Extraído do Banco de dados da PGI - ReCiMe

Mapa 9 – Londrina. Chefes de Família com rendimento superior a 20 salários mínimos 2010.



Fonte: Banco de dados da PGI - ReCiMe

Com a análise desses mapas é possível notar claramente que as pessoas que dispõem de poder aquisitivo mais alto encontram-se sobretudo no setor central, Sudoeste onde temos os espaços residenciais fechados, o bairro Gleba Palhano, que já foram apontados por Amorim (2017) como áreas de elevado valor de metro quadrado. O Gleba Palhano trata-se de um bairro mais novo que o União da Vitória,

entretanto, conta com uma infraestrutura que impossibilita uma tentativa de fazer uma comparação com o União da Vitória, tamanha a discrepância de suas características estruturais como podemos constatar por algumas fotografias. Tal fato elucida inclusive qual a influência dos agentes imobiliários e poder público no desenvolvimento de determinadas áreas da cidade.

Fotografia 39 - Londrina. Interior do bairro União da Vitória



Fonte: Trabalho de campo 2018

Fotografia 40 - Londrina. Interior do bairro União da Vitória (2018)



Fonte: Trabalho de Campo 2018

Fotografia 41 Londrina. Vista do bairro Gleba Palhano sentido centro-bairro



Fonte: Trabalho de Campo 2018

Fotografia 42 Londrina. Vista do bairro Gleba Palhano a partir do Shopping Catuaí



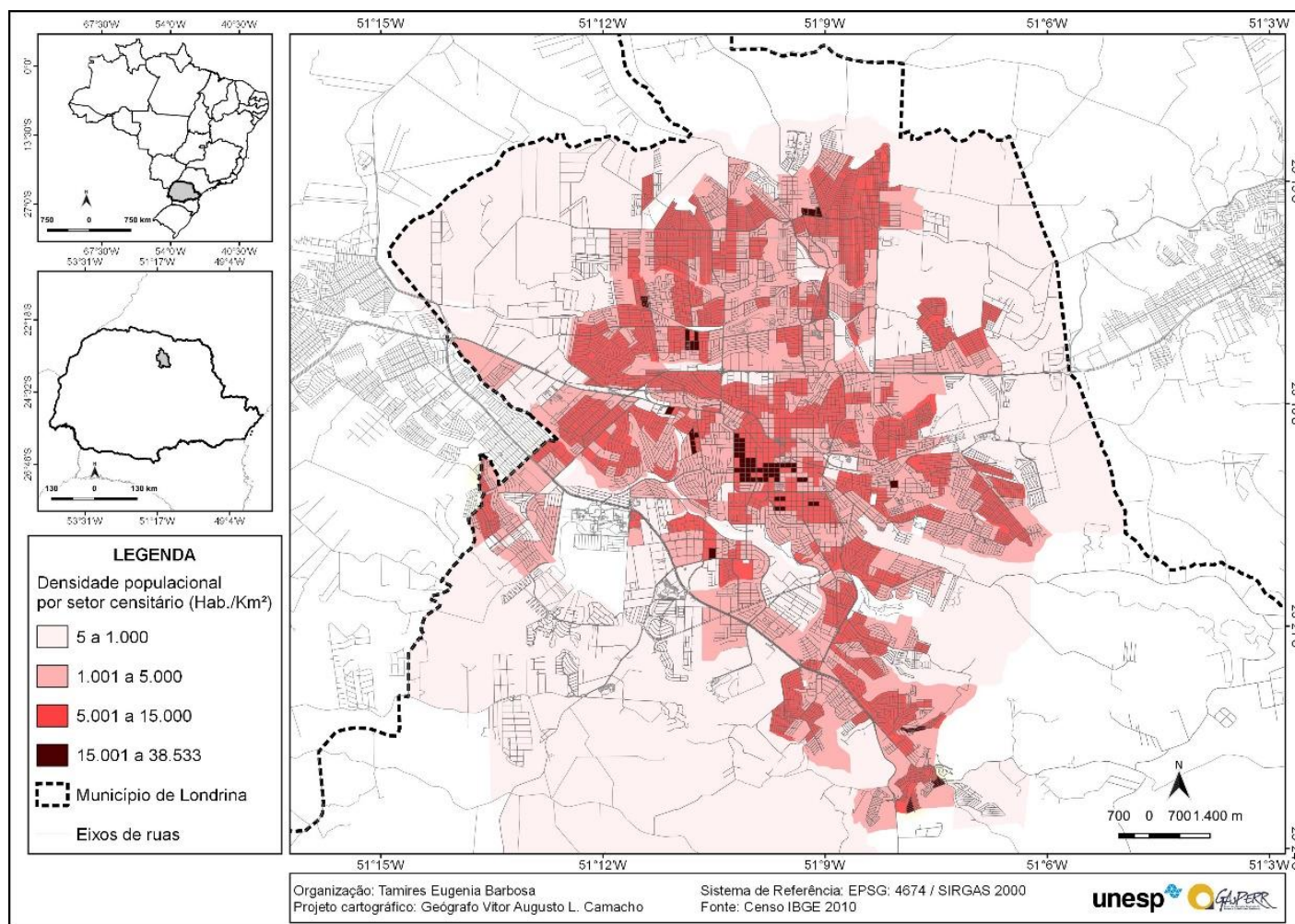
Fonte: Trabalho de Campo 2018

O Mapa 9, de densidade demográfica, revela que temos uma área mais densa, populacionalmente falando, nas cores em vermelho que estão em tom mais intenso, conforme a legenda nos indica. Vamos destacar aqui sobretudo a área central o setor

norte nas proximidades do denominado Cinco Conjuntos e o setor do bairro União da Vitória, e a partir disso reforçar que o bairro União da Vitória apresenta uma potencial área de instalação desses empreendimentos/ serviços bancários. Quando analisamos os mapas referentes à presença das Agências, Postos de Atendimento Bancário, Postos de Atendimento Bancário Eletrônico e Caixas 24 horas, (4, 5 e 6 respectivamente) estes também são ausentes nesse bairro.

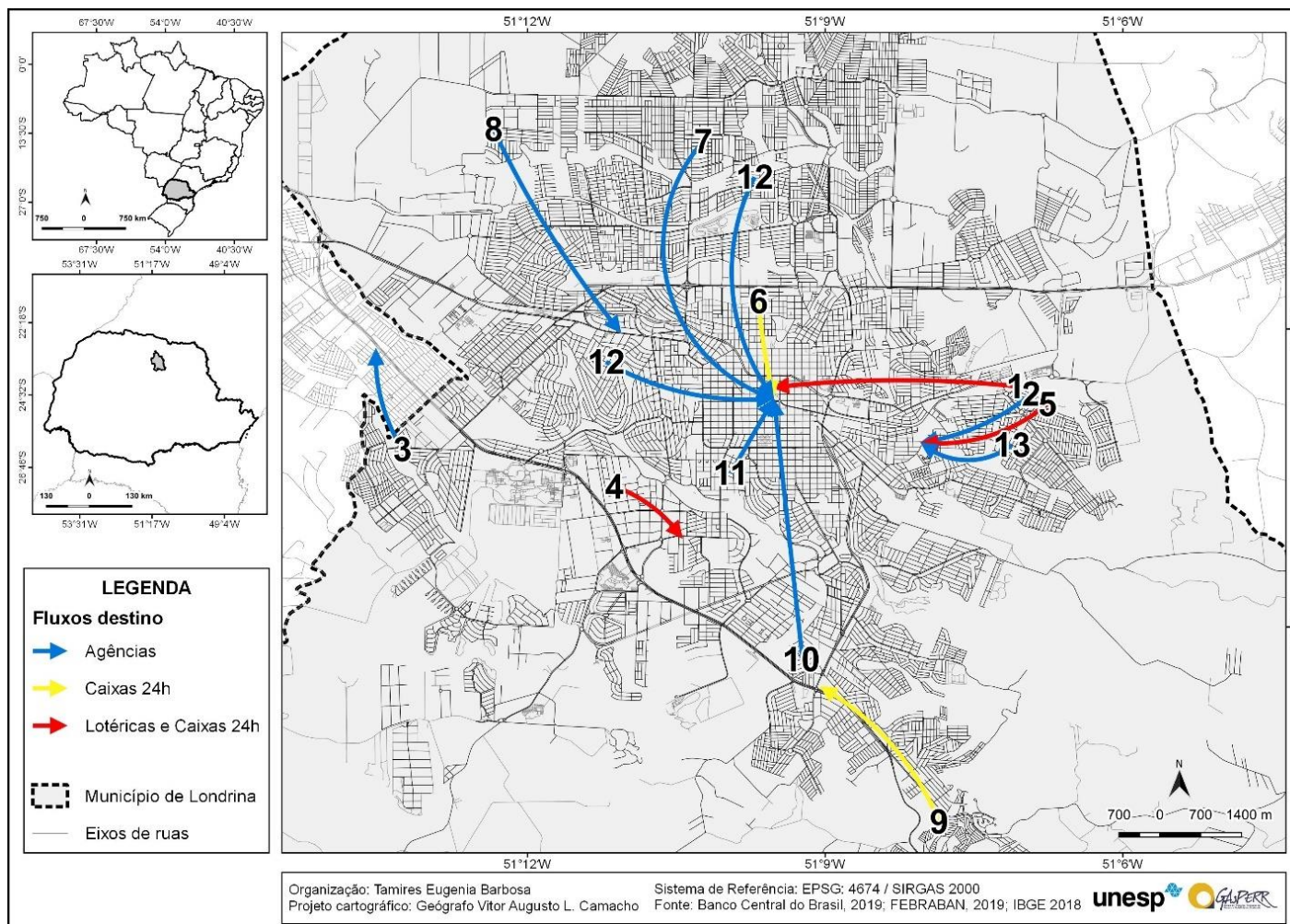
Um dado que não conseguimos analisar no mapa de densidade, e a hipótese que podemos utilizar para interpretar tal fato é por tratar-se de um fenômeno recente, é a área de expansão da cidade sentido setor leste onde também está havendo a implementação de espaços residenciais fechados, tanto com perfil que abrange as classes sociais mais elevadas quanto os mais populares.

Mapa 10 – Londrina. Densidade Demográfica, 2010.



Fonte: IBGE

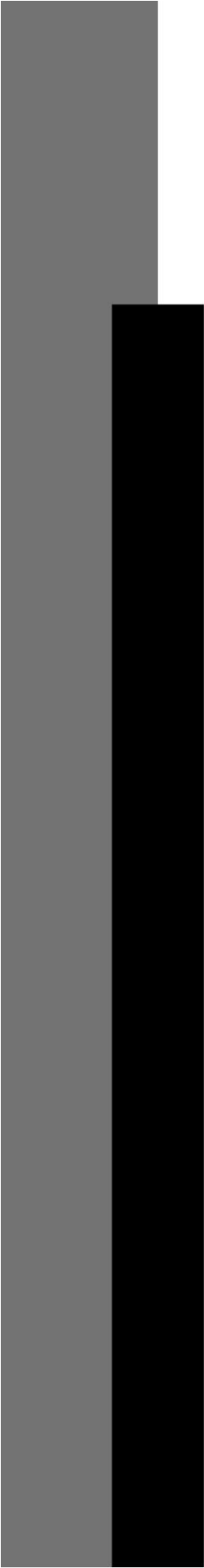
Mapa 11 - Londrina. Fluxo de deslocamento dos entrevistados para acessar serviços bancários



Fonte: Entrevistas – Trabalhos de campo

Esse mapa de deslocamento, gerado a partir de dados extraídos das entrevistas, revelam os principais fluxos de deslocamento dos entrevistados. O principal fluxo de atração ainda é o considerado centro principal, podendo incluir a Avenida Higienópolis interpretando-a como uma extensão do centro.

Outra consideração importante que devemos fazer consiste no fato de que as casas lotéricas, que podem ser utilizadas como correspondentes bancárias da Caixa Econômica, e Postos de Atendimento Bancário Eletrônico, atendem boa parte da população que não tem acesso facilitado às agências na utilização de serviços como consulta de saldo, depósito e no pagamento de contas, o que pode levar à diminuição do fluxo em direção ao centro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

Para iniciar esta seção, retomamos alguns objetivos iniciais que orientaram a pesquisa que resultou nessa dissertação de mestrado. Propusemo-nos a analisar o contexto histórico de implantação das principais redes bancárias em Londrina, investigar quais as lógicas espaciais que orientam a localização das agências, caixas eletrônicos, Postos de Atendimento Bancário e avaliar como tais lógicas contribuem para redefinir ou reforçar a centralidade urbana, buscando compreender porque foram instaladas essas unidades bancárias aqui ou ali e de que forma redefinem ou adicionam características ao perfil funcional das áreas onde estão. Tal análise foi proposta tomando como referência o enfoque orientado pelos interesses dos bancos, mas, sobretudo, as perspectivas dos usuários desses serviços.

Conforme fomos avançando na construção dessa pesquisa, com os trabalhos de campo, coleta de dados, entrevistas e suas análises, alguns debates e reflexões que não estavam previstos anteriormente foram incorporados por se revelarem importantes, mostrando que é no processo de investigar, articulando o empírico às ideias contidas na literatura que se constrói o pensamento.

Com o capítulo que abre essa dissertação, buscamos fazer uma explanação sobre o tema escolhido, apresentando-o como fruto de discussões já realizadas anteriormente em nossa monografia. Nele, sintetizamos a metodologia desenvolvida, composta por vários procedimentos, os quais foram selecionados para chegarmos aos resultados que foram apresentados.

A contextualização temática elaborada gerou questões importantes sobre a formação do sistema bancário brasileiro, apresentando como ele se distribuiu pelo Brasil e como ocorreu concentração espacial em determinadas regiões como a Sudeste, que tem as cidades que concentram as duas maiores praças bancárias do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Tratamos do perfil de localização dessas organizações na escala interurbana, mas nos chamou atenção a não presença de

serviços em certas cidades de regiões como a Norte e a Nordeste, onde o número de agências é menor, se comparado com o Sudeste e Sul do Brasil.

Londrina, uma cidade que surgiu em 1929 e se desenvolveu, inicialmente, em decorrência do plantio do café, foi elevada à categoria de município em 1934 e já teve sua primeira agência bancária instalada entre 1935 e 1936, a qual foi implantada no setor urbano que hoje desempenha o papel de centro principal.

Com o passar dos anos, os empreendimentos bancários foram se multiplicando, além de seguir a tendência de concentração espacial no centro principal da cidade, revelando-se uma lógica espacial caracterizada pela presença seletiva em novos setores e avenidas que também exercem centralidade.

O setor Sudoeste que apresentou grande expansão urbana, após a construção do Shopping Catuaí Londrina, conta com a presença de agências bancárias neste espaço comercial e de serviços. Trata-se de um setor da cidade que passou por um intenso processo de verticalização com o parcelamento do Gleba Palhano, gerando uma área residencial voltada aos estratos médios e altos. Associada a ela, a Avenida Madre Leônia Milito tornou-se a escolha espacial de várias organizações bancárias, principalmente as especializadas em serviços personalizados, que não atendem “gente normal” como a fala de uma das entrevistadas ressaltou.

Se, no setor Sudeste, esses serviços estão disponíveis de forma mais intensa, é preciso voltar a atenção para o setor Sudeste de Londrina, especificamente para o conjunto de bairros União da Vitória, que é oriundo de uma ocupação. O contraste resultante do diapasão de desigualdades em Londrina é revelado quando saímos de um bairro como a Gleba Palhano, por exemplo, em direção à União da Vitória, onde os serviços bancários não estão presentes e os moradores desse bairro não contam sequer com uma Posto de Atendimento Bancário Eletrônico da Rede 24horas.

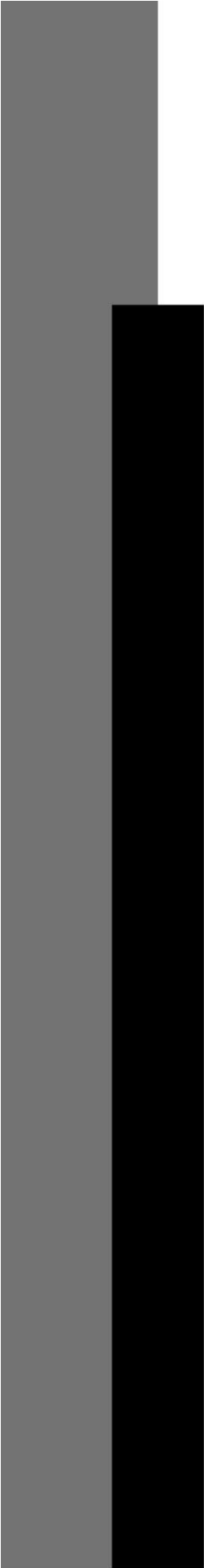
Para o caso do setor Norte de Londrina, onde se constata grande densidade demográfica, fato que foi apresentado no mapa dessa dissertação, consideramos que o número de agências poderia ser maior e espacialmente melhor distribuído. As pessoas que moram nas proximidades do denominado “Cinco Conjuntos”, conseqüentemente mais próximas à Avenida Saul Elkind, têm maior acesso aos

serviços bancários, porém os moradores dos conjuntos habitacionais mais recentes como o Vista Bela, encontram tamanha dificuldade em acessar as agências e caixas eletrônicos que optam em utilizar as agências no centro da cidade ou em outros setores, como as agências da Avenida Tiradentes, o que foi ressaltado por uma entrevistada.

A importância da presença física das agências bancárias também pôde ser apreendida por meio das falas dos entrevistados quando foi abordada a utilização de aplicativos. Alguns destacaram a diminuição de frequência de ida ao banco depois que começaram a fazer as transações pelos aplicativos que são disponibilizados para os smartphones, porém, tivemos falas de outros que seguem optando pelas agências, pois sentem medo e desconfiança do uso desses recursos tecnológicos, por já terem tido a experiência de clonagem de cartão. Além disso, também é importante considerar que parte da população ainda tem acesso limitado à internet ou se encontra no grupo de analfabetismo digital.

Essa dissertação termina levantando reflexões sobre os requisitos para a instalação dos empreendimentos bancários no espaço de uma cidade. As análises possíveis de serem realizadas por meio do conjunto de informações que aqui foram apresentadas indicam que esses requisitos podem ser associados às questões socioeconômicas, por exemplo, o que também reforça uma tendência de localização onde há um eixo ou setor de comércio mais consolidado. Por outro lado questionamos: quem é responsável pela escolha de localização de um shopping center e em medida as localizações estabelecidas atendem efetivamente as necessidades dos cidadãos ?

Terminamos ressaltando a necessidade de continuação das pesquisas no âmbito desse debate, visto que os serviços bancários são utilizados por grande parte da população, inclusive pelos mais pobres, mesmo que seja para a realização do saque de um benefício social, por exemplo. Somente a partir do contínuo debate destes elementos podemos avançar na direção de entendermos a natureza desigual e heterogênea da localização das unidades bancárias em cidades brasileiras, reflexo da própria estrutura social, econômica e política que marca nossa história.



REFERÊNCIAS

Referências

- ALCÂNTARA, Danilo M. de. Mudanças na produção do espaço urbano de Londrina (PR), São José do Rio Preto (SP) e Uberlândia (MG): análise comparativa da dinâmica imobiliária recente. (2013). 189f. Dissertação (Mestrado em Geografia).
- ALEXANDRE, M.; LIMA, G. T.; CANUTO, O. **Distribuição espacial da atividade bancária no Brasil**: dimensões e indicadores. Nova Economia, v. 15, n. 1, 2 jun. 2009.
- AMORIM, W. V. **A produção imobiliária e a reestruturação das cidades médias**: Londrina e Maringá/PR / Wagner Vinicius Amorim. Presidente Prudente, 2015. 413 f.
- ARAÚJO, T. B. **Por uma política nacional de desenvolvimento regional**. Revista
- BARBOSA, T. E. **As lógicas espaciais do sistema bancário**: reestruturação de Marília, São Carlos e Ribeirão Preto, 2015. Monografia, Presidente Prudente 15 de dezembro de 2015
- BECKER, B. K. Por que a participação tardia da Amazônia na formação econômica do Brasil? In: TEIXEIRA, A. et al. **50 anos de Formação Econômica do Brasil**: Ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado, 2009. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/Livro50AnosdeFormacao_Salvador_WEB.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2019.
- BEIDACK, A. R. S.; FRESCA, T. M. **Reestruturação urbana e novas centralidades**: um estudo sobre a zona norte de Londrina- PR. Boletim de Geografia, Maringá, v. 29, n. 2, p. 147-163, 2011
- BONI, Paulo César. **Fincando estacas!:** a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004
- BRANDÃO, R. V. da M. **O PROES e a Privatização dos Bancos Estaduais**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_adf83124319e5fa5b6bfb10d220fef86.pdf. Acesso em 20 mai de 2019.
- CONTEL, Fabio B. **Território e finanças**: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. Annablume: São Paulo, 2011
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. Série Princípios. Ática. 3 ed. 1995
- COSTA NETO, Yttrio C. **Bancos oficiais no Brasil**: origem e aspectos do seu desenvolvimento. Brasília, 2004. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/htms/public/BancosEstaduais/livros_bancos_oficiais.pdf. Acesso em 20 de mai. 2019.
- COSTA, W. M. Políticas territoriais no Brasil. SP: Hucitec, 1989.

DIAS, L. C.; LENZI, M. H. **Reorganização espacial das redes bancárias no Brasil:** processos adaptativos e inovadores. Caderno CRH, Salvador, v 22, n 55, p. 97-117. Jan/abr, 2009.

FRESCA, T.M. A rede urbana Norte Paranaense: de um padrão tipo christalleriano à uma condição de diversidade e complexidade. In: FRESCA, Tânia Maria; SALVI, Rosana F.; ARCHELA, Rosely S. **Dimensões do espaço paranaense.** Londrina: EDUEL, 2002.

GLABER, L. Caixas Econômicas. Arquivo nacional da Memória da Administração Pública Brasileira – MAPA. 9 de fevereiro de 2005. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/265-caixas-economicas-e-monte-socorro>. Acesso em: 16 de abr. 2019.

JOFFILY, José. **Londres-Londrina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MILANI, Patrícia Helena. **A produção da diferenciação socioespacial em Catanduva e São José do Rio Preto SP:** uma análise a partir do cotidiano de moradores de espaços residenciais fechados. 2016. 250 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Geografia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2016.

MINELLA, A.C. **Banqueiros:** organização e poder político no Brasil. Espaço e tempo, 1988

MOREIRA, RUY. **As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades.** GEOgraphia. Niterói, nº5, ano 3, p.1-18, 2001.

OLIVEIRA, Francisco de. Conceito da região “nordeste” no Brasil. In: **Elegia para uma re(li)gião.** 1 ed. São Paulo: Boitempo 2008. P. 152-165.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo,** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1942.

RIBEIRO SILVA, W.R. **Londrina e a reestruturação urbana.** Atividades econômicas, papéis, agentes e escalas. In: ELIAS, Denise; SPOSITO, Maria E. B.; SOARES, Beatriz R. (Orgs.). Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Campina Grande e Londrina. São Paulo: Outras Expressões, 2013, pp. 193-334.

RIBEIRO, L. C. de Q.; SILVA, E. T.; RODRIGUES, J.M. **Metrópoles brasileiras:** diversificação, concentração e dispersão. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n. 120, p. 177-207, jan. /jun. 2011.

RIBEIRO, William da S. Centralidade e produção de loteamentos fechados na cidade de Londrina-PR. In: SPÓSITO, Maria E. B, et. al., **Cidades médias:** dinâmica econômica e produção do espaço. 1ª. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2006, v.1, p. 215-234

RIBEIRO SILVA, William . **Descentralização e redefinição da centralidade em e de Londrina.** (2002). 190f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2002.

ROCHA, André Santos da. **Seletividade espacial das políticas públicas e o território urbano** – algumas reflexões. Geo UERJ, Ano 14, nº. 23, v. 1, 1º semestre de 2012 p. 99-

SANTOS, Andréa Rodrigues dos. **A Formação e a Estruturação da Economia Urbana de Londrina** – Geografia (Londrina) v.23, n. 2. p. 113-132, jul/dez, 2014

SANTOS, Andréa Rodrigues dos. **A formação e a estruturação da economia urbana de Londrina**- Geografia (Londrina) v. 23, n 2. p. 113-132, jul/dez, 2014

SANTOS, M. Urbanização Brasileira. São Paulo. Hucitec. 1993

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura da. **Brasil: território e sociedade no início do século xxi**. São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1978.

SERRA, E. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário no Paraná. **Boletim De Geografia**, 10(1), 61-94, 2011 SERRA, Elpídio. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário no Paraná. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 1, n. 10, p. 61-93, dez. 1992.

SIQUEIRA, Alexis Cavicchini Teixeira de (Org.). **A história dos Bancos no Brasil**: das casas bancárias aos conglomerados financeiros. Rio de Janeiro: Cop Editora, 2007. 344 p.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro. Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.); **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 630p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.) **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto, Gráfica Maiadouro, 2012

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org.) **A produção do espaço urbano**: agentes escalas e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001, v. 1, p. 609-643.

_____. Londrina e a reestruturação urbana. Atividades econômicas, papéis, agentes e escalas. In: ELIAS, Denise; SPOSITO, Maria E. B.; SOARES, Beatriz R. (Orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Campina Grande e Londrina. São Paulo: Outras Expressões, 2013, pp. 193-334.

VIDEIRA, Sandra L. **Globalização financeira**: um olhar sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil. Guarapuava: Unicentro, 2009.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2 ed. Studio Nobel, 2001

YAMAKI, H. **Iconografia Londrinense**. Mapas iniciais 1930-1950. Ed Humanidades, 2003

ZORTÉA, A.J. **Londrina através dos tempos e das crônicas da vida**. Ed Juriscredi LTDA, 1975.